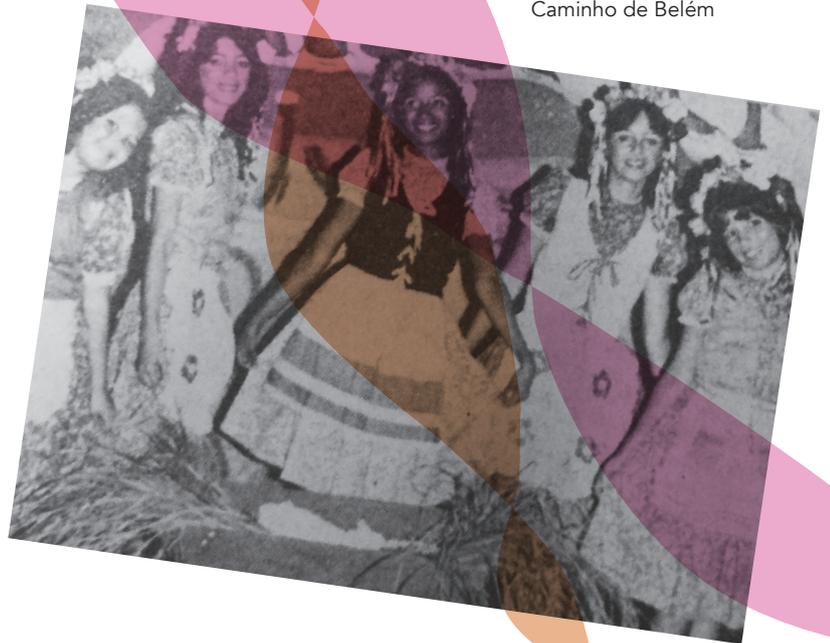


# A NOS 1980

O Boi e o Burro no Caminho de Belém



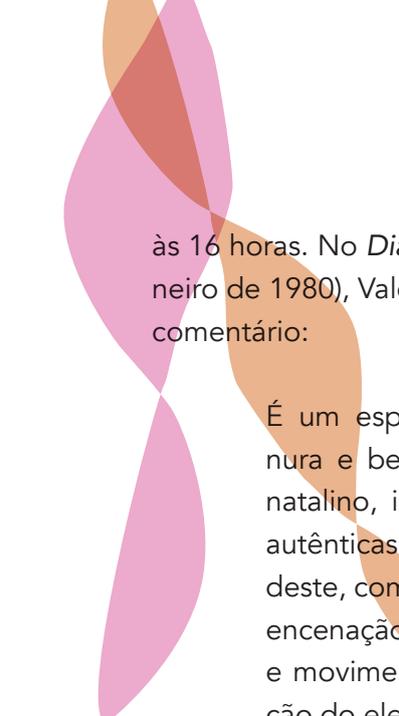
# A

década de 1980 representa o boom do teatro para crianças no Recife. Não só em termos de quantidade, mas em qualidade também. Apostando em dramaturgias inovadoras para a época (nem sempre compreendidas pelos jornalistas ou mesmo valorizadas pelo público), aos poucos, encenadores mais ousados despontaram aqui e ali. Assim, os pastiches dos contos de fadas foram sendo substituídos por temas mais próximos da realidade das crianças recifenses. No entanto, havia aqueles que ainda seguiam a mesma linha de trabalho anos a fio, sem perceber que o mundo muda e outras temáticas podem ser abordadas no teatro para crianças, inclusive, com estéticas mais contemporâneas, sem didatismos. Para alguns, a recreação antes ou depois da encenação ainda era necessária, assim como o sorteio de brindes. Outros, paulatinamente, foram mudando a cara do teatro para crianças na capital pernambucana para melhor, assumindo-o como obra de arte com algo a dizer.

Em 1980, conforme verificado nos jornais daquele ano e com dados complementares do *Anuário do Teatro Brasileiro 1980* (1980, p. 129-

115), publicação do Instituto Nacional de Artes Cênicas, trinta e um espetáculos foram levados à cena nos diversos teatros do Recife. O Teatroneco, com quatro montagens, e o Clube de Teatro Infantil, com três realizações, continuaram a ser as equipes de maior produção na cidade. O pernambucano Augusto Oliveira, do Teatroneco (há alguns anos radicado no Ceará, ele assume atualmente o nome artístico Augusto Bonequeiro), foi o diretor e autor mais presente (ainda que em seu site conste que os textos eram assinados em caráter coletivo. Disponível em: <http://augustobonequeiro.wordpress.com>. Acesso em: 24 de março de 2013), com montagens no segmento do teatro de bonecos. E a dramaturgia de Maria Clara Machado, mineira radcada no Rio de Janeiro, ficou em 2º lugar dentre as mais revisitadas naquele ano.

A 1ª semana de 1980 já foi um reflexo da intensa produção na cidade, com a continuidade de seis peças em temporada. No Teatro do Parque era apresentado *O Boi e o Burro no Caminho de Belém*, auto de Natal de Maria Clara Machado, pelo Clube de Teatro Infantil, com direção e iluminação de Leandro Filho, excepcionalmente numa terça-feira, no 1º dia do ano, com sessão



às 16 horas. No *Diário de Pernambuco* (1 de janeiro de 1980), Valdi Coutinho teceu o seguinte comentário:

É um espetáculo lírico, cheio de ternura e beleza, com um vasto sentido natalino, inclusive valorizando as mais autênticas tradições populares do Nordeste, com a inclusão de um pastoril na encenação, o que torna a peça alegre e movimentada. O nível de interpretação do elenco está bom, o cenário e os figurinos contribuem para a beleza do espetáculo. Enfim, “O Boi e o Burro no Caminho de Belém” é uma maravilhosa opção para as crianças e adultos na tarde deste primeiro dia de 1980.

Em matéria seguinte, o mesmo crítico atestou o sucesso da montagem em nova e curta temporada no Teatro Valdemar de Oliveira, aos sábados e domingos, às 16h30, por conta de reparos no Teatro do Parque. Enquanto este teatro da Rua do Hospício não fechava para breve reforma, também podia ser visto *Presepadas do Dr. Munganga*, texto, direção e coreografia de André Luiz Madureira, e figurinos de Lourdes Madureira, pelo Grupo de Teatro Infantil Bando Real, sob produção do Nuclearte (Núcleo de Arte do Nordeste Ltda.), somente aos domingos, às 16h30. Tratava-se de um espetáculo de teatro inspirado nos folguedos populares do Nordeste, com parte da equipe do Balé Popular do Recife, na realidade, a trupe que integrava um bloco de carnaval do festejado grupo de dança. No enredo, *Emília (Ana Madureira) e Visconde de Sabugosa (Antero Madureira)*, personagens do escritor Monteiro Lobato, deparam-se com uma sequência de manifestações populares como o pastoril, mamulengo, presépio, bumba-meu-boi, cavalo marinho e caboclo de lança, terminando com um grande bloco de carnaval. *Ainda no elenco, Antúlio Madureira (Tio Sam, o Dr. Munganga), Sílvia Madureira (Sílvia*

*França), Ângela Fischer, Marta Costa Rêgo e Walmir Chagas. A trilha sonora era assinada por Antônio José Madureira*, compositor responsável por diversos sucessos musicais para crianças ainda naquela década, como *Baile do Menino Deus* (1983), *O Pavão Misterioso* (1985), *Bandeira de São João* (1987) e *Arlequim* (1989), parcerias com os escritores Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima.

No Cecosne, após as festas de fim de ano, duas montagens também voltaram ao cartaz, apresentadas em sequência nos sábados e domingos. Realização do Teatroneco, *Circo da Fantasia*, sob direção de Augusto Oliveira, podia ser vista às 16 horas. *No elenco, o próprio Augusto Oliveira, Cerena Rocha, Luciano Silva, Izabel Pinheiro e Valdeck Oliveira*. Em seguida, às 17 horas, era a vez de *Viajando Pelo Brasil*, de Carmosina Araújo, direção dela e de Fernando Limoeiro, com os dois no elenco, pelo Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato, divulgado como o mais antigo do gênero no Brasil. Nesta montagem, quarenta e dois bonecos entravam em cena, com figurinos da própria Carmosina Araújo. A temporada contava com a colaboração do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Já no Teatro de Santa Isabel continuava em cartaz o musical *Os Saltimbancos*, dirigido por Adhelmar de Oliveira (Pedro Oliveira), todos os sábados e domingos, às 16h30, com ótima resposta de público. A montagem, agora não mais assinada pelo TAP-Júnior, contava com atores adultos, crianças que dançavam, além da participação do Coral Catavento, do Canal 2, da TV Jornal do Commercio. No mesmo Teatro de Santa Isabel, somente aos domingos, às 10 horas, também com bom número de espectadores, era apresentado *Domingo Alegre N° 2*, pelo Grupo Pipoquinha, sob direção de Fátima Marinho, com duas histórias: *Dom Cachorro* e *o Conde Gato e Bumba-Meu-Boi*, escritas por Osman Jordão e a própria Fátima Marinho. Ainda



A Viagem de Um Barquinho

no mês de janeiro, a Aquarius Produções Artísticas, tendo à frente o produtor Paulo de Castro, muito mais direcionado às montagens infantis do que seu parceiro na mesma produtora, Bóris Trindade, finalizou a temporada de duas de suas realizações estreadas em 1979, no Teatro Valdemar de Oliveira: *Era Uma Vez Um Circo*, com texto e direção de Rubem Rocha Filho, vista no sábado e domingo, às 16h30; e *A Viagem de Um Barquinho*, texto da carioca Sylvia Orthof, sob direção de Buarque de Aquino, somente no domingo, às 10 horas. Esta última peça tinha parceria com o Grupo Ensaio, liderado pelo próprio Buarque de Aquino.

Naquele 1º mês de 1980, o teatro para crianças era tão fervilhante que até o impensável Vivencial Diversiones, casa de espetáculos voltada para produções adultas, com cenas de *strip-tease* em algumas das propostas cênicas apresentadas madrugada adentro, abriu espaço para receber uma montagem direcionada às crianças, oriunda de Vitória, capital do Espírito Santo. Em excursão pelo Nordeste, o Grupo Ponto de Partida – não confundir com o grupo homônimo mineiro da cidade de Barbacena – era formado por estudantes da Universidade Federal do

Espírito Santo e jornalistas. A trupe capixaba trouxe àquela casa de espetáculos olindense sua versão de *Flicts*, de Ziraldo, com adaptação de Aderbal Júnior, em curta temporada de 10 a 13 de janeiro, quinta a domingo, no inusitado horário das 21 horas para o gênero em questão. O mais intrigante, ao fazer um alerta no *Diário de Pernambuco* (10 de janeiro de 1980) de que “não quer enganar ninguém e tem muita gente enganando”, era a proposta da equipe: um “teatro infantil de agressão”. A ideia era “agredir com cor e amor” a partir da conhecida trama de uma corzinha que procura reconhecer-se no mundo. A peça, em atividade desde 1978 e com prêmio ganho de melhor espetáculo no Festival Nacional de Teatro de Ponta Grossa naquele seu ano de estreia, tinha direção de Robson Silveira, com músicas de Márcia Coradine. Em Olinda, era apresentada pouco antes da montagem adulta *Bonecas Falando Para o Mundo*, com elenco do próprio Vivencial.

Em fevereiro de 1980, o Clube de Teatro Infantil estreou novo trabalho, *Macaqueca Contra a Poluição*, texto, direção e cenário de Leandro Filho. No elenco, José Soares (Dr. Poluição), Flávio César (Dr. Macaqueba), Conceição Silva (Macaquiba), Carlos Alberto (Coelho Branqui-

Macaqueca Contra a Poluição



nho), Walter Boa Vista (Burro Burrardo) e Tony Cedrin (Soldado Zé Boboca). Ainda na ficha técnica, Ozita Araújo na criação de figurinos; Gamaliel Perruci na sonoplastia e Antônio José na iluminação. Sem tempo programado para sair de cartaz no Teatro do Parque (muitos artistas criticavam Leandro Filho por esse domínio de espaço por lá, praticamente como sede do Clube de Teatro Infantil), a peça era apresentada todos os sábados e domingos, às 16h30. No enredo, um milionário planeja destruir uma floresta para construir uma fábrica em seu lugar. Seus intentos são frustrados pela ação do Dr. Macaqueba, um cientista que procura encontrar fórmulas contra a poluição (descobre, inclusive, uma vacina) e pela reação de outros animais, que lutam desesperadamente para preservar o seu habitat. Com grande matéria de capa no Caderno Viver do *Diário de Pernambuco* (5 de março de 1980), assinada pela jornalista Lêda Rivas, a peça foi saudada por seu valor didático:

De há muito, Leandro Filho – um dos batalhadores por um teatro infantil de bom nível em Pernambuco – vem sonhando em montar um espetáculo que fale dos graves problemas causados pela poluição nas áreas industrializadas ou em processo de industrialização. Com seus amigos, comentava constantemente sobre a importância desse trabalho e o caráter didático que gostaria de atribuir-lhe.

Em determinado trecho da montagem, as crianças da plateia, atendendo ao pedido dos animais e do Dr. Macaqueba, se deixavam, literalmente, “vacinar” contra a poluição. Mas sem choro e dor no braço. E tudo, claro, acabava bem para a ameaçada floresta. O interessante é que este momento da peça chamou a atenção das autoridades sanitárias do Recife e, através do Departamento de Esportes e Lazer da Secretaria de Ação Social, elas resolveram aproveitar



Macaqueba Contra a Poluição

a deixa e realizar uma vacinação infantil de verdade. O Clube de Teatro Infantil, então, assinou convênio com a Secretaria de Saúde e da Ação Social da Prefeitura Municipal do Recife, e levou a peça *Macaqueba Contra a Poluição* a postos e centros de saúde, iniciando pelos centros sociais dos bairros de Beberibe, Campina do Barreto e Tejiipió. Tudo faz crer que foi a 1ª experiência de utilizar um espetáculo de teatro para crianças como estímulo à vacinação.

Paralelamente a esta ação, uma nova estreia se anunciou em 1980: a peça infanto juvenil *Dom Chicote Mula Manca e Seu Fiel Companheiro Zé Chupança*, de Oscar Von Pfuhl, pelo elenco do Grupo de Teatro da Escola Técnica Federal de Pernambuco, ocupando o palco da própria instituição, sob direção dos professores Lúcio Lombardi e Lucide da Veiga Pessoa Reis. A montagem foi vista também na comemoração do Dia Universal do Teatro, em Natal, atendendo a convite da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte. No dia 26 de fevereiro de 1980 foi inaugurado o Teatro Joaquim Cardozo, pertencente à Universidade Federal de Pernambuco, na gestão de Marcus Accioly, espaço que foi idealizado pelo diretor e professor Milton Baccarelli. Em seguida, ressaltando que para além das casas de espetáculos pretendia levar suas peças para escolas, colégios e edu-



Vamos Jogar o Jogo do Jogo

candários, surgiu uma das mais atuantes produtoras do teatro para crianças no Recife, a Circus Produções Artísticas, com seu trabalho de estreia a partir de março de 1980: *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, texto de Antônio Fernando Bezerra premiado pelo Serviço Nacional de Teatro na categoria infantil em 1979. **Na direção, José Francisco Filho. O elenco era composto por Zélia Sales, Carlos Bartolomeu, Manoel Constantino e Buarque de Aquino, este último responsável ainda pelos figurinos e cenário. Gilberto Maymone assinava a direção musical e trilha sonora original, com quatorze composições, um dos destaques da montagem. Uma grande matéria de capa no Caderno Viver, do Diário de Pernambuco (14 de março de 1980), discorreu sobre as intenções da equipe:**

A Circus tem como meta prioritária desenvolver um trabalho incisivo e intenso no Teatro Infantil, procurando de maneira concreta penetrar no mundo da criança sem intelectualismos exagerados e através de novos textos onde a linguagem seja uma continuação da realidade/fantasia vivenciada pelas crianças. Para a Circus, fadas e príncipes não trazem nenhuma contribuição para o desenvolvimento intelectual, emocional e criativo do já tão maltratado público infantil. Tentando sintonizar com

a criança, a Circus traz como primeiro trabalho a peça "Vamos Jogar o Jogo do Jogo". (...) o autor se preocupou em fugir de determinadas regras impostas pelo dito teatro clássico infantil. Para isso ele utilizou, de maneira simples e didática, alguns jogos/brincadeiras em que diariamente as crianças se desenvolvem.

Ainda na matéria, o elenco opinou sobre o teatro para crianças realizado no Recife e contou de sua participação nesta montagem:

Para Carlos Bartolomeu "o palco já suportou por muito tempo fadas e príncipes ou os heróicos animais inconscientes das estórias teatrais, e que quando aparece um verdadeiro jogo teatral,



Vamos Jogar o Jogo do Jogo



cheio de alma da criança, se percebe muito bem a diferença entre um texto para o teatro infantil e o pretexto para as correrias desnecessárias". Já Buarque de Aquino, ator e figurinista, diz – "O trabalho como ator num espetáculo infantil, exige mais, visto que, a criança por ser mais verdadeira, procura no palco o seu próprio mundo para que e através dele possa respirar a liberdade do fantástico mundo em que está sensivelmente envolvida". Zélia Sales, que desde 1974 trabalha como atriz, (...) "Por já ter feito outros trabalhos infantis, posso dizer que, nesse espetáculo a liberdade para criar e soltar todas as energias que tenho tornou-se mais fácil, já que a direção do espetáculo não castrou cada detalhe que descobrimos nos ensaios, possibilitando essa integração que qualquer criança percebe e também se envolve sem que seja necessário picolé ou pipoca". Manoel Constantino, (...) salienta: "O que mais me tocou nesse espetáculo foi a linguagem nova e a liberdade em que vivem os personagens. A realidade e a fantasia estão no palco sem que seja necessário impor à criança um bichinho engraçado, uma máscara ou até mesmo a bruxa má que se alimenta de crianças. Estou disposto a penetrar no mundo da criança sem preconceitos e com ela brincar uma tarde inteira com o pouco/muito da criança que me resta".

No *Jornal do Commercio* (6 de abril de 1980), a crítica publicada pelo jornalista Sebastião Araújo não foi muito favorável às inovações da peça:

Em princípio, é válida a montagem de espetáculos destinados à criança que (...) além de proporcionarem divertimento, possam fornecer conhecimen-

tos outros, podendo ter o intuito, tão gratificante, de educar. Esta parece ser a proposta do texto de Antonio Fernando Bezerra – "Vamos Jogar o Jogo do Jogo" (...) No entanto, perde-se na exposição dessa proposta quando mostrada para um público especialmente infantil. Daí que tudo passa a ser um difícil "jogo do jogo" de fazer brincadeira para criança na faixa dos 4 aos 8 anos. Com essa idade, as crianças que assistem ao espetáculo fazem um esforço medonho para conseguir captá-lo em toda sua plenitude. É aí onde está o pecado (...), querendo apresentar a essas crianças coisas sérias. Tenta discutir com elas problemas, por exemplo, ligados a lances de multinacionais, agentes secretos, exploração geográfica (...) Acontece que a criança fica naquela de passar o tempo todo perguntando ao acompanhante o que é isso, o que é aquilo. "Vamos Jogar o Jogo do Jogo" devia ser mais para uma platéia juvenil,

Vamos Jogar o Jogo do Jogo



que pudesse perfeitamente, mergulhar a fundo nas mensagens do espetáculo. O texto é forte e bonito. Não se prende à correrias e palhaçadas desnecessárias, que se costuma ver em alguns espetáculos do gênero. Aborda uma temática nova, bastante inteligente mas que acontece de se perder um pouco. É uma brincadeira de achar um “segredo” perdido nas mãos de um “velho”, disputado entre “empresas nacionais e estrangeiras”, por mexicanos, chineses, em meio à florestas, montanhas. Os atores resolvem inventar um jogo diferente e criam o jogo do próprio jogo, uns tentando iludir outros. (...) A criança tenta encontrar uma maneira de participar do espetáculo e não consegue. Só mesmo nos instantes finais ela tem uma certa vibração (...) As músicas de Gilberto Maymone salvam a montagem (...) Manoel Constantino, um ator que está em grande “pique” no teatro pernambucano tem uma marcante presença em cena. (...) Zélia Sales, está bem mais solta. Carlos Bartolomeu aparece divertido em várias ocasiões. Já Buarque de Aquino, fazendo o “velho”, não está lá essas coisas. Partiu para uma composição que não convence. Cenários e figurinos são razoáveis. “Vamos Jogar o Jogo do Jogo”, apesar de manter a casa cheia, se conseguisse obter a total participação da criança, com a exteriorização de suas necessidades afetivas, somente ganharia em tornar um fim de tarde esplêndido porque tem muita coisa boa em cena.

O espetáculo ficou em cartaz por quase três meses, aos sábados e domingos, às 16h30, até final de maio de 1980, no Teatro Valdemar de Oliveira. Somente em 1981 retornou à cena. No entanto, muitas outras peças foram estreando



Brincadeiras

ainda em 1980. No auditório Roquette Pinto, da Fundação Joaquim Nabuco, no bairro de Apipucos, quase não utilizado para teatro, entrou em cartaz o musical *Brincadeiras*, pela estreante Cooperativa Teatral Boca de Forno, com direção e músicas de João Batista. O texto do baiano Raimundo Matos de Leão ganhou o 3º lugar no Concurso Nacional de Dramaturgia Infantil promovido pelo Serviço Nacional de Teatro, em 1977. **No elenco, Carlos Carvalho, José Ramos, Maria Oliveira, Patrícia Mendes (Patrícia Breda) e Conceição Camarotti.** A peça pretendia atingir a criançada, mas também pais e familiares, já que era composta por antigas brincadeiras de infância mescladas a temas atuais como ecologia, poluição e TV. Pouco depois, a montagem ficou em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira e, por forças de circunstância trágica com o incêndio daquele teatro, foi transferida para o Teatro do Derby (e não mais Derbi). No auditório do Cecosne, somente aos domingos, às 16h30, continuou em temporada *Zeca e Muqueca na Terra de Sapeca*, 1º trabalho do Grupo Mamulengo, de Olinda. **Com texto e direção de Ângela Belfort, a peça contava com músicas de Severino Correia.** Em cena, eram utilizados, além de bonecos de luva, bonecos de vara, recurso ainda pouco conhecido no Recife naquele momento, segundo a equipe. Mais pistas sobre sua constituição e a própria montagem foram dadas pelo *Diário de Pernambuco* (6 de julho de 1980):

Formado exclusivamente por professores, o trabalho busca mostrar às crian-

ças a importância de se defender a ecologia e o meio ambiente, motivando-se também para um convívio sadio com os amigos, parentes e até desconhecidos. Através dos bonecos Zeca e Muqueca, dois trelosos que à convite de Sapeca visitam a terra dos bonecos, as crianças da platéia ficarão conhecendo como é a vida nessa terra diferente, onde não existe o mal. (...) Quando Dondon, que sonhava ser gente, consegue permissão para visitar o mundo dos homens, em apenas meia hora vê a miséria, a injustiça, a ganância e outros males que atingem os humanos. Arrependida, volta a sua terra e passa a viver feliz como uma boneca comum.

A peça passou quase dois meses em cartaz e participou do I Fórum Nacional de Teatro, em agosto de 1980, na cidade de Salvador. Fernando Oliveira cuidava da produção, numa realização da Cearte, com patrocínio do Ministério da Educação e Cultura. Já no recém-lançado Teatro Joaquim Cardozo, aos sábados e domingos, às 16 horas, a opção era *Bom Bom no Mundo do Teatro*, de Dudu Barreto e Yara Silveira, pelo grupo Artis-Hoje. Direção de José Lopes Filho. No elenco, Marcos Silva, Bartolomeu Cavalcanti, Elúzia Ferreira, Ana Nascimento, Rejane Leandro e Glória Smith. O Clube de Teatro Infantil também voltou à cena com novo trabalho, *Uma Eleição na Floresta*, texto e direção de Leandro Filho, com figurinos e cenário de Ozita Araújo e iluminação de Antônio José. Permaneceu em temporada no seu palco oficial, o Teatro do Parque, aos sábados e domingos, às 16 horas, contando com os atores Lívio Júnior, Carlos Alberto, Paulo André, Conceição Silva, Paulo de Tarso Lins, Walter Boa Vista, Ivaldo de Souza e Jane Lion.

Fundado em outubro de 1977 e até então apenas com esquetes encenados, o Grupo de Teatro

Renovação, do Sesc de Casa Amarela (quando ainda funcionava na Rua Dona Ana Xavier, no centro comercial do bairro de Casa Amarela), estreou um 1º espetáculo em 1980, *Pluft, o Fantasma*, de Maria Clara Machado, sob direção de José Manoel, em cartaz naquela instituição, somente aos domingos, às 16 horas, com proposta de visitar vários subúrbios do Grande Recife. No elenco, Thânia Rocha (Pluft), Eliane Carneiro (Maribel), Gilda Moraes (Mãe Fantasma), Fernando Antônio Duque (Tio Gerúndio), Osiel Santos (Perna de Pau), Rômulo Bezerra (Julião), Carlos Alberto Moraes (João) e Maciel José (Sebastião). Na ficha técnica, iluminação de Jorge Moraes (também ator coringa); cenários e figurinos de Teka Miranda; e maquiagem de Adelmo Matos.

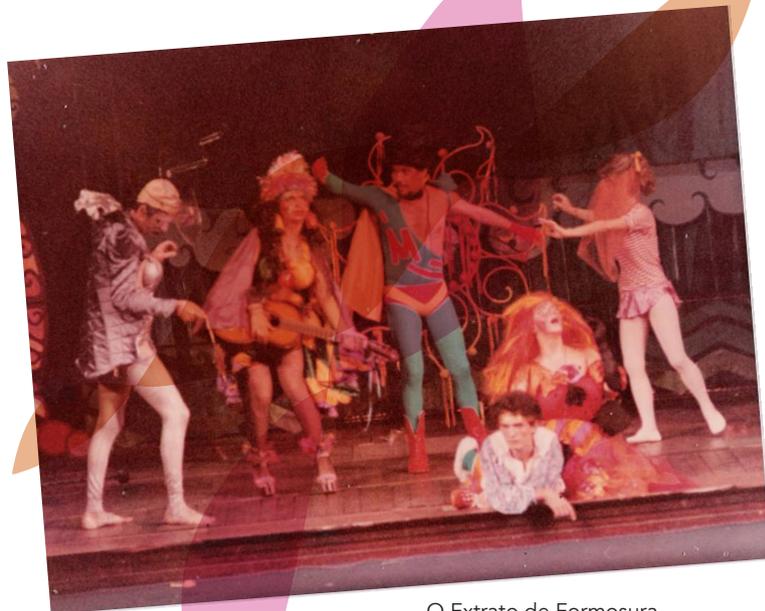
E finalmente também a Aquarius Produções Artísticas lançou nova montagem, em superprodução, *O Extrato de Formosura*, texto e direção de Eduardo Maia, hoje um conhecido astrólogo, em cartaz aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. A obra nasceu originalmente como roteiro cinematográfico em 1973, mas ganhou adaptação inicial para o teatro. No elenco, Ivonete Melo, Ângela Botelho (também responsável pelas coreografias), Maria Selma, Tonico Aguiar, Fred Cutie Bets, Celeste



Jerônimo, Fred Francisci, Sérgio Sardou e João Falcão – esta foi sua estreia em espetáculo de teatro profissional, já que antes só havia feito, como bailarino, *Morte e Vida Severina*, pela mesma Aquarius Produções Artísticas em parceria com o Grupo de Dança Trampolim, ainda em 1980.

O *Extrato de Formosura* foi puro luxo! A música original era uma criação de Flaviola, composta direto do Rio de Janeiro pelo artista, com direção musical de Tonico Aguiar. O cenário, em dois planos, era assinado por Humberto Peixoto; figurinos, por Daniel Maia – artista que também estava no Rio –; e maquiagem de Múcio Catão. O texto fazia parte da *Trilogia das Essências*, do autor Eduardo Maia, composta ainda pelas obras *Nos Anéis de Saturno*, peça estreada antes em São Paulo e, depois, no Recife, em 1972, pela Trupe Júpiter, sob direção do mesmo; e *A Fonte da Juventude*, que se transformou no 1º vídeo arte de ficção infantil em Pernambuco, lançado em 1981. Com muito bom humor e apostando no universo mágico, o enredo de *O Extrato de Formosura* começa quando uma menina, Lilha, pede à sua madrinha, a deusa Vênus, uma poção para ficar mais bela. A partir daí, entidades exóticas – com nomes divertidíssimos como Jupira Ojuara, a Índia de Coxas Odara ou Sereiete, a Bruxa da Ilha do Nunca – passam a disputar o tão desejado extrato da formosura.

Os produtores alardearam que era a peça de maior gasto no teatro para crianças até então. Tanto que, para sanar parte das despesas, a montagem contou com uma *avant-première* em parceria com duas colunistas sociais, Thaís Notare e Fátima Bahia, que convocaram enorme público de gente da sociedade. Metade da renda dos ingressos foi para elas e a outra metade para a produção teatral. Além disso, Eduardo Maia correu às escolas particulares e públicas com o projeto *Aurora Vênite Crepúsculo*, pro-



O Extrato de Formosura

pondo uma conversa com os alunos antes da ida ao teatro nos sábados e domingos, além de trabalhos posteriores, escritos e em forma de desenho, tudo para discutir a temática do espetáculo como projeto artístico pedagógico complementar. A ideia deu certo, mas sem estas duas iniciativas, ainda que o ingresso fosse o mais caro daquele momento para o gênero infantil, a produção não teria tido retorno do investimento.

Por ter apresentado um pequeno trecho da peça na *Feteape Revista*, programação especial de teatro e dança com a participação de dezoito atrações e renda direcionada à Federação de Teatro Amador de Pernambuco, em julho de 1980, no dia da posse de sua nova diretoria, com Paulo de Castro na presidência e José Francisco Filho na coordenação de teatro infantil, o crítico Valdi Coutinho despertou ainda mais curiosidade no *Diário de Pernambuco* (25 de julho de 1980):

Pelo que pude ver na pequena mostra de “O Extrato da (sic) Formosura”, na festa da Feteape, o espetáculo prima pela originalidade e força do seu visual, cujo trabalho criativo ficou a cargo do artista plástico Humberto Peixoto. Realmente, os cenários são belíssimos, de uma originalidade impressionante, um colorido maravilhoso. A caracterização dos personagens também impressiona,



O Extrato de Formosura

com indumentárias criativas e originais, bem adequadas aos diversos personagens da peça. É o tal caso: o visual desta peça por si só será capaz de despertar a curiosidade, o interesse e a atenção da criança, sem esquecer os efeitos comunicantes que despertam nos adultos. (...) Ivonete Melo, Cutie Bets e Celeste {Jerônimo} já deram uma demonstração muito boa do nível interpretativo do elenco.

Em grande entrevista de capa no Caderno Viver, do *Diário de Pernambuco* (24 de julho de 1980), o autor e diretor Eduardo Maia questionou o teatro para crianças feito até então e reforçou o caráter experimental de sua obra, destacando, inclusive, cada personagem concebida por ele:

“O Extrato de Formosura” é um espetáculo infantil experimental. (...) refiro-me à porção infantil de todas as pessoas, crianças ou não. O mundo para mim divide-se em duas partes: racional e outra mágica. A parte infantil está ligada à parte mágica. Assim, procuramos fugir de um reducionismo que é determinado para a compreensão do que seja teatro infantil. (...) A peça é em cima do binômio beleza-feiura. (...) A princípio consome-se a ideia de se adquirir um extrato de formosura que passado no

rostro, ganha-se a beleza. Porém, aos poucos vê-se que o efeito do extrato é passageiro. Por fim a mensagem toda fica na boca do personagem “Mercúrio” que transmite um conceito de beleza voltado para as virtudes do espírito. (...) Os personagens – exceto “Lilinha”, a menina – são arquétipos. São irrealis, impessoais. Assim, eu divido-os em exóticos, com “x” e esóticos com “s”. Então, de um lado as “feuriáceas” que (...) têm relação com os elementos da natureza: “Jupira” pertenceria ao elemento terra, “Madame Mínima” ao fogo, “Skylábara” ao ar e “Sereiete” à água. (...) Agora os personagens “esóticos”, com “s”: Cupido – é um princípio de ligação entre as coisas, da qual o amor é apenas uma das consequências. (...) “Vênus” (...) é a preocupação de tudo e de todos pela beleza. Inclusive a linguagem dela é mais coreográfica do que por palavras. (...) “Mercúrio” – representa o princípio da comunicação da inteligência. Ele é normalmente conhecido como mensageiro dos deuses.

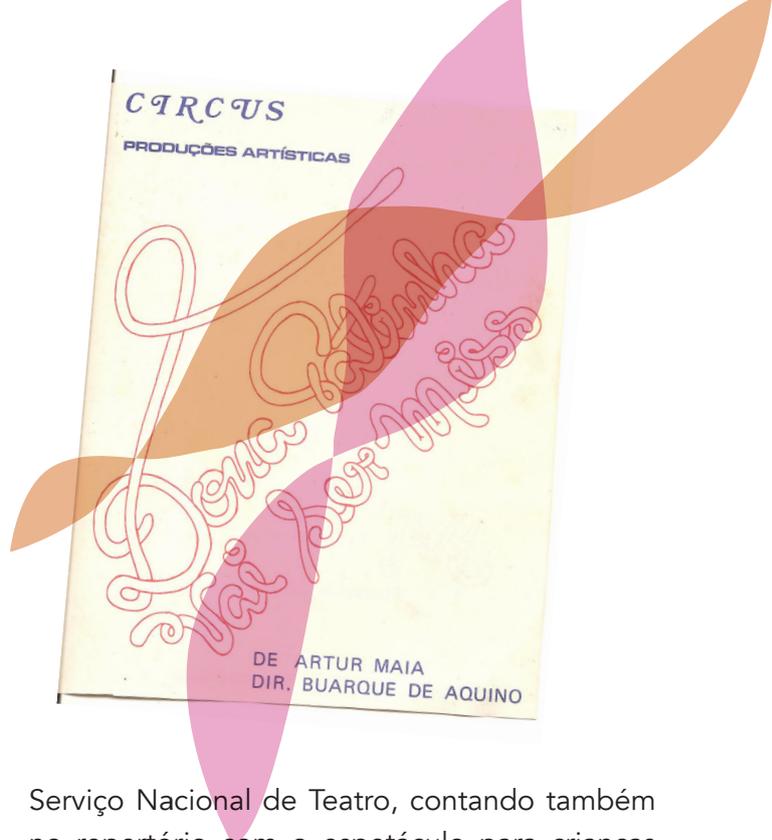
Curiosa foi a polêmica que acompanhou a personagem feminina Sereiete, vivida pelo ator Fred Cutie Bets. Por trazer um homem no papel de mulher – uma bruxa, na verdade – teve gente enviando cartas às redações dos jornais para reclamar. A personagem foi lançada na 1ª peça da trilogia, *Nos Anéis de Saturno*, em produção paulistana e sofreu restrições na montagem recifense. Na época, por não encontrar uma atriz para o papel, Eduardo Maia resolveu convidar o próprio Fred Cutie Bets para interpretar esta bruxa que é metade mulher, metade sereia, mas sem trejeitos femininos. A escolha não agradou em nada as religiosas da Fafire, onde a Trupe Júpiter se apresentava, e a polêmica acompanhou a montagem por onde ela passou. Oito anos depois, em 1980, novamente preconceito

por parte do público! Mas esse íterim não atrapalhou o sucesso da montagem, que ainda trazia uma outra personagem polêmica, ainda que menos, Skylábara, a Bárbara dos Céus Orientais, um ser híbrido vivido por Fred Francisci. No decorrer da temporada e por questões pessoais, o ator acabou sendo substituído pela atriz Fátima Aguiar. Ainda entraram como substitutos, Miriam Juvino (no lugar de Celeste Jerônimo) e Gilberto Maymone (no papel vivido por João Falcão). No total, foram três meses de elogiada temporada no Teatro de Santa Isabel em 1980, com certo lucro até. A montagem não retornou mais à cena por conta dos diversos compromissos de Eduardo Maia, cada vez mais envolvido com a Astrologia.

Na cidade de Washington, nos Estados Unidos, contando com dois mil e quinhentos participantes de todo o mundo, aconteceu em julho de 1980 o XIII Festival Internacional de Bonecos, promovido pela Unima (União Internacional de Marionetistas). A Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) levou como atrações nacionais o Grupo Giramundo, de Minas Gerais, e o Mamulengo Só-Riso, este último com o espetáculo adulto *Festa no Reino da Mata Verde*. No jornal *O Estado de S. Paulo* (26 de julho de 1980), o grupo pernambucano recebeu elogios:

E em matéria dos espetáculos apresentados, o Brasil fez bonito. (...) "Festa no Reino [da] Mata Verde", mostrada pelo Mamulengo Só-Riso (de Olinda) foi um dos grandes sucessos de todo o encontro. (...) o seu sabor de festa popular, a luta contra a autoridade, o desfile ininterrupto de folguedos e danças fizeram com que a maioria dos congressistas o colocasse como o espetáculo mais vital de todos os apresentados.

Voltando ao Brasil, o grupo foi convidado a excursionar pelo país, em projeto financiado pelo



Serviço Nacional de Teatro, contando também no repertório com o espetáculo para crianças *Carnaval da Alegria*. No elenco, Fernando Augusto Santos, Nilson de Moura, Carlos Carvalho, Walther Holmes e Otávio Coutinho. Ainda em 1980, quem passou a investir em nova montagem foi a Circus Produções Artísticas com *Dona Patinha Vai Ser Miss*, peça de Artur Maia, sob direção de Buarque de Aquino, responsável também pela criação de figurinos e cenário. No elenco, Geane Bezerra (Dona Marreca), Augusta Ferraz (Dona Patinha), Flávio Freire (Macaco), João Maria (Sr. Raposo) e Moisés Neto (Coelho). No *Diário de Pernambuco* (26 de julho de 1980), anunciaram:

Trata-se de um texto inteiramente infantil, com uma linguagem e montagem destinadas a atingir esse público. Conta a estória de cinco animais que buscam convencer dona Marreca de que nem só o dinheiro consegue tudo, um dito popular muito usado e que condiciona, falsamente, a felicidade ao poder econômico, esquecendo e até mesmo sufocando uma outra máxima de maior positividade: o amor tudo pode. "Dona Patinha Vai Ser Miss" é uma estória alegre e divertida que fala muito do amor, revelando e ressaltando o significado de valores que estão

sendo relegados a segundo plano pelos adultos, entre os quais os de solidariedade, amor e esperança.

O Conjunto Cênico Arboreal também produziu novo espetáculo, o de maior público infantil em 1980, a comédia *O Circo Rataplan*, de Pedro Veiga, com direção de Ulisses Dornelas, que chegou a comemorar cinco meses de apresentações de sucesso no Teatro de Santa Isabel, sempre aos domingos, às 10 horas, seguindo proposta lançada pelo Grupo Pipoquinha em 1979 ao ocupar, com sucesso, o espaço das manhãs dominicais no Teatro de Santa Isabel – vale registrar que em 1939 as primeiras peças para crianças naquele palco eram sempre apresentadas às 10 horas, também nos domingos. Como sempre faz, o produtor, diretor e ator Ulisses Dornelas levou sua personagem, o Palhaço Chocolate, para animar a criançada no prólogo da peça, junto à Boneca Maluquinha, vivida pela atriz Lenormande Lima. No elenco, João Cavalcanti (Sr. Furioso), Ismar Silva (Palhaço Rataplan), Feliciano Félix (Mágico), Marlene Costa (Bailarina Deyse), Milton Soares (Macaco Simão), Roberto Lopes (Urso Teddy), Rejane Tavares (Coelhinho Cenoura) e Pedro Hildon (Onça Me Deixa). Participação

Palhaço Chocolate



especial do grupo musical Charanga, composto por Hélio Barbosa, Goda Batera, Chico Tampa, Edvan Carneiro e Célio Rogério. O produtor Ulisses Dornelas esclareceu seus objetivos em entrevista ao *Diário de Pernambuco* (4 de outubro de 1980): com este trabalho, a proposta era trazer “uma grande mensagem de amor. Isso sem esquecer os aspectos recreativos”. Sorvetes eram distribuídos como brinde e até mesmo o Papai Noel marcou presença durante o Natal.

Se a maior bilheteria de 1980 no teatro para crianças foi *O Circo Rataplan*, os elogios pela ousadia estética e de temática voltaram-se para *O Extrato de Formosura* e uma outra realização da Aquarius Produções Artísticas, com o mesmo produtor Paulo de Castro à frente e estreia logo após, *Maria Minhoca*. Esta foi anunciada como a 4ª versão do texto de Maria Clara Machado assinada pelo também diretor Paulo de Castro, inclusive como ator, depois substituído por Jader Austregésilo, com ritmo mais dinâmico e inserção do Ballet Corpo Vivo, em coreografia de Diana Fontes. Com apoio do Serviço Nacional de Teatro, o espetáculo cumpriu temporada de sucesso no Teatro Valdemar de Oliveira, aos sábados e domingos, às 16h30, até o dia 19 de outubro de 1980, quando uma tragédia se abateu no início de mais uma apresentação. Mas antes de tratar deste fato, vale citar um comentário crítico da colunista Zenaide Barbosa, na coluna *Viver Feminino*, do *Diário de Pernambuco* (10 de outubro de 1980):

No elenco estão João Ferreira, numa criação singular do personagem, “Mister Bulldog”, Celeste Ribas no papel título, fazendo uma “Maria Minhoca” atual, Paulo Estevam fazendo o galã “Colibri”, Jader Austregésilo no papel de “Capitão Quartel”, José Francisco Filho, como “Fon-Fon” compõe o quadro de intérpretes com um nível equilibrado. O guarda-roupa é sem dúvida



Maria Minhoca



Teatro Valdemar de Oliveira Incendiado

um trabalho criativo que tem a marca de Diva Pacheco, que ficou muito à vontade em fazê-lo, devido a sua experiência no drama da "Paixão de Cristo" de Nova Jerusalém. De forma que tudo resultou num colorido harmonioso, realçado pelas luzes estroboscópicas.

Pois foi exatamente por conta de um curto-circuito em uma luz negra, que uma chama tomou a cortina do teatro, espalhou-se e destruiu o Teatro Valdemar de Oliveira quase que completamente. De grande proporção, o incêndio causou comoção nacional. E numa ação louvável da Polícia Militar, as quatro peças que lá estavam em cartaz foram transferidas para o Teatro do Derby, espaço com quatrocentos lugares. Eram duas adultas: *Toda Nudez Será Castigada*, da Skene Produções Artísticas, e *A Resistência*, da Companhia Práxis

Dramática; e as infantis *Brincadeiras*, da Cooperativa Teatral Boca de Forno, e *Maria Minhoca*, da Aquarius Produções Artísticas. As equipes não pagaram aluguel, mas tiveram que arcar com os custos de iluminação, som e montagem. José Pimentel ficou à frente da organização técnica. E em meio àquela tragédia, um quase esquecido palco voltou a funcionar na capital pernambucana, mais à frente recebendo o Festival de Teatro do Recife em suas três edições.

Com o mês de outubro, novas produções tentaram atrair o público infantil. Voltando a ocupar o Teatro do Parque, o Clube de Teatro Infantil iniciou temporada de *O Planeta dos Palhaços*, de Pascoal Lourenço, apostando agora no horário das 10 horas dos domingos. No enredo, dois garotos partem num foguete para o planeta onde estão todos os palhaços fugidos da terra, isto porque os homens não creem mais no amor. A direção era de Leandro Filho, com numeroso elenco de quatorze componentes: Paulo de Tarso Lins, Silvana Bianchi, Conceição Silva, Luiz de França, Biu Mendonça, Jonira Máximo, Paulo André, George Souto Maior, Djalma Almeida, Rita de Cássia Lins e Silva, Hideraldo Almeida, Carolina Máximo, Andréa Barros e Luciana (esta última, sem registro do sobrenome). "Trata-se de



O Planeta dos Palhaços

um espetáculo muito bonito, gostoso de se ver e fácil de compreender, especialmente, cheio de alegria, ternura e lirismo”, referendou o *Diário de Pernambuco* (13 de outubro de 1980).

Já o Grupo Panacéia voltou a apresentar a produção infanto juvenil *Ninar, Adormecer e Sonhar*, com autoria e direção de Romildo Moreira, no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC), em Olinda (começando dentro dele, mas terminando ao ar livre, na rua em frente). Sobre suas razões para escrever a peça, Romildo Moreira revelou ao *Diário de Pernambuco* (25 de julho de 1981):

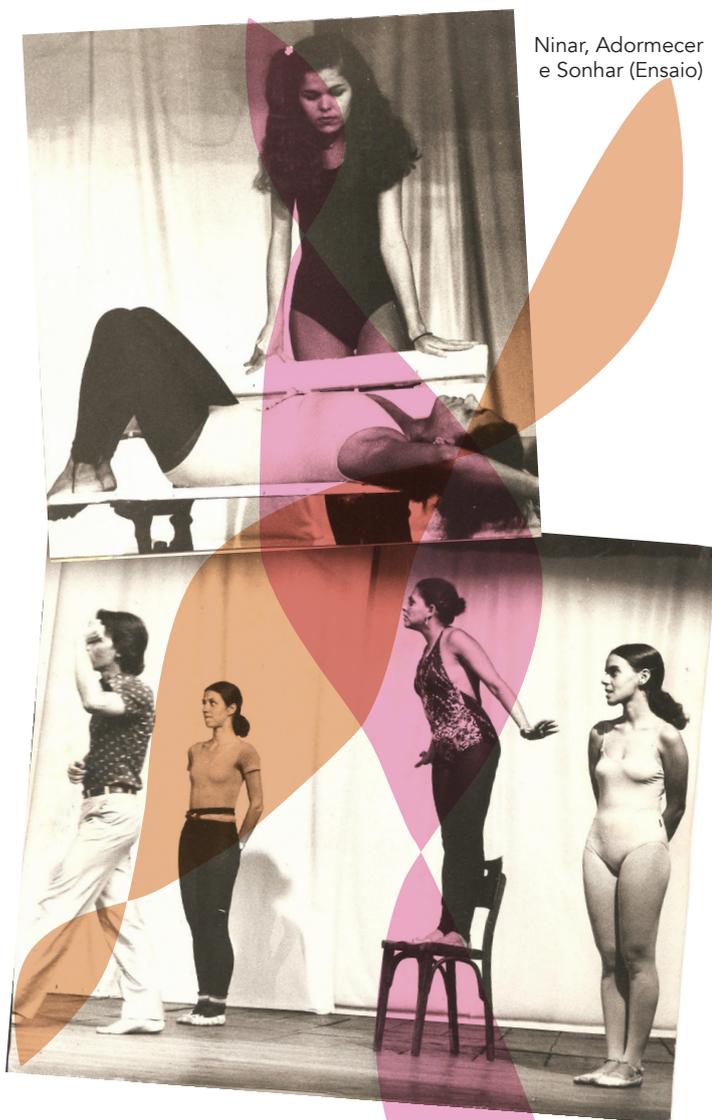
A razão primeira que me fez escrever uma peça para o público pré-adolescente, foi justamente a de não encontrar nos textos infantis, um texto que tivesse

um conteúdo político mais engajado, que desse um ponto de reflexão aos que não mais se interessam por historinhas de bichinhos, fadinhas e bruxinhas (...) esta carência de um trabalho dirigido a um público acima dos 10 anos, me fez escrever “Ninar, adormecer e sonhar”, um texto onde existe a preocupação de mostrar passagens da vida adulta, sem apontar o certo ou errado.

A montagem, que já havia participado do III Festival de Inverno da Unicap, fazia parte do programa de animação cultural do MAC, em Olinda, promovido pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, com entrada franqueada ao público. “Logo após a encenação da peça haverá atividades de recreação com a platéia, sempre em torno do que sugere o espetáculo, sob o comando de Valdi Coutinho”, lembrou o *Diário de Pernambuco* (18 de outubro de 1980).

No elenco atual, Alba Lúcia, Carmelita Pereira, Marcus Henauth, Glauce Laxe, Márcia Rocha e Nildo Barbosa.

Com o espetáculo *Flicts, a Cor*, um novo grupo teatral surgiu no Recife, o Traquinagem Trupe, estreando com este texto de Aderbal Júnior a partir da obra de Ziraldo, em cartaz aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro do Parque. As músicas e direção eram do estreante João Falcão, já reconhecido por Valdi Coutinho, no *Diário de Pernambuco* (17 de outubro de 1980), como “um jovem talento, que já se destacou como ator (O Extrato da (sic) Formosura) e agora se inicia como encenador”. No elenco, Patrícia Barreto (*Flicts*), Manoel Constantino (*Branco, Astronauta e Johann Faber*), Verônica Monteiro (*Vermelho*), Paulo Caldas (*Amarelo*), Paulo Barros (*Violeta*), Pompéia Germana Feliciano (*Azul*), Cida Melo (*Azul Anil*), Rutilio de Oliveira (*Laranja*) e Celeste Jerônimo (*Verde*). No livro *Casa de Espetáculos: Crônicas, Críticas e Comentários* (2009, p. 84-85), organizado por Romildo Mo-



Ninar, Adormecer e Sonhar (Ensaio)

reira, o crítico Enéas Alvarez relembrou crítica sua publicada na época, no *Jornal do Commercio* (18 de novembro de 1980), comemorando o sucesso da montagem, 1ª e única da equipe:

O difícil texto de Ziraldo e Aderbal Jr. foi um prato feito para os moços da Traquinagem trupe. João Falcão, jovem e iniciante na arte, provou que é capaz de uma realização teatral adulta, ainda que destinada a crianças. Foi ele capaz de emprestar ao grupo uma uniformidade a (sic) toda prova e de conseguir efeitos de direção admiráveis, sem falar nas músicas de composição sua, tudo somado num espetáculo agradável e que qualquer adulto pode ver (...) O elenco foi escolhido a dedo e a soma é positiva. Celeste Jerônimo, por exemplo, fez um "verde" que lhe deu oportunidade de dançar, cantar e representar bem (...) Manoel Constantino, o "Branco" de múltiplos papéis, é um bom ator (...) Rutilio de Oliveira (que segundo o programa é o responsável pelo trabalho de corpo) precisa ter cuidado para não se destacar por excesso, o que, afinal, é uma virtude. Os outros estiveram dando seu recado direito, desde Verônica a Pompéia, bons "Azul" e "Vermelho"; desde Cida a Paulo Caldas, bons "Anil" e "Amarelo", isso sem falar no próprio João Falcão (um "Alaranjado" preocupado com a direção, mas forte e convincente) e na estreante Patrícia Barreto, que como Flicts também se inscreverá, um dia, dentre os melhores, bastando treinar para isso. Há no espetáculo momentos visuais de muita beleza plástica: a onda marinha; o vôo da espaçonave com suas asas rutilantes; o arco-íris e a barcarola. (...) alto padrão que fez de "Flicts" um exemplo a ser seguido sem restrições.

Era tanta produção teatral para a infância naquele momento, que o jornalista Valdi Coutinho sugeriu que o Recife copiasse uma ideia de projeto lançada no Rio de Janeiro, com espetáculos infantis diários durante as férias. O registro foi feito no *Diario de Pernambuco* (29 de outubro de 1980):

A sugestão fica dada para os grupos que se dedicam ao Teatro Infantil (...) fundamentar uma estrutura de apoio em termos de divulgação e de colaboração de mestres, diretores de educandários, instituições, o que poderia ser feito com uma campanha preparatória neste último mês do ano letivo. Assim, de dezembro a fevereiro, as peças infantis entrariam em cartaz no Teatro Santa Isabel e no Parque de quarta a domingo, à tarde, se constituindo em uma atração no programa de férias da meninada, crianças e adolescentes.

Mas a proposta ficou apenas nas páginas do jornal. Também sempre lembrando a importância do público conferir as montagens que agora ocupavam o Teatro do Derby, ainda no mês de outubro Valdi Coutinho voltou a tecer novos comentários sobre *Maria Minhoca*, em sua coluna *Teatro*, no *Diario de Pernambuco* (31 de outubro de 1980):

Maria Minhoca



“Maria Minhoca” é um texto para crianças, escrito em 1968. A idéia que se tem diante do trabalho é que Maria Clara Machado tentou realmente desmistificar através de um personagem simbólico – “Capitão Quartel” – a prepotência e a ascendência do militarismo durante o período de regime de exceção. Talvez, na montagem de Paulo de Castro, não se evidencie tanto este aspecto, porque a introdução das meninas da Academia de Dança Corpo Vivo, tornou o espetáculo mais dócil. Sempre aos sábados e domingos, no horário das 16h30m, “Maria Minhoca” deve ser visto inclusive pelos erros que tem. Digamos ainda por alguns aspectos anti-educacionais cometidos pela autora. “Fon-Fon” e “Colibri” vencem o “Capitão Quartel” através da mentira, de expedientes enganosos. E como é natural deveria ser pela verdade, inteligência superioridade moral, pela simplicidade. Destaque-se o trabalho de “João Ferreira” como “Mister Bulldog” porque realmente ele criou um tipo convincente para o personagem. (...) Destaque-se o esforço de Celeste Ribas/“Maria Minhoca”. Albemar Araújo como “Fon-Fon” é um ator tranqüilo, solto, à vontade. Paulo Estevam ainda está encontrando o “Colibri” e Paulo de Castro como “Capitão Quartel” parece que está em cena ainda com a carga dos compromissos cênicos, empresariais e etc... mas também convence.

Ainda em outubro de 1980, Enéas Alvarez e Sônia Medeiros lançaram o I Festival Estudantil de Teatro de Bolso (Tebo), que levou espetáculos, todos adultos, em seu ano de estreia, à Sala Clênio Wanderley, com sessões sempre às 20 horas. Vencedor da competição com a peça *Um Dia de Operário*, o grupo Os Atores do Liceu, liderado

por Carlos Varella, doou o prêmio ganho em dinheiro para a reconstrução do Teatro Valdemar de Oliveira, algo que comoveu muita gente, em campanha nacional pela volta daquele palco. Foram ainda montagens apresentadas naquele ano: *A Máquina Maluca*, texto e direção de José Passos, pelo Grupo de Teatro Tio Zezinho, em cartaz no Teatro de Santa Isabel; *É Só Sonhar*, de Marcos Silva, com direção de José Lopes Filho, pelo grupo Artis-Hoje, com sessões no Teatro Joaquim Cardozo; *Prefeito do Mangue*, divulgada minimamente como sendo do Clube de Teatro de Pernambuco (sem dar a certeza de ser realmente uma peça para crianças), com Leandro Filho à frente; e duas mais produções do Teatroneco, sempre em cartaz no Cecosne, *De Volta ao Circo da Fantasia*, com bonecos em variados números de circo; e *Auto de Natal*, de Eça de Queiroz, voltada para crianças e adultos e apresentada no horário das 20 horas, de terça a domingo. Esta última foi divulgada no *Diário de Pernambuco* (23 de dezembro de 1980), com referência a toda sua equipe, como boa opção do período natalino:

(...) crianças e adultos poderão se divertir com os diversos bonecos/personagens do espetáculo e, ao mesmo tempo, refletir sobre o espírito cristão



Auto de Natal

do Natal, não dentro daquela tradicional e já superada linguagem padronizada, mas através de uma visão e interpretação atualizada dos fatos e das coisas referentes à vinda do Filho de Deus ao mundo, o que se repete ainda hoje, através da luz da fé, em cada ser humano. A equipe do Teatroneco do Cecosne está assim composta: Augusto Oliveira (diretor, autor e bonequeiro); Valdeck Oliveira (assistente de direção, autor, compositor e bonequeiro); Isabel Pinheiro (bonequeira e educadora), Dito Melo (bonequeiro, contra-regra e artesão); Zilda Torres (artesã e bonequeira); Sérgio Holanda (iluminação e contra-regra); Maria de Lourdes (educadora e bonequeira); Rosângela Veras (psicóloga e bonequeira); e madre Carvalho (psicóloga). Toda a equipe e os trabalhos são coordenados diretamente pela madre Escobar, a quem se deve todo o dinamismo, orientação e apoio para as atividades do Teatroneco.

Isto sem contar com a retomada de produções do ano anterior, como *Socorro, Salvem os Porquinhos!*, do próprio Teatroneco; e *A Incrível Estória de Zé da Onça*, do Mamulengo Só-Riso. Ao final de 1980, como grandes atrativos para o público, foram destaque *O Circo Rataplan*, no Teatro de Santa Isabel; *Maria Minhoca*, no Teatro do Derby; e *O Boi e o Burro a* (e não mais "no", que contrariava o título original) *Caminho de Belém*, com o Clube de Teatro Infantil, no Teatro do Parque, espetáculo que adentrou o ano de 1981, assim como *Auto de Natal*, do Teatroneco, no auditório do Cecosne, espaço que recebeu, ainda naquele ano, três novas estreias do conjunto de bonequeiros, *A Borboleta Maria*, *Travessuras* e *Leandro e o Espantalho*. Outras duas peças que também vinham de temporada iniciada em 1980, permaneceram no Teatro de Santa Isabel: *A Máquina Maluca*, com texto e direção de José

Passos, pelo Grupo de Teatro Tio Zezinho; e *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, pela Circus Produções Artísticas agora em parceria com a Aquarius Produções Artísticas. O texto de Antônio Fernando Bezerra, com direção de José Francisco Filho, contava com a participação dos mesmos atores Buarque de Aquino, Manoel Constantino, Zélia Sales e Carlos Bartolomeu.

Já *Domingo Alegre Nº 3*, musical com autoria e direção de Fátima Marinho, pelo Grupo Pipoquinha, por não conseguir pauta no Teatro de Santa Isabel, foi lançado em temporada no ainda pouco conhecido Teatro Joaquim Cardozo, aos domingos pela manhã, às 10 horas. No elenco, Fátima Marinho (Palhaço Pipoquinha), Osman Jordão (Palhaço Pipocão, Capeta, Jurubeba, Mateus e Fiscal), Ivanildo José (Gato e Bastião), Jorge (Doutor e Burrinho), Emmanuel (Capitão e Cavalinho), Zezo Oliveira (Anjo, Soldado e Dom Cachorro), Josélia (Diana, Cigana e Safira), Clara Maria (Borboleta), Carlos Vicente, Fernandes Marinho, Iratangi de Lima, Marcos, Glória, Ana Rosa, Célia, Luciana, Margarida e Rosário (vários sem registro do sobrenome), que se revezavam como mamulengueiros, instrumentistas e pastoras. O *Diário de Pernambuco* (3 de janeiro de 1981) trouxe mais detalhes sobre a montagem:

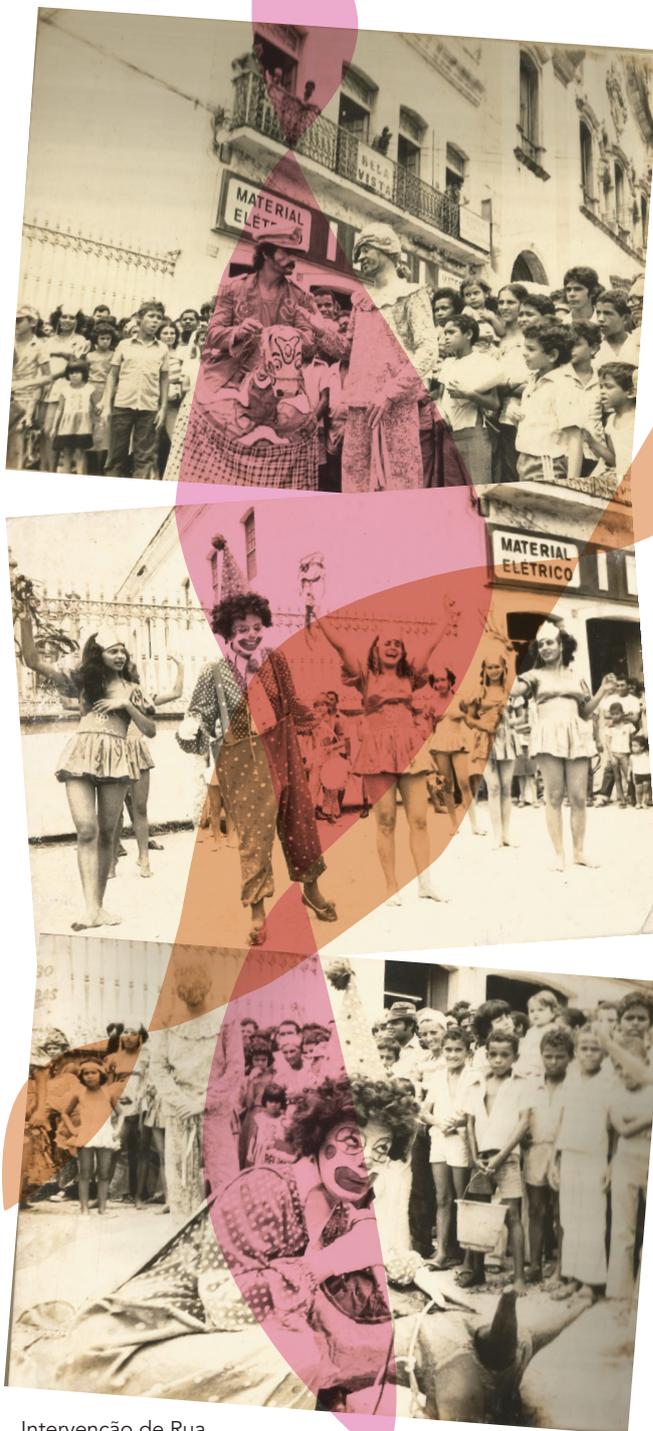


Domingo Alegre Nº 3

“Domingo Alegre” tem algumas inovações, como a presença de Papai Noel, Pastoril, Mamulengo e distribuição de pipoca. O bumba-meu-boi continua sendo parte importante do espetáculo. Com exceção do Pastoril, em que predominam as jornadas tradicionais, as outras manifestações mereceram adaptações de texto e música. “Tentamos seguir uma linha tradicional, adaptada à nossa realidade, o que é muito difícil, principalmente porque o povo que participava desses folguedos não tinha consciência de que estava praticando teatro... A finalidade do Grupo Pipoquinha é divulgar a cultura popular do nosso povo, especialmente à (sic) todas as crianças de qualquer idade, despertando assim o interesse pelo folclore nordestino tão brasileiro, tão rico, tão nosso”, diz Fátima Marinho.

Pouco depois, a equipe começou a circular por bairros do Recife, sempre aos domingos, às 20 horas, algo que é feito até hoje. O *Diário de Pernambuco* (20 de março de 1981) registrou o entusiasmo daquela turma:

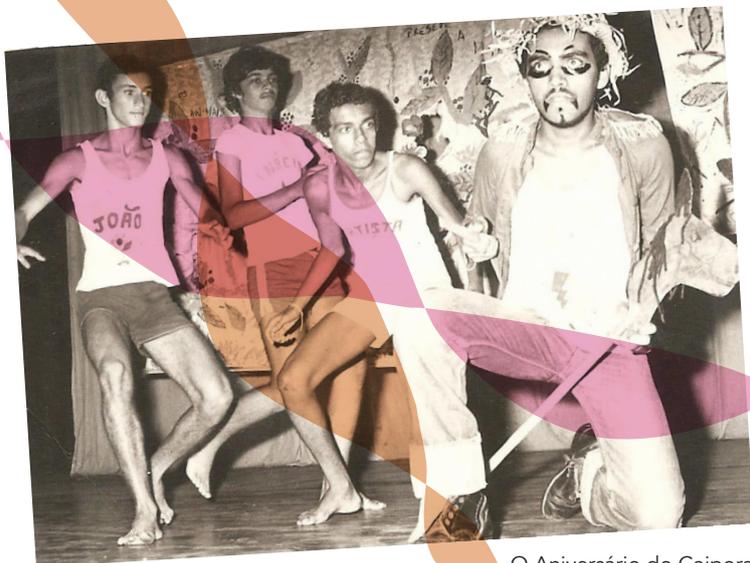
A iniciativa foi coberta de êxito, com a primeira apresentação no bairro de Santo Amaro, o que animou os integrantes do conjunto a continuar esta programação até o dia 16 de agosto, quando a sua diretora artística, Fátima Marinho, dará à luz a mais um filho. Para cumprir essa programação de espetáculos populares, em logradouros públicos, e inteiramente gratuitos, o Grupo Pipoquinha contou com o apoio da Sociedade de Moagens do Recife, que forneceu um palco volante (caminhão), com som e iluminação além de uma verba para cobrir os custos. Na primeira exibição de “Domingo Alegre Nº 3”, em Santo



Intervenção de Rua  
do Grupo Pipoquinha

Amaro, uma platéia de duas mil pessoas viu o espetáculo e aplaudiu o trabalho do grupo com entusiasmo.

Duas outras peças cujo título já se remetiam à festa surgiram, então, como novidades. O *Aniversário do Caipora*, de Antônio Ortins, com direção de Carlos Antônio da Silva, pelo Grupo Carrapicho, cumpriu difícil temporada (por falta de maior apoio para divulgação) aos domingos, às 10 horas, no Teatro do Derby. **No elenco, Luís Carlos, Augusto Macedo, José Eduardo, Carlos Antônio, Elias Melo, Mônica Araújo, Al-**



O Aniversário do Caipora

demir Nunes e Gilvan Silva. Ainda na ficha técnica, sonoplastia e iluminação de Edésio Jacinto; maquiagem de Carlos Antônio e equipe; e figurinos e cenários em criação coletiva. O grupo apregoou no *Diário de Pernambuco* (24 de janeiro de 1981):

Somos um grupo da periferia, e como não poderia deixar de ser o nosso trabalho vai do povo para o povo. (...) Nesta peça que está servindo como abertura da nossa estrada para um público maior e mais exigente, focalizamos uma grande defesa para nossas reservas ecológicas, e os lutadores, neste caso, são as crianças. Uma pica-reta pode deixá-la abalada para o resto da vida, mas um canto de um pássaro é uma excelente limpeza para a mente e para a educação de sua sensibilidade. Aqui, no teatro-participação do Carapicho, a criança não sonha, ela vive realmente os acontecimentos: brinca, pula, discute, debate e até chega a bolar cenas com os atores para o desenvolvimento da trama do espetáculo.

A outra montagem com título de festa era *O Aniversário da Rainha*, no Teatro do Parque, aos sábados e domingos, às 16h30, pelo Clube de Teatro Infantil, com cenário de Luiz Benjamim e texto e direção do incansável Leandro Filho, espetáculo “preparado carinhosamente pelo seu elenco” – Ozita Araújo (Rainha), Paulo André

(Ministro da Pobreza), Manoel Santana (Ministro da Saúde), Diniz Rodrigues (Ministro da Educação), Ana Cristina (Princesa) e Conceição Silva (Mulher) – e “onde as crianças viverão um dia de festa”, conforme divulgou no *Diário de Pernambuco* (31 de janeiro de 1981):

Nele, conforme explica o autor/encenador, “é feita outra tentativa do teatro infantil atualizado, sem pretensões de impor a nossa verdade cultural, também sem querer que as crianças tenham a mesma visão do mundo que nós tivemos”. (...) Em um dia de festa, a platéia pode participar dos acontecimentos encenados e se envolverão de tal forma no clima que poderão até decidir, no final, se é a Rainha ou a vendedora de tapioca quem está com razão.

Em março, seis espetáculos para crianças estavam em cartaz no Recife: *A Bruxinha Dorotéia*, de Nilton Negri, com direção de Ulisses Dornelas, também produtor e ator, intérprete do Palhaço Chocolate, atuando junto à Boneca Maluquinha e o conjunto musical Charanga, aos domingos pela manhã, no Teatro de Santa Isabel, mesmo palco que, à tarde, recebia ainda *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, produção conjunta da Aquarius Produções Artísticas e Circus Produções Artísti-

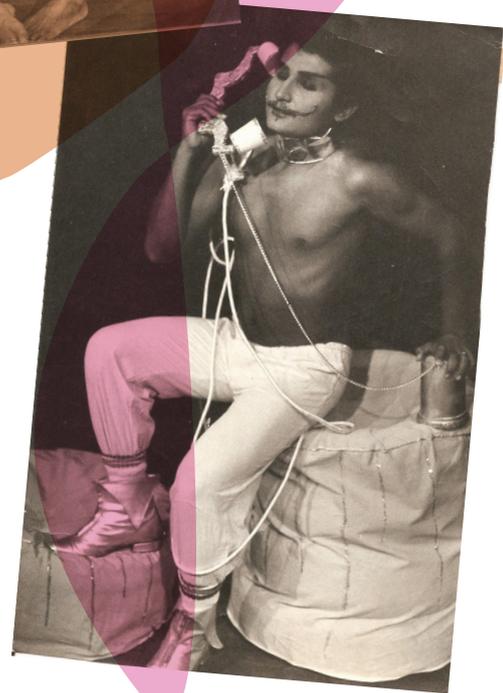
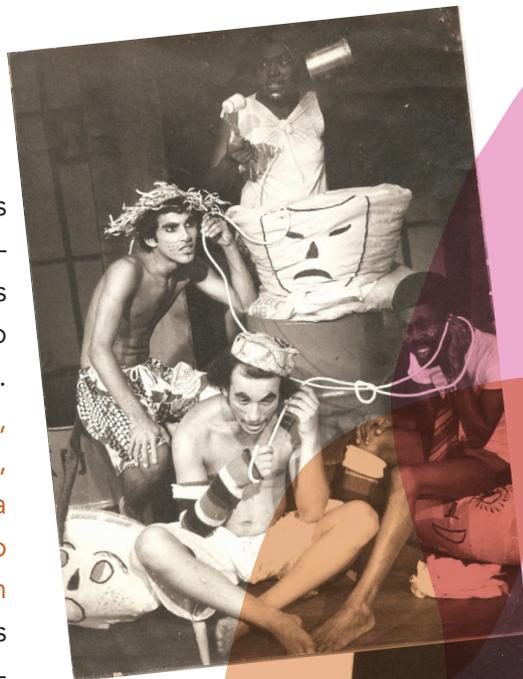
A Bruxinha Dorotéia



cas. No Teatro Joaquim Cardozo, aos sábados e domingos, às 16h30, foi a vez de *Capitão Capitolino*, do Grupo Roda Viva, com atuação nos subúrbios desde 1973 e, pela 1ª vez, ocupando uma casa de espetáculos do circuito recifense. O texto e a direção eram de Jorge Austregésilo, com o próprio no elenco (*Capitão Capitolino*), além de Luiz de França (*Palhaço Leleco*), Lília Matos (*Boneca Lili*, também responsável pelo cenário, figurinos e maquiagem) e Solange (sem registro do sobrenome, *Boneca Fon-Fon*). Mais à frente, surgem novos atores no material de divulgação: Rosane Castro, Fernando Almoedo, Ricardo Almoedo e Tereza Matos. Uma matéria de capa no *Diário de Pernambuco* (12 de março de 1981) chamou a atenção para o enredo:

O público toma parte diretamente na montagem, participando das brincadeiras feitas, em cena, num processo de desinibição da criança que a assiste. Como incentivo aos espectadores mirins haverá concursos e até prêmios para eles. A peça retrata uma loja de brinquedos onde os bonecos tomam vida, e demonstram experiências como gente, simulando os mesmos sentimentos que animam as pessoas. (...) Por não saber fazer amizades (...) o capitão Capitolino termina por confessar aos outros bonecos que a coisa que mais desejava em sua vida era ser palhaço, pois um palhaço – pensa ele – tem facilidade em fazer amizades (...) os outros bonecos penalizados ao sentirem o drama do capitão, entendem o porquê do seu mau humor eterno e resolvem cooperar com ele (...) Todo este enredo é realizado em meio a uma infinidade de brincadeiras como Boca de Forno, Pega, Esconde-esconde, etc.

No Teatro do Derby, mais duas montagens se sucederam, *A Menina* e *o Vento*, de Maria Clara



Rato Não Sabe  
Escrever... Telefona

Machado, com o Vênus Grupo Teatral e direção de Félix Cavalcanti, aos domingos, às 10 horas, peça que, em seguida, participou do Projeto de Cultura Popular, promovido pelo grupo nos bairros do Grande Recife; e *Rato Não Sabe Escrever... Telefona*, de Armando Coelho Neto, com direção, cenário e figurinos de José Ramos, ainda em março daquele ano. Ator de qualidades reveladas no grupo Teatro Hermilo Borba Filho, José Ramos participou de uma das poucas montagens infantis da trupe liderada por Marcus Siqueira, com este mesmo texto, lançado em 1976, ano em que escreveu e dirigiu, junto a Weracy Costa, outra peça para crianças, *A Onça Mafalda* e *o Bode Militão*. Para divulgar o espetáculo, José Ramos desabafou no *Diário de Pernambuco* (18 de março de 1981), revelando, nas entrelinhas, a

tumultuada relação que o fez afastar-se do conjunto liderado por Marcus Siqueira. Tanto que sua proposta agora era “poder realizar *um* espetáculo sem *carimbar* ninguém com siglas de grupo, de produção e nem tornar ninguém escravo de uma estética ou postura”. No elenco desta produção independente assinada pelos próprios artistas em cena, José Ramos (Ploc), Mercês Me-deiros (Liderata), Morse Lyra Neto (Binu), Lepê Correia (Fofó) e Didha Pereira (Mister Gato), os dois últimos também autores das músicas. O enredo foi abordado em matéria no *Diário de Pernambuco* (18 de março de 1981):

A peça conta a história de quatro ratos que moram numa esquina, focalizando seus problemas, tristezas, alegrias e tentativas de solucionar as desavenças, sobretudo aquelas com o “Mister Gato”, que tem força e poder e os utiliza para massacrar os ratinhos. O autor humaniza os personagens, enfocando uma situação humana facilmente identificável, sem didatismo pedante nem denúncias sociais “pesadas” para a compreensão do público mirim. Os ratinhos oprimidos se unem e, usando da inteligência e capacidade criadora, acabam por resolver seus problemas, inclusive os de convivência com o “Mister Gato”. As crianças terão oportunidade de expressar o que acharam do espetáculo através de um questionário, chamado de “brinco-teste”.

No auditório do Cecosne, quem cumpriu temporada aos domingos, às 16 horas, foi a peça *Leandro e o Espantalho*, texto e direção de Augusto Oliveira, pelo Teatroneco. No elenco, Ângela Belfort, Isabel Pinheiro e Zilda Maria. Ainda em março de 1981, o jornalista Enéas Alvarez comemorou no *Jornal do Commercio* (21 de março de 1981) a exibição de nove peças para crianças em cartaz no Recife:

Desafiando todos os prognósticos e afirmativas que dão ao teatro infantil como deficitário, estão em cartaz no Recife, neste fim de semana, nada menos que nove espetáculos destinados a platéia mirim. A inflação de montagens destinadas ao público infantil indica que a meninada é boa de bilheteria – e ainda de quebra arrasta ao teatro as vovós, tias, vovôs e babás. Há teatro para todos os gostos: montagens individuais; novas propostas de teatro para criança; união de grupos; produções coletivas e até cooperativas; remontagens e até mamulengo “y otras cositas mas”. (...) a coluna saúda o acontecimento que, sem dúvida, forma as platéias do amanhã. Deseja-se, apenas, que todas as Montagens sejam criteriosas, arredando-se aquelas tipo “caça níquel”, cuja idéia inicial começa pela bilheteria. E vamos ao teatro.

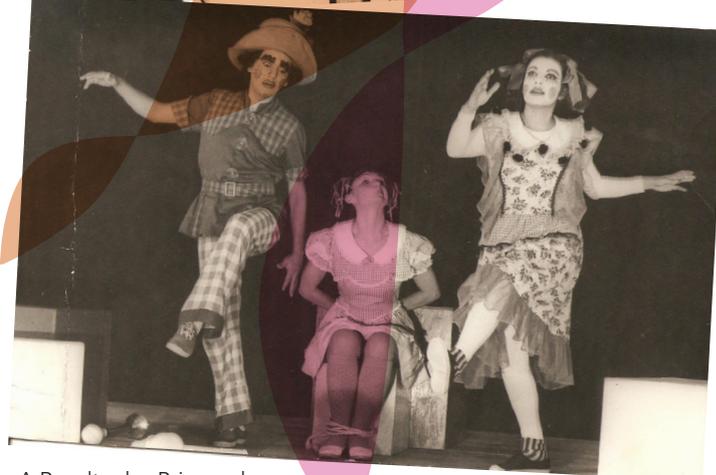
Do município do Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropolitana do Recife, surgiram as peças *A Condessa das Papoulas Vermelhas*, de Maria Cristina, em direção de Irapuã Caeté, todos os domingos, às 17 horas, no Ginásio Treze de Maio, naquela cidade, numa realização do Teatro de Arena Guararapes, grupo que completou vinte anos de fundação; e *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, da TTTTrês Produções

O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba



Artísticas, que chegou a ultrapassar mais de cem apresentações por diversas cidades pernambucanas, como Pesqueira, Bezerros, Camocim de São Félix, Arcoverde, Caruaru e Recife, entre tantas. A peça, com direção de José Manoel, marcou a estreia do ator Carlos Lira como dramaturgo. No elenco, os dois, além de Carlos Alberto Lago e Mário Antônio Miranda (mais à frente, foram substituídos Fernando Duque, Otacílio Júnior, Carlos Mesquita e Normando Roberto Santos). Em maio, o grupo Artis-Hoje estreou *A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava o Frevo na Terça-Feira de Carnaval*, cumprido temporada no Teatro Joaquim Cardozo. O texto é de Marcos Santana, com direção de José Lopes Filho; músicas de Élcio Rabelo; arranjos da Banda Realnascença; figurinos de Lúcio Flávio Rios e cenário de José Lopes e Paulinho (sem registro do sobrenome).

A partir do dia 6 de junho, foi aberto oficialmente, após pré-estreia para a Legião Assistencial do Recife, o Teatro Boa Viagem, instalado na Praça da Feirinha do bairro homônimo, dentro da Igreja local. Assim, a peça *A Revolta dos Brinquedos*, numa parceria entre a Aquarius Produções Artísticas e a Circus Produções Artísticas, voltou à cena sob direção de José Francisco Filho e



A Revolta dos Brinquedos

foi apresentada por lá, em espaço que dotou a Zona Sul de um teatro, mas que, infelizmente, por problemas com a paróquia, funcionou por pouco tempo. A iniciativa foi do produtor Paulo de Castro, à frente de três outras montagens ainda em 1981, *Maria Minhoca*, *Vamos Jogar o Jogo do Jogo* (em parceria) e *Romeu e Julieta*, única estreia de fato, junto também à Circus Produções Artísticas e o produtor Fred Di Francis (assinando assim seu nome artístico). Com enormes gastos e sendo um dos destaques do ano, a estreia de *Romeu e Julieta* aconteceu no dia 15 de agosto, no Teatro de Santa Isabel. O amor proibido entre dois jovens de famílias inimigas ganhou adaptação do carioca radicado no Recife desde 1979, Rubem Rocha Filho, também diretor da montagem que, enveredando pela *commedia dell'arte*, deu ênfase a determinados personagens que apareciam em 2º plano na obra original de William Shakespeare. O desfecho virou final feliz. A jornalista Dilma Gomes de Matos descreveu o espetáculo em



A Revolta dos Brinquedos



Romeu e Julieta

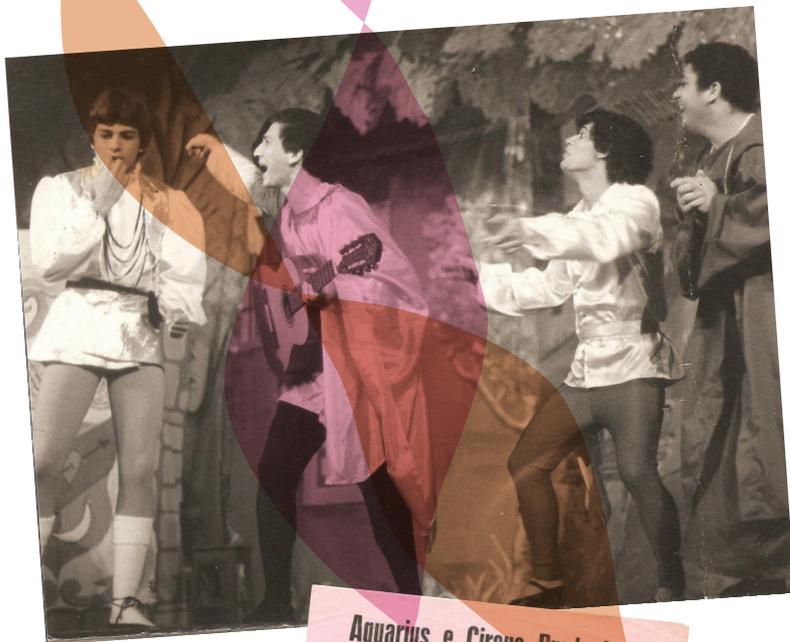


matéria de capa no *Diário de Pernambuco* (17 de agosto de 1981):

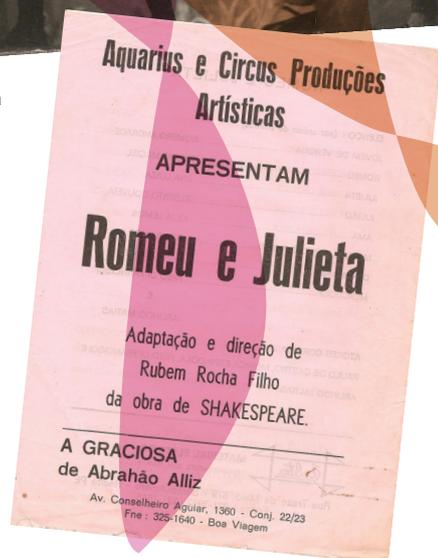
(...) Rubem procurou fazer um espetáculo muito vivo, corrido, alegre, em que a vontade de se divertir dos atores é transmitida a (sic) plateia, modificando a feição trágica da obra, dando-lhe uma nova roupagem com cenas amenas e românticas, linguajar moderno, estabelecendo uma nova mensagem para o público. (...) Durante a peça Rubem procura dar maior destaque à figura do pai de Julieta que passa a ser uma espécie de Pantaleão, velho avaro que proíbe (sic) o amor. E uma ênfase especial à figura do criado Manu (interpretado pelo ator José Ramos), da família do Arlequim, que se torna uma réplica do João Grilo Malasante (sic) de Macunaíma, malandro que passa a perna no patrão: faz uma coisa e finge outra; aquele que ajuda os namorados, e que é subornável. Rubem também criou uma super mãe para o Romeu que é muito contra a idéia de que o filho namore, cresça enfim. E evidencia também no enredo a questão econômica. Do espetáculo faz parte um personagem que poderia ser chamado de

Menestrel, interpretado por Romero Andrade, e que executa um coro grego, acompanhando e comentando a ação através de canções e também participando do drama. Existe ainda uma personagem feminina, a ama de Julieta, (...) figura romântica, fiel, que acredita no amor. A Igreja se encontra representada pelo frei Lourenço (Marcos Varela) que ajuda a Romeu e Julieta (Bruno Maciel e Ana Luiza) e que com os seus conhecimentos de ervas medicinais planeja o golpe final em que os dois enamorados fingem-se de mortos e conseguem comover e conciliar as famílias inimigas (...).

*Romeu e Julieta* cumpriu temporada aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. **As músicas e direção musical foram de Romero Andrade, com coreografias de Diana Fontes, cenário e figurinos de Rogério Breuel, e iluminação de José Pimentel. Na produção geral, Paulo de Castro, também ator coringa, assim como Mônica Espíndola. No elenco, Fred Di Francisci, Márcia Cabral, Romero Andrade, Arlindo Matias, Alberto Gouveia, Júlia Lemos, José Ramos, Ana Luiza, Bruno Maciel e Marquinhos Varela.** No livro *Casa de Espetáculos: Crônicas, Críticas e Comentários* (op. cit., p. 98-99),



Romeu e Julieta



o organizador Romildo Moreira reproduziu um registro do crítico Enéas Alvarez sobre a peça, publicado originalmente no *Jornal do Commercio* (22 de setembro de 1981):

Devo dizer que o espetáculo começa baixo, fraquinho, para depois ir tomando corpo, surpreendendo, interessando e arrancando suspense e animação da plateia (...) o texto/adaptação de Rocha Filho (...) soube trabalhar bem sobre a tragédia clássica, dando-lhe nítidas pinceladas cômicas de bom efeito. O elenco esteve uniforme, com três destaques: Marquinhos Varela (sic), como Frei Lourenço, a alma da peça; José Ramos, um bom Manu; e José Alberto, um Julião seguro e convincente. Bruno Maciel e Ana Luíza Prudente, nos papéis títulos, estiveram taco-a-taco: ambos falaram baixo e demonstraram

nervosismo e tensão (quem sabe por serem estreantes), mas não chegaram a comprometer a ação. Júlia Lemos foi a atriz tranqüila que já vi em tantos papéis, com bom rendimento. Márcia Cabral e Fred di Francisci deram conta de seus recados (...) Quanto à direção, (...) Inteligentemente, Rubem lançou mão dos elementos da "Comédia dell'Arte" para seu espetáculo infanto-juvenil (e não fez segredo disso), obtendo por conta de seu talento e experiência, mais um esperado sucesso. Deixei para o fim, propositadamente, uma palavra sobre Romero Andrade, esse novo talento que surge no Recife, agora se revelando bom compositor. Estou certo de que sua presença em "Romeu e Julieta" é responsável por uma boa parcela do sucesso do espetáculo a que todos vocês, crianças, jovens e velhos, deveriam assistir.

Naquele ano de 1981, o Clube de Teatro Infantil continuou sendo o maior realizador de peças (cinco ao total). Um de seus maiores destaques foi a volta de *A Coragem da Formiguinha Fifi* (nova versão da peça estreada em 1975), com texto de Isa Fernandes e direção de Leandro Filho. De acordo com o *Diário de Pernambuco* (24 de abril de 1981), a montagem continuou "atraindo um bom público ao Teatro do Par-



que nos finais de semana”. No elenco, Gisela Queiroga, Jane Neves, Conceição Silva, Manoel Santana e Biu Mendonça. Estreando em setembro, *O Mundo Maravilhoso dos Brinquedos*, peça de Walkírio Gadelha, com direção de Leandro Filho, chegou a celebrar mais de três mil crianças em oito semanas de temporada no Teatro do Parque, aos sábados, às 16h30, e domingos, às 10h30. O texto, que inclusive foi publicado, aborda “a transfiguração de uma porção de brinquedos, ocasião em que alguns desejam ser pessoas, mas sem os defeitos dos adultos, apenas com a bondade das crianças”, como lembrou o *Diário de Pernambuco* (24 de outubro de 1981). Inalda Silvestre estava na assistência de direção. Os cenários eram de Luís Benjamim, com iluminação de Antônio José; e “guarda-roupas” e maquiagem do grupo. No elenco, Manoel Santana (Consertador de Brinquedos), Conceição Silva (Boneca), Walter Boa Vista (Palhacinho), Marcos Souza (Soldadinho), George Souto Maior (Ursinho) e Jane Neves (Secretária). O Clube de Teatro Infantil ainda lançou *Vamos Salvar Papai Noel*, próximo ao período natalino e, segundo o *Jornal do Commercio* (8 de dezembro de 1981), havia “sorteios de bicicletas e distribuição de refrigerantes” no Teatro do Parque. No elenco, Marcos Oliveira, Paulo André, Mílvia Pereira, Tony Batista, Sílvia Regina e Brivaldo Loreto. O texto era de Flávio César, com direção de Leandro Filho.

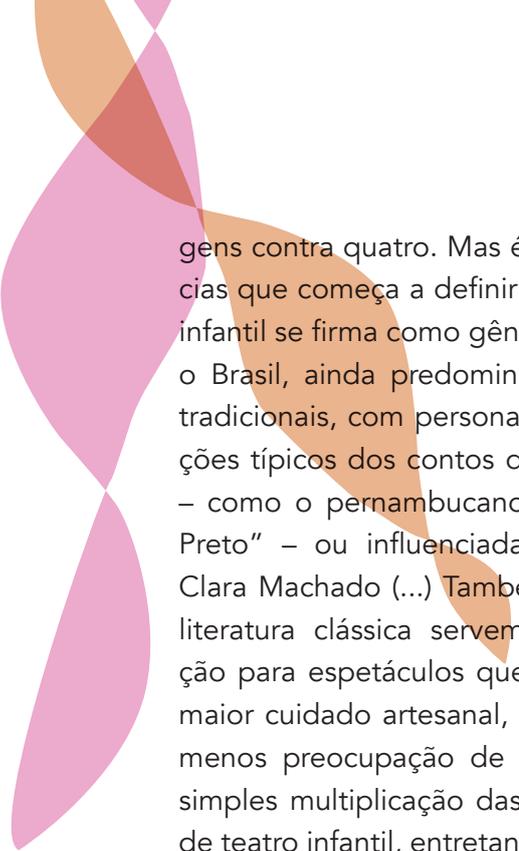
Depois do absoluto sucesso no início do ano com a montagem *A Bruxinha Dorotéia*, no 2º semestre de 1981 o produtor Ulisses Dornelas lançou *O Patinho Preto*, texto de Walter Quaglia, com direção do próprio Dornelas, objetivando, segundo entrevista dada ao *Diário de Pernambuco* (27 de outubro de 1981), “oferecer às crianças um recreio cultural em clima de bastante descontração, tornando o ambiente agradável aos pais, professores, psicólogos e outros profissionais da área, que se preocupam com a formação e o desenvolvimento da criança”. O



O Patinho Preto

texto trata dos preconceitos sociais e, em especial, o racismo. No elenco, estavam Eduardo Fonseca, Lenormande Lima, João Cavalcanti, Marlene Costa, Milton Soares, Ivanise Souza, Leda Arruda e Feliciano Félix. Foi uma nova e farta bilheteria para o Palhaço Chocolate. Naquele ano de 1981 a quantidade de produções teatrais para crianças era tamanha, isto em todo o Brasil, que a *Revista Veja* (9 de setembro de 1981. Nº 679. p. 123-124) deu destaque a esta linguagem ressaltando a força do produtor Ulisses Dornelas no Recife e comemorando a “maioridade” do teatro infantil:

Acabou a época das calças curtas. Considerado durante muito tempo um pobre órfão de pai e mãe, apenas tolerado na presença de adultos benevolentes, o teatro infantil cresceu e diversificou seu próprio espaço nos palcos brasileiros. Alguns sinais da emancipação já se faziam notar muito, como a quantidade de peças em cartaz: no último fim de semana, São Paulo e Rio de Janeiro apresentavam um total de 62 espetáculos para crianças – quase o dobro das opções oferecidas para os adultos que se dispusessem a assistir a um drama ou a uma comédia. Em algumas cidades, como Porto Alegre e Recife, ele chega a ser a grande atração de um teatro local esquecido e pobre: na primeira, a relação com as peças adultas é a mesma do eixo Rio – São Paulo, mas na última a diferença é de doze monta-



gens contra quatro. Mas é nas tendências que começa a definir que o teatro infantil se firma como gênero. Em todo o Brasil, ainda predominam as peças tradicionais, com personagens e situações típicos dos contos da carochinha – como o pernambucano “O Patinho Preto” – ou influenciadas por Maria Clara Machado (...) Também textos da literatura clássica servem de inspiração para espetáculos que, se revelam maior cuidado artesanal, têm também menos preocupação de inovar (...) A simples multiplicação das companhias de teatro infantil, entretanto, nem sempre é fato animador. Só no Recife, por exemplo a Federação Teatral de Pernambuco calcula que surgem por ano vinte grupos novos, a maioria dos quais não passa do primeiro espetáculo. (...) um teatro que vende montagens como quem vende batatas, regra do teatro infantil nas grandes capitais. (...) vendidas a clubes, condomínios de edifícios e festinhas de aniversário. Alguns deles contentam-se em reciclar indefinidamente os mesmos cenários e figurinos. Uma saudável exceção é Ulisses Dornelas, 25 anos, diretor do criativo Grupo Arboreal, que, com “O Patinho Preto”, encabeça as atrações do teatro infantil no Recife: “Estudamos de trinta a quarenta textos por mês, ensaiamos duas horas por dia e iremos investir na próxima montagem 150.000 cruzeiros”.

No mês das crianças estavam em cartaz a 1ª experiência do Grupo Rodapião, o espetáculo *A Bela Adormecida*, adaptação do conto clássico dos Irmãos Grimm por Albemar Araújo e estreia do ator Carlos Carvalho como diretor, com sessões no Teatro do Derby (no elenco, *Fátima Aguiar, Paula Freire, Valdir Oliveira, Chico Accioly, Lígia Bené, Verônica Figueiredo, Alice*

*Albuquerque e Ednaldo Araújo*); e *Rodas Pra Que Te Quero*, produção infanto juvenil do Gruta Produções Artísticas, com texto de Celso Calheiros e direção de Vládmir Combre de Sena, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro Joaquim Cardozo. A 25 de outubro, o Teatro do Derby celebrou um ano de sua reabertura por força do incêndio que destruiu o Teatro Valdeamar de Oliveira. A Polícia Militar de Pernambuco organizou, então, programação comemorativa com trechos das peças *A Resistência, Maria Minhoca, Toda Nudez Será Castigada, Milagre na Cela* e *Esquerda Direita Volver*, além de show musical, números de magia e animação de palhaços, com coquetel ao final.

Em clima ainda da festa, e sob a presidência de Paulo de Castro, a Feateape promoveu, de 13 a 29 de novembro, no Teatro do Derby, o Festival de Teatro do Recife, em caráter competitivo, com programação também para a infância. Participaram nesta categoria, *O Rei dos Palhaços*, do Juventude Teatral do Recife; *Hoje Tem Espetáculo*, da Cooperativa Teatral Boca de Forno; *A Revolta dos Brinquedos* e *Romeu e Julieta*, ambas da Aquarius Produções Artísticas; *O Patinho Preto*, do Conjunto Cênico Arboreal; *A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava o Frevo na Terça-Feira de Carnaval*, do grupo Artis-Hoje; *Rodas Pra Que Te Quero*, do Gruta Produções Artísticas; *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, da TTTTrês Produções Artísticas, que levou os prêmios de *Melhor Espetáculo, Melhor Texto, Melhor Iluminação, Melhor Proposta, Trabalho de Corpo e Revelação de Diretor (José Manoel)*; e *A Bela Adormecida*, do Grupo Roda Pião, que conquistou os troféus de *Melhor Figurino, Melhor Cenário (ambos para Carlos Carvalho) e Melhor Sonoplastia (Euclides Dourado)*.

Na cidade de Arcoverde, porta de entrada do sertão pernambucano, estreou *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, com direção de Paulo de Oliveira Lima, tendo o mesmo no elenco



Maria Minhoca

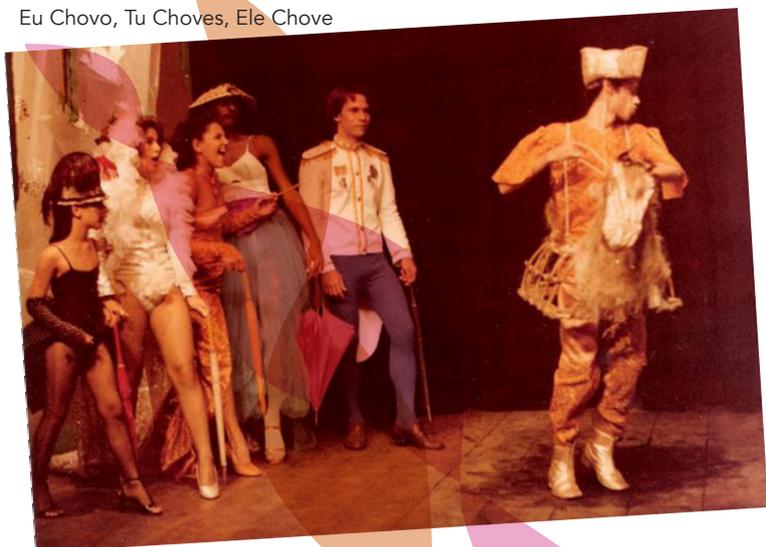
e Geraldo Barros, entre outros integrantes do Grupo de Teatro do Sesc Arcoverde; além de *Os Quatro Músicos*, texto baseado em Walt Disney, com adaptação e direção de Tito Araújo, pela Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc). O ano de 1981 marcou também o lançamento do Festival de Teatro Estudantil e Amador do Agreste (Feteag), o mais antigo festival voltado à produção estudantil no estado de Pernambuco, realizado no município de Caruaru pelo Teatro Experimental de Arte (TEA), com espaço aberto para produções adultas e infantis. E o Recife também foi sede para dois outros eventos: o II Encontro Nacional de Teatro, de 4 a 7 de setembro, promoção da Federação de Teatro Amador de Pernambuco, no Cecosne, com a presença de quase duzentos membros da Confederação Nacional de Teatro Amador vindos dos quatro cantos do país; e o II Festival de Teatro de Bolso (Tebo), de 14 a 21 de setembro, na Sala Clênio Wanderley, na Casa da Cultura, com participação de apenas uma montagem para a criançada (ainda que apresentada às 20 horas), *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, da TTTTrês Produções Artísticas.

Das peças que também foram novidade para os palcos em 1981: *A Bruxinha Que Era Boa*, do Grupo de Teatro Jaboti; *A Floresta Encantada (Os Contos de Fadas Existem?)*, da Trupe Experimental de Teatro; *Histórias dos Fantasmas ou*

*O Terrível Bandido da Máscara Negra*, do Grupo Corpo-de-Prova; *Dom Chicote Mula Manca*, do Grupo Pano de Boca; *Ninar, Adormecer e Sonhar*, nova versão do mesmo texto estreado em 1979 pelo Grupo de Teatro Panacéia, e que chegou a ser levada para o Ceará a custo do "livro de ouro", um pedido de ajuda financeira aos amigos; *Jujuba, o Leão Atrapalhado*, do Grupo de Teatro Tio Zezinho; *O Consertador de Brinquedos*, da Mandacarú Produções Teatrais; *O Encanto da Borboleta Azul*, da Mímese Produções Artísticas; *O Rei e o Jardineiro*, promoção da Fundação de Cultura Cidade do Recife; *Pinóquio no Circo*, do Grupo Gente Nossa; *Três Peraltas na Praça*, da Dramas Companhia de Artes; *Uma Festa na Casa do Capitão*, com elenco de guias-mirins de Olinda; e *Presépio dos Valenças*, dos Irmãos Valença.

Por conta da morte do seu mestre no dia 11 de maio de 1981, Didha Pereira mudou o nome do grupo Teatro Assimétrico do Recife (Tare) para Marcus Siqueira Produções Artísticas e realizou duas diferentes montagens naquele ano: nova versão de *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove*, agora sob sua direção, com ele no elenco além dos atores Marcelo Malta, Edna Rodrigues, Wilza Baby, Giselda Garret, Carmelita Pereira, Marcus Henauth e Romildo Moreira (os três últimos substituídos por Brivaldo Santos, Grináuria Santos, Beth Costa e João Maranhão), com estreia

Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove





Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove

em 24 de maio de 1981 e temporada no Teatro Joaquim Cardozo, além de participação, em julho, no IV Festival de Inverno da Unicap; e *Pequenas Estórias: Fantasia*, que cumpriu temporada no Teatro Joaquim Cardozo, a partir de 7 de novembro, e foi divulgada por ele, enquanto diretor e autor, como “o espetáculo mais ousado do ano (porque tenta revelar à criança toda a carpintaria teatral)”, de acordo com o *Jornal do Commercio* (7 de novembro de 1981). Curiosamente, a peça, que trazia até cenas de flatulência, posteriormente transformou-se numa montagem para maiores de idade.



Pequenas Estórias:  
Fantasia



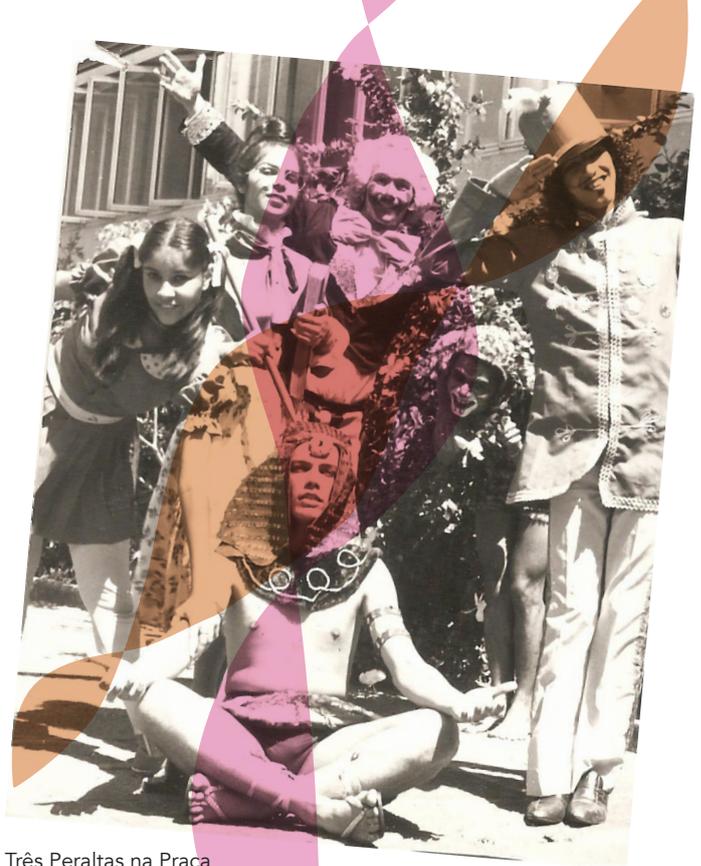
Didha Pereira, que já a considerava de caráter “experimental”, viu que a linguagem era mais apropriada aos adultos, “todos se divertindo muito mais”, disse em entrevista a esta pesquisa (25 de novembro de 2013). Nela, atuavam Carmelita Pereira, Edna Rodrigues, Héliida Macedo (prêmio de atriz revelação no I Festival de Teatro do Recife), Didha Pereira, Giselda Garret, Marcus Henauth e Ivison Santiago. Observando a produção cênica do ano, o *Anuário Brasileiro de Artes Cênicas 1981* (1981, p. 122-140), publicação do Ministério da Cultura e Fundacen, fez registro de quarenta e quatro montagens adultas e trinta e sete para crianças (sendo quarenta e seis por esta pesquisa). Como devem existir outras peças adultas, o fato é que houve uma diferença mínima comparada às décadas anteriores, com aumento da produção para crianças e retração das montagens adultas. Lançado em 1976, este Anuário, importantíssima publicação para se saber como andava a produção teatral em cada estado no Brasil, chegou a sua última edição em 1982 (1982, p. 178-207), momento em que o número de peças adultas pernambucanas quase dobrou (oitenta e seis no total), comparadas ao ano anterior, e as realizações à infância decaíram um pouco, de trinta e sete para trinta e três montagens.

Isto, já contando com as realizações do interior, sendo duas de Caruaru, *A Bruxa do Cabelo Azul*, texto de Erenice Lisboa e direção de Maria de Lurdes, com o Grupo de Teatro do Colégio Mário Sete, e *Banco de Praça*, autoria e direção de Cícero Gomes, pelo Grupo de Teatro do Colégio Nicanor Souto Maior; uma de Arcoverde, a continuação de sessões de *Maria Minhoca*, pelo Grupo de Teatro do Sesc Arcoverde; e uma de Sertânia, *João Barriga Verde No Reino de Cristal*, texto de Marcos Freitas, pelo Grupo Walt Disney, sob direção de Roberto Lopes e com registro de apresentação em Arcoverde. O ano de 1982 também representou grande alegria para a classe teatral e a população em geral,

pela entrega, por parte da Prefeitura do Recife, de duas casas de espetáculos que estavam em reforma, o Teatro Apolo, voltando à cena no dia 13 de maio com a presença do prefeito Gustavo Krause na apresentação de *O Calvário de Frei Caneca*, texto e direção de José Pimentel, que adaptou a montagem para o palco à italiana; e o Teatro do Parque, em agosto, com alterações paliativas que resultaram na interdição do espaço em 1986, após desabamento de uma parte do teto.

Continuando com a maior produção e ocupando sempre o Teatro do Parque, o Clube de Teatro Infantil levou à cena quatro espetáculos, todos com figurinos de Ozita Araújo e já apresentados antes, como *Vamos Salvar Papai Noel*, cuja estreia aconteceu em 1981. Ou ainda *O Coelho Falador ou Um Lobo Muito Doído*, em cartaz de fevereiro a junho, numa nova versão da peça já encenada em 1972 e 1975. O texto de Otto Prado e Leandro Filho, contou com direção, cenário, iluminação e sonoplastia deste último. No elenco, Brivaldo Loreto, Conceição Silva, Paulo André, Conceição Barros, Jane Neves, Marcelo Filho e Walter Beltrão. O *Rato Que Queria Ser Marinheiro*, 2ª versão da peça estreada em 1978, ficou em cartaz de julho a novembro. O texto de Isa Fernandes, trouxe direção, cenário, iluminação e sonoplastia de Leandro Filho. No elenco, Marcão, Leandro Filho, Walter Beltrão, Paulo André, Marcelo Filho e Jane Neves. Em dezembro, *Lute Ratinho*, 2ª versão da peça estreada em 1975, com texto, direção, cenário e sonoplastia de Leandro Filho. No elenco, muitos novatos, Marcelo Filho, Paulo André, Olga Leite, Jane Neves, Marcão e Elenita (sem registro do sobrenome).

Astrogildo Santos firmou-se como produtor e diretor à frente de duas montagens. Em abril, estreou *Briga Bode, Briga Onça*, de Carmosina Araújo, com direção do próprio, no Teatro de Santa Isabel, em temporada até final de maio,



Três Peraltas na Praça

graças à produção tripla Dramas-Circus-Artece-na. O diretor do Grupo Artecena, dom Antônio, deu o seguinte depoimento sobre a escolha da peça ao jornalista Enéas Alvarez, no *Jornal do Commercio* (24 de abril de 1982): "(...) ideal para montar, gostosa, poucas pessoas, sem aquele didatismo piegas da maioria dos textos infantis, e escrita por uma pessoa experimentadíssima!". Em seguida, numa nova parceria entre Dramas e Artecena, Astrogildo Santos trouxe de volta ao palco do Teatro de Santa Isabel o espetáculo *Três Peraltas na Praça*, de José Valluzi, sob sua direção, com funções de agosto a setembro, aos sábados e domingos, às 16h30. No elenco, Andréa Santana, José Levino, Ginaldo Gomes, Lili Lacerda e Jô Ribeiro. Os figurinos eram criações de Elpídio Lima, com cenário e iluminação do próprio Astrogildo Santos.

Já Ulisses Dornelas produziu e dirigiu dois novos espetáculos que foram sucesso de público no Teatro de Santa Isabel, *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, e *Os Saltimbancos*, pelo Grupo (e não mais Conjunto) Cênico Arboreal. Ilza Cavalcanti também ficou à frente de duas outras peças, *O Casamento da Emília* e *Alacazin, Alacazá, Lagartixa Vou Virar*, produções assinadas pelo Haja Teatro, antigo Juventude Teatral do Recife. Nesta



Alacazin, Alacazá,  
Lagartixa Vou Virar



última, estavam os atores Ana Lúcia Lins, Evaldo Costa, Alexandre Simas, Sílvia Pratty, Carlos Alberto, Sílvio Rosendo, Roberto Gomes, Marcelino Freire, Sandro Guedes e Francisca Chagas. Mas foi Carlos Carvalho quem entrou com destaque no rol dos diretores mais profícuos. Após *A Bela Adormecida*, de 1981, ele dirigiu *O Equilibrista*, pelo mesmo Grupo Roda Pião, com estreia em setembro, no Teatro Apolo, cartaz dos sábados e domingos, às 16h30, com retorno mediano de público, mas a peça conquistou o título de Melhor Infantil no II Festival de Teatro



do Recife ao final do ano. O texto de Dirceu Lima e Paulo Marcondes era uma adaptação do livro homônimo de Fernanda Lopes de Almeida. No elenco, Adalberto Wagner, Alberto Gouveia, Alice Albuquerque, Chico Accioly, Ednaldo Araújo, Eleonora Mattos, Lígia Bené, Marlova Dornelles e Silvana Albuquerque.

Ainda em abril, o Teatro Popular da Várzea lançou *Era Uma Vez Uma Pracinha*, texto de Luiz de França, com direção de Marcos Ferreira. No elenco, Ivanise Maria de Souza (Roseira), Antônio Ferreira da Silva Filho (Duque e Barão), Fátima Lira (Abelha), Sandra Márcia (Borboleta), Luiz Ferraz (Cobra), Wilson Jr. (Camaleão), Sandy Vital (Pássaro) e Edgard Machado (Jarbas e Jaime). A peça ficou sendo encenada aos sábados e domingos, às 19h30, no auditório do Instituto Padre Venâncio, no bairro da Várzea. Segundo matéria no *Diário de Pernambuco* (28 de abril de 1982), o propósito da equipe formada há oito meses era "fazer um teatro popular de periferia, voltado para a comunidade onde vivem, mas aberto para outros grupos e desejoso de conquistar assistentes de todas as localidades". A estreia do grupo se deu com um auto de Natal, de Luiz de França e Carlos Marculino, intitulado *O Espelho Nosso de Cada Dia*, encenado no final de 1981. Para estreia em outubro, o TAP-Júnior ainda anunciou na imprensa a montagem de *Viagem à Imaginação*, texto de Ronaldo Ciambri, sob direção de Adhemar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira), mas o espetáculo, ao que parece, acabou não acontecendo.

Do município do Jaboatão dos Guararapes, continuou circulando, inclusive para diversas cidades do interior pernambucano, a peça *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, da TTTTrês Produções Artísticas. Das que no Recife já vinham de temporada em 1981, destaque para *O Rei* e *o Jardineiro*, com o Quinteto Violado em produção da Fundação de Cultura Cidade do



**BASTIDORES** GRUPO DE ARTE CÊNICA  
APRESENTA  
**ESTRELINHA AZUL**  
DE JEANINE MARTINS

APOIO: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO - 1982

Recife; e *Estrelinha Azul*, trabalho de estreia do Bastidores – Grupo de Arte Cênica, com autoria e direção de Jeanine Martins, que ocupou a Sala Clênio Wanderley, na Casa da Cultura, com este texto inspirado na vida de uma menina excepcional que sofre o problema de rejeição, inclusive por parte de seus familiares. **No elenco**, **Théo Capibaribe**, **Tânia Trindade** (no papel-título e assinando coreografias), **Télio Alves**, **Kenio do Lago**, **Suedson Neiva**, **Tunica Advíncula**, **Hélea Dione**, **Rosilda Patriota**, **Roberta Martins**, **Loló Gomes**, **Flávia Gomes**, **Jeanne Numeriano** e **Rosângela** (sem registro do sobrenome). O artista plástico **Wilton de Souza** ficou responsável pelo cenário e figurino.

Foram estreias ainda de 1982: *A Baratinha Azul*, do Grupo de Teatro Contato; *A Floresta Encantada*, da Trupe Experimental de Teatro; *Brinquedolândia*, de Jaime Calaça, com direção de Nildo Barbosa, pelo Grupo Teatro Mocambo; *O Coelho Plim Plim* e *a Floresta de Quintal*, de Chico Caldas, com direção de Aninha Melo, pela Mímeses Produções Artísticas; *O Comprador de Fazendas*, com o Grupo Arteatro em produção da Diretoria de Serviços Educacionais da Secretaria de Educação; *As Aventuras do Capitão Flúor no Reino do Dente Cariado*, com elenco do Teatro da Caixa Econômica do Recife em texto e direção de Luiz Marinho; *O Milagre das Cores*, do Grupo Arte Moderna; *O Recruta* e *Peça Sem Nome*, duas montagens do Grupo Mamulengo Acorda Povo; e *Sua Majestade*, a

*Criança*, do Grupo Independente. Ao final de 1982, surgiu ainda o espetáculo *Encontro de Natal*, colagem do Grupo de Teatro da Fundação Joaquim Nabuco como fruto de curso promovido com o diretor Isaac Gondim Filho, apresentado na Sala Roquette Pinto daquela instituição. **No elenco**, **Marcelo Peixoto**, **Inalda Silvestre**, **Nilza Lisboa**, **Renato Phaelante**, **Edilice Pessoa**, **Mônica Pinto**, **Miriam Vasconcelos** (Miriam Brindeiro, que musicou alguns poemas), **Paulo Doca**, **Mércia Costa**, **Edmundo Bentzen**, **Estefânia Mota**, **Alberto Almeida**, **Maria José Moraes** e **Maria do Carmo Andrade**.

Didha Pereira também escreveu e dirigiu *As Meninas* e o *Cedro (A Paquevira)*, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas. Com figurinos e cenário de Carmelita Pereira e Didha Pereira e iluminação de João Cavalcanti, a estreia se deu



As Meninas e o Cedro



no dia 17 de julho de 1982, no Teatro do Forte, mas a peça também cumpriu temporada no Teatro do Derby. **No elenco, Lúcia Machado, Antônio Roosevelt, José Brito, Márcia Menezes, Héliida Macedo e Sílvio Pinto.** Curioso é perceber a experimentação de alguns grupos que arriscavam-se a realizar uma peça voltada ao público infanto juvenil, não se sabe se por curiosidade de mergulho em um novo universo cênico ou por questões financeiras, já que fazer teatro para criança, aparentemente, era garantia de boa bilheteria. Proliferaram-se, então, grupos e companhias, mas a grande maioria teve carreira efêmera. Nasceram e morreram com a mesma rapidez.

O fato é que muitos coletivos surgiam no mercado já com produção voltada à infância, como o grupo de vida curtíssima Tem Na Linha, com *O Passo das Flores*, de Rita Smolianinoff, sob direção de Jacques Weyne, com temporada no Teatro do Derby, aos sábados e domingos, às 16 horas, a partir de julho. **Em cena, os atores Henrique Rodrigues, Ana Montarroyos, Amaro Feitosa, Flávio Santos, Luiz Amorim, Frances Torres, Socorro Gomes, Shirley Correia, Conceição Barros e Isabel Henrique.** Ou ainda Os Ilusionistas (posteriormente transformados na Ilusionistas Corporação Artística, até hoje atuante), com a peça *Mas... a Verdadeira Estória de Chapeuzinho*



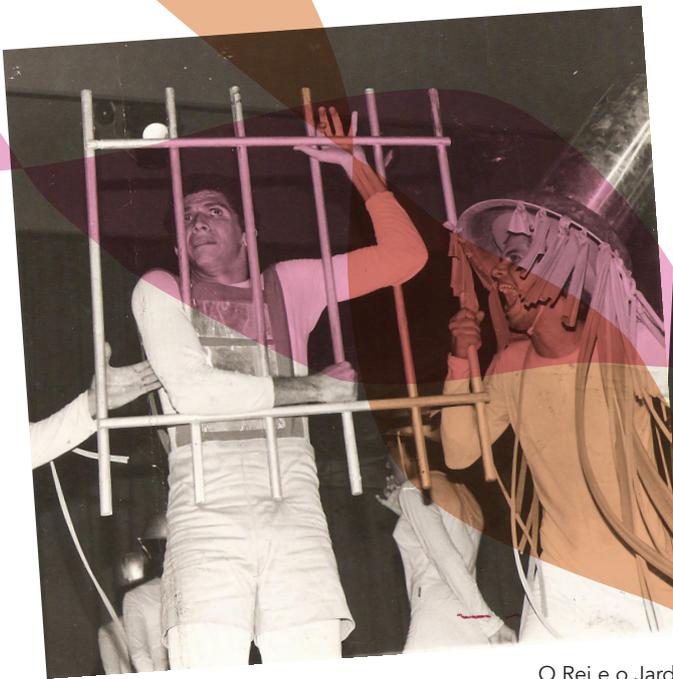
Mas... a Verdadeira Estória de Chapeuzinho Vermelho Não Foi Bem Assim



*inho Vermelho Não Foi Bem Assim*, texto e direção de Augusta Ferraz, em temporada num espaço alternativo, entre as árvores do pátio externo do Teatro Joaquim Cardozo, de dezembro de 1982 a fevereiro de 1983. **No elenco, Edna Rodrigues, Paulo Barros, Pedro Júnior, Jandiram Airam (eventualmente substituída por Augusta Ferraz), Fátima Santa Rosa, Frederico da Luz Guerreiro, Alba Lúcia, Valéria Alencar, Rinaldo (Rinaldo Silva, hoje artista plástico), Giselda Garret e Carlos Anthony.** A peça ganhou novo elenco e adaptações ao final de 1983.

O Passo das Flores





O Rei e o Jardineiro



Um dos grandes sucessos do ano foi a retomada das apresentações de *O Rei e o Jardineiro*, no Teatro do Parque, com o Quinteto Violado em peça musical de Toinho Alves e João Jesus Paes Loureiro, na comemoração da Semana da Criança, *sob a direção de Lúcio Lombardi*. No elenco, os músicos do Quinteto Violado e os atores Romero Andrade, Carlos Lira, Fernando Bastos e Carlos Lago, além das bailarinas Ana Maria, Ana Cristina, Amélia, Cláudia, Célia, Daise, Gisélia, Ilana, Fátima e Tereza (sem registro dos sobrenomes). O crítico Enéas Alvarez escreveu no *Jornal do Commercio* (2 de novembro de 1982):

(...) quero apreciar aqui a proposta nova que o Quinteto Violado ofereceu a (sic) cidade, misturando música com teatro e dança, sob o título "O Rei e o Jardineiro", uma adaptação que Toinho Alves fez do poema homônimo de João de Jesus e cuja direção confiou a Lúcio Lombardi. Primeiro, vamos cuidar do texto, que insistiu na narração, abandonando integralmente os diálogos e que apesar disso, atingiu razoavelmente o público (...). O poema é singelo e agradável, compondo uma história de fácil assimilação e bem digerível pelo público infanto-juvenil a que se destina. A direção de Lúcio Lombardi foi uma aula de bom teatro, a demonstrar

o vigor de sua mão de diretor e a riqueza de sua criatividade. (...) sem buscar elementos estranhos à linguagem e ao povo da região, um exemplo a seguir. Convocou um bom elenco e um bom pessoal técnico, (...) espetáculo a que posso classificar como um dos melhores do ano no Recife (...). A linguagem direcional de Lúcio, nessa montagem milionária foi grandiloquente e suficientemente adaptada às necessidades da produção, de tal sorte que tudo se entrosou direitinho à sua proposta, numa realização do melhor nível artístico. O elenco merece nota dez, capitaneado por Romero Andrade e Carlos Lira (os dois grandes nomes da nova geração do teatro pernambucano), (...) contando, é claro, com a boa coadjuvação de Fernando Bastos e Carlos Lago. Quero destacar a coreografia segura e criativa de Dayse Caraciolo, um nome a se anotar, para não ser esquecido, por ter conseguido, com sua arte, dinamizar o espetáculo e promover a sadia vizinhança entre a música e a dança e o teatro. Agora duas palavras finais: uma para o Quinteto Violado, essa boa legenda de nossa música popular; outra para Buarque de Aquino, o mágico figurinista que misturou

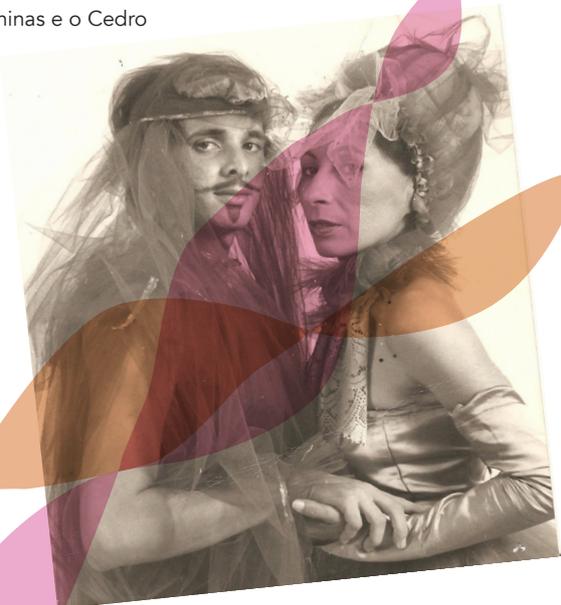
bacias e organzas para obter um visual rico e encantador.

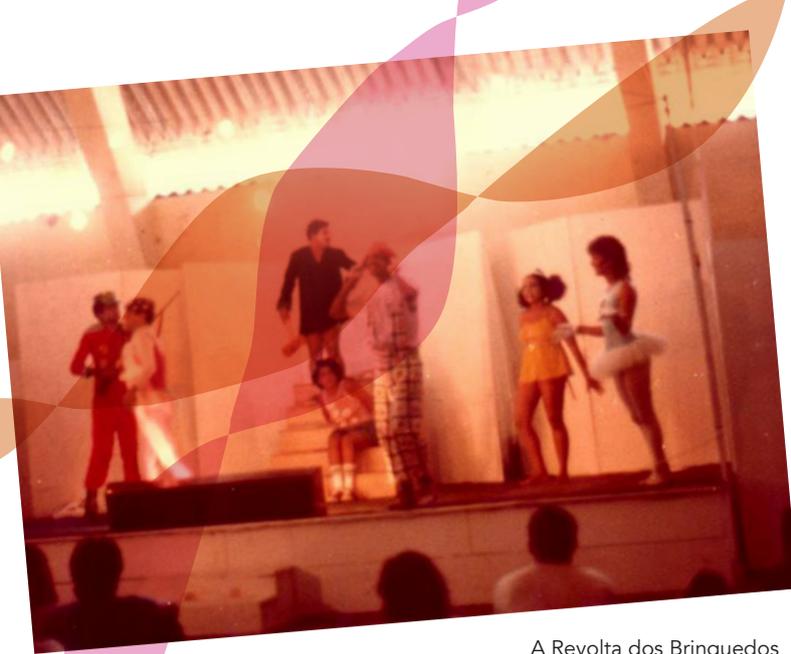
Além da estreia de dezenas de grupos, o ano de 1982 marcou o crescimento dos festivais pelo estado, com a realização do II Festival de Teatro do Recife, em outubro, no Teatro do Derby (comemorando dois anos de reativação), de 1 a 11 de outubro – a programação contava com número recorde de trinta espetáculos, entre adultos e infantis das cidades do Recife, Olinda, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes, Arcoverde e Timbaúba, sendo aberta pela peça adulta *Trupizupe, o Raio da Silibrina*, de Bráulio Tavares, com direção de Carlos Varela, pela TTTTrês Produções Artísticas, e finalizada com a peça infantil *Alacazin, Alacazá, Largatixa Vou Virar*, de Marcelino Freire, com direção de Ilza Cavalcanti, pelo grupo Juventude Teatral do Recife. Foram premiados na categoria infantil: **Dnipier Aguiar (Ator Revelação)** e **Cristina Araújo (Atriz Revelação)**, ambos pelo espetáculo *As Aventuras do Capitão Flúor no Reino do Dente Cariado*, do Teatro da Caixa Econômica do Recife, produção que conquistou ainda o prêmio de Melhor Diretor para **Luiz Marinho**; **France Torres (Melhor Atriz Coadjuvante)**, por *O Passo das Flores*; **Adalberto Vagner (Melhor Ator Coadjuvante)**, por *O Equilibrista*, do Grupo Roda Pião, eleito ainda o Melhor Espetáculo Infantil do festival; **Lúcia Machado (Melhor Atriz)** e **Antônio Roosevelt (Melhor Ator)**, ambos pela peça *As Meni-*

*nas e o Cedro (A Paquevira)*, da Marcus Siqueira Produções Artísticas, montagem que recebeu o Prêmio Especial do Júri. No seguimento adulto, houve empate na categoria Melhor Espetáculo entre *Trupizupe, o Raio da Silibrina*, da TTTTrês Produções Artísticas, e *Por Incrível Que Pareça*, do Grupo Gambiarra. Além dos troféus Samuel Campelo aos vencedores, os melhores espetáculos receberam dos promotores do festival, a Legião Assistencial do Recife e o Teatro do Derby, prêmio em dinheiro como auxílio-montagem.

Também foi realizado o III Festival (não mais Estudantil) de Teatro de Bolso, em novembro, na Sala Clênio Wanderley, promoção do Radier Centro Educacional em conjunto com a Casa da Cultura, Fundarpe e Secretaria da Cultura; e nas cidades do interior, o II Festival de Teatro de Petrolina, em janeiro; o I Festival de Teatro de Arcoverde (Festearc), em março; além do II Festival de Teatro Amador do Agreste (Feteag), em Caruaru, no mês de setembro. Vale registrar que, de 18 a 21 de outubro, no Teatro do Forte, no Recife, foi realizado o II Encontro de Teatro Pernambucano, promoção da Federação de Teatro Amador de Pernambuco (Feteape), abordando os temas: “Teatro na Educação”, “Teatro Infantil”; “Teatro Hoje: Seu Papel no Conteúdo Sócio-Político-Cultural” e “O Espetáculo: Procura de Uma Nova Linguagem”. Pena que o Teatro Valdemar de Oliveira continuou fechado por conta do terrível incêndio, no entanto, proliferaram-se espaços para uso do teatro para crianças. Além do Teatro de Santa Isabel e Teatro do Parque, também foram utilizados como palco, o Teatro Joaquim Cardozo, incluindo seu pátio externo; o Teatro do Forte, Teatro do Derby, a Sala Clênio Wanderley e a Sala Jota Soares, ambas na Casa da Cultura; o Teatro Apolo, Teatro do Sesc, Auditório Benício Dias, da Fundação Joaquim Nabuco; e o Colégio Contato. Muitos grupos também circularam pelas periferias, escolas e cidades do interior. Foi um ano efervescente de produção e circulação teatral.

As Meninas e o Cedro



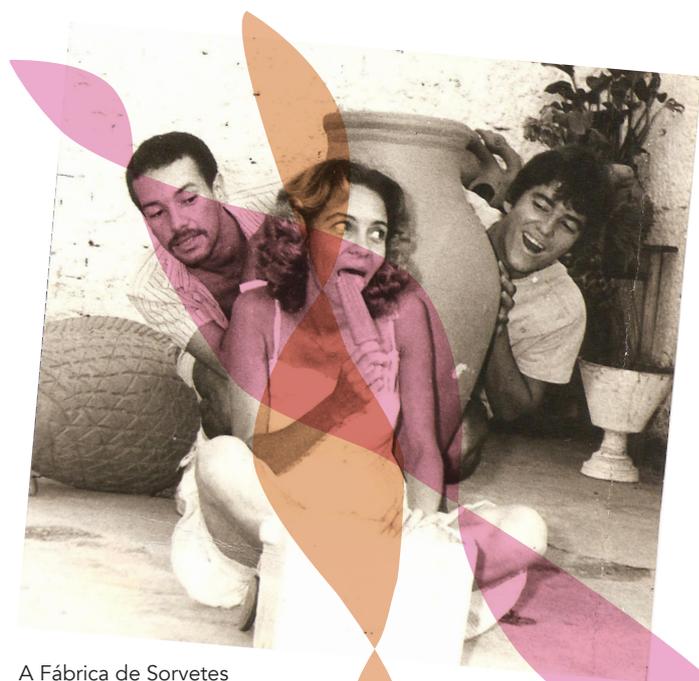


A Revolta dos Brinquedos

Ainda que com textos já conhecidos, novas peças para crianças foram apresentadas no início de 1983. No 40º aniversário da Universidade Católica de Pernambuco, por exemplo, o diretor Carlos Varella, à frente do Teatro da Universidade Católica de Pernambuco (Tucap), preparou o espetáculo *Retrospectiva Tucap*, com trechos dos maiores sucessos do grupo até então, destacando, inclusive, uma montagem para crianças de 1972, *A Revolta dos Brinquedos*. No elenco atual, Vivi Pádua (Menina), Leila Freitas (Boneca de Louça), Marquinhos Varella (Ursinho), Jorge Costa (Soldado de Chumbo), Magnólia Rejane (Bruxa de Pano), Samarpan (Boneco de Cordas) e George Demétrios (Fantoche). A peça foi apresentada na quadra coberta da própria universidade, durante a "Calourada 83". Já a Dramas Companhia de Artes cumpriu temporada a partir do dia 13 de março, no Teatro Apolo, aos domingos, às 10 horas, com *Pluft, o Fantasminha*, sob direção de Astrogildo Santos. As sessões contavam com a participação do Palhaço Plim Plim (o próprio diretor) e sua bandinha composta do Maestro Maluco, do músico Bombinho e do flautista Senhor Rei Mandou Dizer. Também em março, no Dia Mundial do Teatro, a Feteape lançou o projeto Vamos Comer Teatro, que possibilitou a (re)apresentação de dezenas de montagens, entre adultas e infantis, indo também ao interior do estado.

Tratando da circulação para outros municípios, *Maria Minhoca*, da Aquarius Produções Artís-

ticas, sempre com bom público, foi ao Teatro Benjamim, no município de Timbaúba. No Recife, o lançamento do texto *O Pequenininho Grão de Areia*, pela Skene Produções, com autoria, músicas e direção de João Falcão, fez sucesso no Teatro de Santa Isabel a partir do mês de abril. Conforme o *Diário de Pernambuco* (29 de abril de 1983), a proposta era "levar à criança uma história de amor ao invés das redundantes brincadeiras e palhaçadas". O espetáculo contava com os atores Suzana Costa, Paulo Falcão, Rutílio de Oliveira, Cláudio Ferrário, Magdale Alves, Fátima Patrício e Paulo Barros. Ainda podia ser vista *A Fábrica de Sorvetes*, com o Grupo de Teatro Colcha de Retalhos, também estreando em abril e permanecendo até junho, no Teatro do Forte, com texto de Carlos Gomes, dirigido por Américo Barreto, e produção executiva de Jô Ribeiro. No elenco, Carmen Alves, Arari Fonseca, Gladis Farah, Nelson Correia e Pedro Dias.



A Fábrica de Sorvetes

Em maio, mais novidades: *Passarás, Passarás* entrou em temporada no Teatro do Derby, ficando até julho daquele ano. O texto infantil de Carlos Lira, sob a direção de José Manoel, era uma realização do grupo Tem na Linha, que terminou sua brevíssima carreira com este 2º trabalho. No elenco, Josenildo Marinho, Ana Montar-



Passarás, Passarás



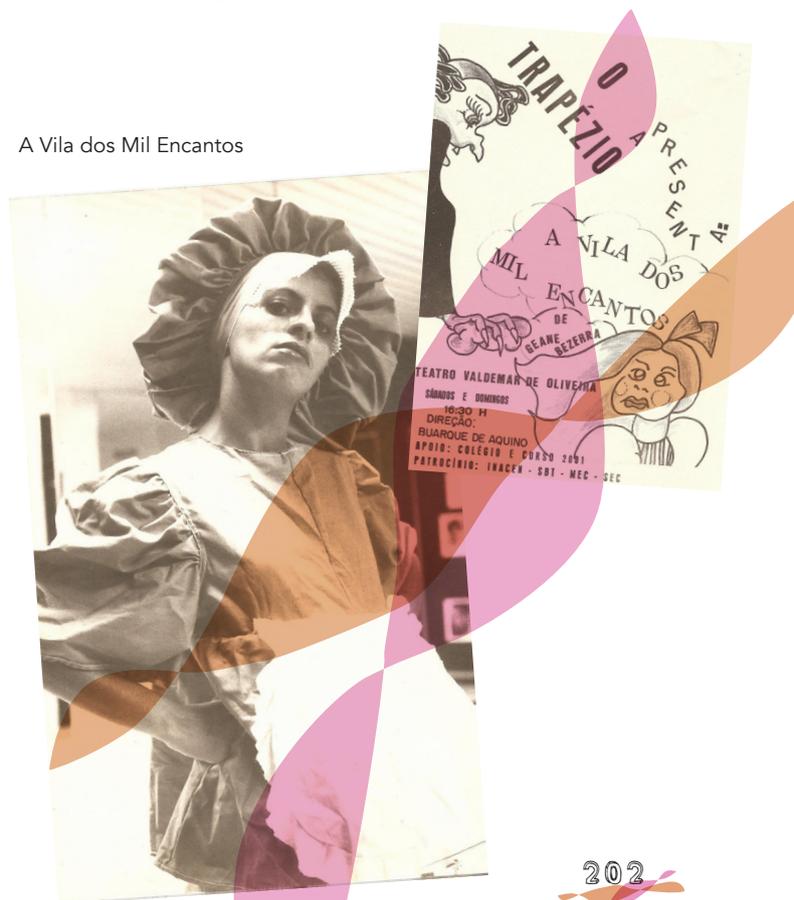
também os figurinos, cenários e máscaras. No elenco, Manoel Constantino, Moisés Neto, Romildo Moreira (ator convidado), Tereza Meira, Zélia Sales e a própria autora, todos cantando, dançando e interpretando as aventuras de uma menina que procura a chave dos seus segredos. Uma matéria na coluna *Teatro*, de Valdi Coutinho, no *Diário de Pernambuco* (maio de 1983, recorte de jornal sem data. Acervo: Leidson Ferraz), destacou na estreia:

O texto – segundo informa o diretor Buarque de Aquino – utiliza uma linguagem simbólica contida no mundo fantástico das crianças quando estão na fase das descobertas da vida e querendo entregar-se a ela. É através do sonho que o segredo do mundo vai se revelando e sendo descoberto pelas personagens, sem se perder da realidade próxima às crianças, representada no texto de Geane Bezerra pela “Avó” e os companheiros das brincadeiras, das brigas e das grandes aventuras da menina.



A Vila dos Mil Encantos

royos, Socorro Gomes, Conceição Barros, Isabel Henrique, Manuel Alves, Henrique Rodrigues, Flávio Augusto e Flávio Santos. A peça, inclusive, foi uma das poucas opções infantis no IV Festival de Teatro de Bolso (Tebó), promoção da Fundarpe e Museu da Cidade do Recife, que ocupou o Teatro do Forte, em outubro. Ainda em maio, foi a vez da estreia de *A Vila dos Mil Encantos*, do Grupo Trapézio (e não mais assinando Trapézio Grupo Teatral), em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos, às 10h30. O texto de Geane Bezerra contou com a direção de Buarque de Aquino, assinando



O 1º semestre de 1983 foi considerado, então, um período de excelente produção teatral por Valdi Coutinho, com matéria no *Diário de Pernambuco* (1 de agosto de 1983):

O movimento artístico recifense esteve bem dinâmico e produtivo neste primeiro semestre, com boas montagens teatrais dos conjuntos pernambucanos e atraentes grupos visitantes, sempre prestigiados pelo nosso público (...) Antigamente, somente os grupos amadores de tradição, (...) mantinham um público certo e fiel. Agora, a coisa está bem diferente, com alguns conjuntos novos e sem tradição se firmando no conceito do público e merecendo o apoio e o prestígio para suas montagens. Eles valem pelo que fazem, pela qualidade e talento e não somente pela tradição.

Em retrospectiva, o crítico listou uma série de montagens adultas em destaque, a começar de *Olha Pro Céu, Meu Amor*, de Vital Santos, que inaugurou oficialmente o Teatro João Lyra Filho, em Caruaru. Vale lembrar que em dezembro de 1983 foi inaugurado também o Teatro do Sesc Caruaru, hoje Teatro Rui Limeira Rosal (após reforma em fevereiro de 2010). *Foi Bom, Meu Bem?* e *Tal e Qual, Nada Igual*, "duas excelentes produções da Aquárius, Praxis e Boca de Cena, que continuam, ainda, fazendo sucesso", também foram lembradas pelo jornalista, assim como *Se Chovesse Vocês Estragavam Todos* (em dia inusitado no Teatro Valdemar de Oliveira, às segundas-feiras, "recebendo ainda um impressionante público"), *O Cão Siamês de Alzira Power* (em temporada no Auditório Alfredo de Oliveira), *Apareceu a Margarida* (na Boate Misty), *Lampiãoço, o Rei do Cangão, Chilique Peba, Periquito Chique, Por Amor Eu Me Aniquilo, As Mãos de Eurídice, A Capital Federal e A Visita de Sua Excelência*. Ainda de acordo

com ele, por conta do projeto Vamos Comer Teatro, promovido pela Feteape desde março, os artistas e o público redescobriram o Teatro Apolo, "anteriormente um local não muito frequentado". Já o Teatro Joaquim Cardozo ainda não tinha vingado como espaço alternativo, "com frequência muito baixa e sem uma causa aparente que justifique esta ausência e subestimação", criticou. O Vivencial Diversiones, depois da badalada reabertura sob administração de Roberto de França, estava fechado novamente, "com o mato invadindo a construção da humilde – porém – simpática casa do Complexo de Salgadinho".

No teatro para a infância, o bom momento só tinha a crescer. Tanto que, de agosto a setembro, voltou à cena, no Teatro de Santa Isabel, *A Revolta dos Brinquedos*, da Aquarius Produções Artísticas, sempre aos sábados e domingos, às 16h30, agora sob direção de Paulo de Castro (e não mais de José Francisco Filho). **No elenco modificado, Ivonete Melo (ainda no papel da Menina Má), Evandro Campelo, José Ramos, Fátima Aguiar, Carlos Carvalho, Tuca Andrada e Livia Falcão.** Infelizmente, um dos autores da



A Revolta dos Brinquedos



obra, Pernambuco de Oliveira, faleceu naquele ano de 1983, momento de perda também de duas outras figuras importantes do teatro local: José Carlos Cavalcanti Borges e Barreto Júnior, este último prestes a completar oitenta anos. Depois de algum tempo parado, após o sucesso da peça *A Menina Que Perdeu o Gato...*, o grupo Artis-Hoje voltou com outra montagem infantil do mesmo autor olindense Marcos Apolinário, *Um Menino No Mundo da Lua*, texto escrito originalmente para o teatro de bonecos e premiado pelo SNT, no Concurso Nacional de Dramaturgia Infantil, em 1982. No elenco, Pedro Júnior, Francisco Emanuel, Josenildo Marinho, Bartolomeu Cavalcanti, Aidil Araújo e Ingrid Buhr. Com direção de José Lopes Filho, figurinos de Lúcio Flávio Rios e composição e direção musical de Múcio Callou, a peça cumpriu temporada durante todo o mês de agosto, aos sábados, às 16 horas, e domingos, às 10 e 16 horas, no Teatro do Derby. Enquanto isso, o Teatro do Parque passou por breve reforma (mais uma paliativa).

E continuou tão fervilhante a produção teatral para a meninada em 1983 (incluindo shows e recreações), que as matérias jornalísticas abriram muito mais espaço a esta linguagem. Valdi Coutinho registrou, por exemplo, no *Diário de Pernambuco* (27 de agosto de 1983):

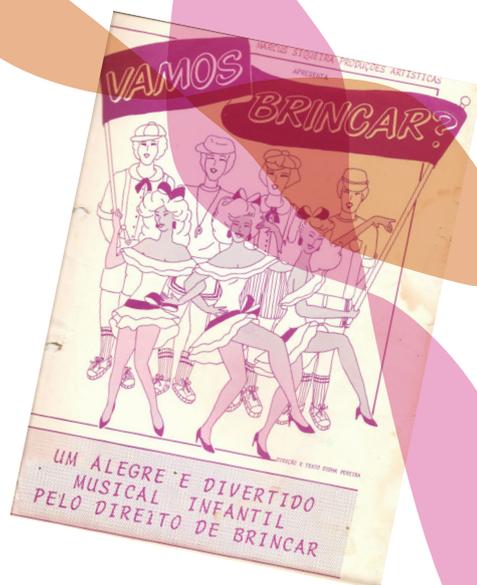
A temporada do teatro infantil está fértil, com produções bem cuidadas, alguns espetáculos atrativos, enfim, um verdadeiro painel de opções para a garotada. Os adultos também podem aproveitar (...) No Geraldão, a partir das 16 horas de hoje, haverá um grande show musical com o palhaço Amiguinho e a boneca Pepita, com direção de Tell Lúcia, produção de Carlos Amâncio, o (sic) numeroso elenco, onde aparecem o próprio Carlos Amâncio (palhaço), Ana Maria (boneca), Cuca (Telma

Lúcia), e vários outros atores. É bom lembrar, mais uma vez, a programação do "Domingo Sapeca", do Centro Cultural Luiz Freire, com jogos, brincadeiras, sorteios, oficinas de criatividade, e a participação do ator e educador Ângelo Lima, revivendo a figura imortal de Carlitos. Após o desfile de moda infantil promovido pelo Atelier Pedaço de Pano, haverá mostra de filmes. "Branca de Neve e os Sete Anões", uma versão de Fátima Costa com produção e direção de Astrogildo Santos, ocupa o Teatro Apolo nas manhãs domingueiras. Um espetáculo cheio de cor, brilho e fantasia, com participação de numeroso elenco da Dramas Companhia de Artes. Mais de 1.500 pessoas já prestigiaram esse trabalho. Palhaço Plin Plin e sua bandinha estão presentes. Um clássico da dramaturgia infantil, "A Revolta dos Brinquedos", (...) volta a ser encenado pela Aquarius, e pode ser vista (sic) aos sábados e domingos, às 16h30m, no Teatro de Santa Isabel. A direção é de Paulo de Castro, que conta com um elenco de experientes profissionais (...) Continua em cartaz, no Derby, a peça infantil "Um menino no mundo da lua", de Marcos Apolinário, com direção de José Lopes Filho, pelo Artis-Hoje. (...) O título é bem curioso, o espetáculo vem merecendo aplausos da platéia: "É um pássaro? É um avião? Não! É uma super confusão!", escrito por Patrícia Breda, Roberto Borges e Maurício Pollari, sob a direção de Pedro Henrique Dias. Pode ser vista aos domingos, a partir das 10 horas, no Teatro Valdemar de Oliveira. O texto faz uma rápida abordagem, sem maiores análises, de como a televisão é recebida pelas pessoas, com seus ídolos, seus truques, suas emoções. O Grupo de Teatro Corpo e Cena estréia

sua primeira produção independente, próximo mês, no Centro de Cultura Luis (sic) Freire, em Olinda. Trata-se da peça infantil “O Violino Encantado”, de Vanildo Bezerra, com direção de Romildo Moreira. (...) outra atração no gênero: “A Maravilhosa estória do sapo Tarê-Bequê” [Tarô-Bequê], de Márcio de Souza, que continua temporada no Teatro do Forte, às 16 horas dos sábados e domingos, numa produção de Garra, com direção de Carlos Alberto Moraes e numeroso elenco. Outra estréia está marcada para setembro, (...) “A menina e a cigarra”, de Antônio Ribeiro Leite, pela Fox Produções Artísticas, conjunto que faz sua “avant-premiere” entre nós. Data: 4 de setembro, às 10 horas, no Teatro Joaquim Cardoso (sic). A Marcus Siqueira Produções Artísticas está ensaiando “Vamos Brincar?”, autoria e direção de Didha Pereira, com estréia marcada para o dia 3, às 16h30m, no Teatro do Derby, com renda em benefício dos flagelados da seca.



Esta última montagem, “um alegre e divertido musical infantil pelo direito de brincar”, como divulgado em seu programa, ganhou nova ver-



são em 1985 pela mesma Marcus Siqueira Produções Artísticas. Neste elenco de estreia (com personagens de nomes bem engraçados) estavam os atores Carmelita Pereira (Tia Vicentina Cafúcina Filermina Harmorial de Bragança Segunda Oitava), Márcia Menezes (Rita Mijona), Mônica Holanda (Vanderluca), Fátima Moreira (Roberto Peba), Ednaldo Araújo (Tarcísio Beira), Elean Alexandre (João do Pato) e Didha Pereira (Tele Guiné). Em setembro de 1983, a peça foi uma das selecionadas a participar do projeto Teatro na Praça, promovido pela Fundação de Cultura Cidade do Recife. Já *O Violino Encantado*, infantol juvenil de Vanildo Bezerra Cavalcanti, com direção de Romildo Moreira, foi apresentado em outubro e novembro de 1983, no Centro de Arte Popular de Olinda, aos sábados e domingos, às 16h30, tendo no elenco, Lúcio Passos, Júnior Sampaio, Mísia Coutinho, Pedro Dias, Alba Barbosa, Tadeu Sobreira, Marcos Luna, Sueli (sem registro do sobrenome) e



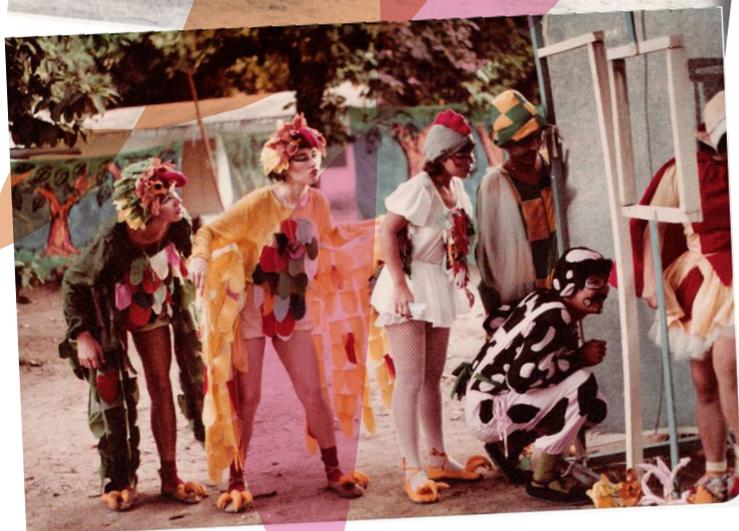
Carmen Alves, com produção do Grupo de Teatro Corpo e Cena.

Por sua vez, com algumas modificações, mas ainda ocupando o pátio do Teatro Joaquim Cardozo, entre suas árvores, a peça *Mas... a Verdadeira Estória de Chapeuzinho Vermelho Não Foi Bem Assim*, com texto e direção de Augusta Ferraz, pelo grupo Os Ilusionistas, também voltou a ser apresentada de outubro a dezembro, agora contando no elenco com Ivete Lourenço, Cristina Brayner, Aidil Araújo, Magda Alencar, Simone Figueiredo (eventualmente substituída por Augusta Ferraz), Fátima Barreto, Leonardo Alencar, Marco Mendes, Luciene Leitão e Henrique Rodrigues. A produção recebeu auxílio do Inacen para esta temporada. Valdi Coutinho foi um dos jornalistas que a recomendou em matéria de título "O bom momento do teatro infantil" no *Diário de Pernambuco* (22 de outubro de 1983):

Dentro de uma nova perspectiva e incitada por uma inquietação presente no teatro como um todo, e particularmente, no teatro infantil, a autora Augusta Ferraz lança uma proposta diferente na linguagem infantil dos nossos espetáculos, com "Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim", resultado de um trabalho de recriação em cima de um dos contos de fada de maior destaque na literatura infantil mundial.

Foi novamente o *Diário de Pernambuco* (17 de dezembro de 1983) que destrinchou o divertido enredo da montagem e abriu espaço para depoimento da autora e diretora:

Uma porção muito mágica modifica o comportamento dos que habitam a mata do "Já É" e a vila do "Pode Ser". Chapeuzinho Vermelho, Lobo



Mas... a Verdadeira Estória de Chapeuzinho Vermelho Não Foi Bem Assim

Fominha, Galinha Tefe, Periquito Vai e Periquito Vem e o Abusadinho Lírico, formam a turminha do horror. Um contra-regra tropicalista, misto de Elfo e feiticeiro, decide se apossar do pote com a última experiência da dona Corujona, a porção "Te Aquieta". Essa é uma rápida síntese do enredo de "Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem Assim", escrito e dirigido por Augusta Ferraz. (...) Falando a respeito do trabalho, Augusta Ferraz explica: "O mito do bem e do mal persiste e sobrevive há séculos no mundo infantil, tão cheio de símbolos, e sempre foram mostrados de maneiras diversas e ilusórias, dentro da psicologia infantil. As fadas, bruxas, príncipes e gnomos se tornam exemplos vivos do pode não pode, do deve não deve". Chapeuzinho Vermelho já percorreu o mundo inteiro na forma de

disco, filme, livros. Atravessou portas seculares do sonho e do símbolo, mas dentro de uma linguagem que não tem muito a ver com a criançada de hoje, que tem como ponto central de lazer e aprendizado, a televisão.

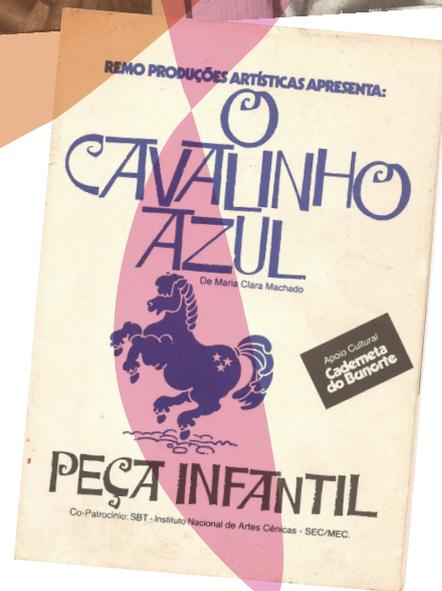
O jornalista Sanelvo Cabral, também no *Diário de Pernambuco* (26 de novembro de 1983), expôs mais sobre a opinião de Augusta Ferraz em torno da obra dela:

Para Augusta Ferraz o seu texto propõe a quebra de mitos. "Pessoas totalmente más ou totalmente boas não existem. São mitos criados por nós. E o forte do texto está no poder que a porção "Te aquieta" tem sobre tudo que vive. "Te aquieta" funciona como colírio para os olhos que acham que não podem ver. Ela cora, fortifica e rejuvenesce, como a sonhada fonte da juventude. A partir dela, só luz, só cheiro, só visão", acrescenta a autora. "Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho" foi premiada no III Festival de Teatro do Recife, e o seu sucesso pode ser medido pelo público que tem comparecido ao Joaquim Cardozo.

Naquele ano, a peça ganhou os prêmios de Melhor Direção e Melhor Espetáculo de Teatro Infantil no III Festival de Teatro do Recife, além do prêmio de **Melhor Ator para Henrique Rodrigues**, **Melhor Atriz para Ana Magda** e **Melhor Atriz Coadjuvante para Ivete Lourenço**. Ainda em outubro, estava em cartaz *O Cavalinho Azul*, no Teatro do Parque, aos sábados e domingos, às 16h30, texto clássico de Maria Clara Machado em montagem da Remo Produções Artísticas (com apoio cultural da Caderneta do Banorte e co-patrocínio do Inacen), sob direção de Rubem Rocha Filho. **No elenco, Stella Maris Saldanha (Mãe e Velha-Que-Viu), Cuca Maia (Vicente),**



O Cavalinho Azul



**Luiz Lima (João de Deus), João Ferreira (Músico Gordo), Marcus Vinícius (Músico Alto), Pedro Júnior (Músico Baixo), Paula Azevedo (Menina) e Josenildo Marinho (Pai, Palhaço, Cowboy e Vendedor).** A peça ganhou destaque naquela mesma matéria de Valdi Coutinho:

Outro espetáculo que vem atraindo a atenção do público é "O Cavalinho Azul" (...) antes de mais nada, um convite à fantasia. A poesia da infância e a verdade dos adultos que dividem entre si, durante todo o espetáculo, espaços que serão vencidos no final, com a reação do público. A criação dos cenários e dos figurinos está a cargo de João Denys.

No mês das crianças, também com apoio do Inacen, o musical infanto juvenil *Canteiros*, do Grupo Panacéia, ocupou o Teatro Valdemar de



Canteiros

Oliveira, com texto e direção de Romildo Moreira abordando o problema do desmatamento e os consequentes prejuízos para a ecologia. "A peça foi convidada para ir ao Festival Ibérico, em Portugal, na cidade do Porto, mas não conseguimos a grana", revelou Romildo Moreira no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 191.). **Trazia no elenco, Américo Barreto, Edna Rodrigues, Fábio Costa, Gilson Santos, Gladis Farah e Lenormande Lima.** Naquele mesmo teatro, às 10 horas dos domingos, a opção era *É um Pássaro? É um Avião? Não, é uma Super Confusão*, criação de Patrícia Breda, Roberto Borges e Maurício Pollari, assinada pela Cooperativa Teatral Boca de Forno, sob direção de Pedro Henrique, que recebia um bom público e questionava os valores da televisão, de forma divertida e colorida. **No elenco, a imprensa destacou a participação da atriz Marilena Breda.** Também podia se visto *O Gato de Botas*, de Geysa Bôscoli, com direção de Ulisses Dornelas, pelo Grupo Arboreal e Palhaço Chocolate

(que participava da recreação com show, jogos e sorteios, junto à sua Charanga), no Teatro de Santa Isabel, **com os atores Célio Moura, Lenormande Lima, Graça Alves, Eduardo Fonseca, Milton Soares, Lêda Arruda, Edvan Carneiro, Valéria Vanda, Aldemir Landelino, Luiz Antônio e participação especial do Mágico Érik.**

Se em Arcoverde surgiu o infantil *As Ruínas do Rei Solimões*, texto de Geraldo Jorge, com direção de Joana D'Arc Pereira, pela Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc), peça que chegou a participar do III Festival de Teatro do Recife, o ano de 1983 marcou ainda as últimas realizações do Clube de Teatro Infantil, após dezessete anos de intensa produção. Além da continuação da temporada de *Lute Ratinho*, original de 1982, e a estreia de uma nova versão de *O Fantasma Azul*, texto de Isa Fernandes e Leandro Filho, com direção deste último **e participação dos atores Marcelo Messias, Jandira Maria, Olga Leite, Jane Neves e Elenita (sem registro do sobrenome)**, o Clube de Teatro Infantil fechou parceria com o Grupo de Teatro Colcha de Retalhos para sua última realização, antes do diretor Leandro Filho seguir de vez para a cidade de Caruaru. A peça escolhida foi *A Gema do Ovo da Ema*, de Sylvia Orthof, em cartaz no mês de setembro daquele ano, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro do Parque. **A direção musical era do ator, compositor e violonista**



Paulo Guimarães. No elenco, Henrique Amaral, Rosângela Melo, Batista Lago, Socorro Silva, Rosa de Cássia, Jandira Maria, Kátia Cristina de Abreu, Itamar dos Santos e Rogério Ferreira.

O Recife ainda recebeu, como espetáculo infantil visitante, o musical *O Jardim das Borboletas*, de André Adler, com músicas de Zé Rodrix e Taiguara, sob os auspícios do Inacen, apresentado no Centro de Convenções. Em referência aos festivais, aconteceram o IV Festival de Teatro de Bolso (Tebo), o II Festival de Teatro de Arcoverde (Festarc) e o III Festival de Teatro Estudantil do Agreste (Feteag), este último em Caruaru. Uma outra ação significativa foi dada pela Feteape, durante gestão de Zélia Sales, com o Projeto Criança, no Recife, que ganhou registro no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (op. cit., p. 248.), com reprodução de trecho de matéria do *Diário de Pernambuco* (24 de outubro de 1983):

Desde o seu surgimento em 1976, a Feteape promoveu palestras, seminários, congressos e encontros para discutir o teatro, quase sempre com algum espaço para o teatro infantil, mas a primeira grande ação neste sentido no Estado aconteceu em 1983, com o Projeto Criança, ação conjunta com o Instituto Nacional de Artes Cênicas e Fundação de Cultura Cidade do Recife. “Terá início, hoje, na Galeria Metropolitana Aloísio Magalhães, na Rua da Aurora, o Projeto Criança, que tem como objetivo a troca de experiências e aquisição de novos conhecimentos que possibilitem a atores, autores, diretores e técnicos, de forma diversa, a discussão e reflexão sobre a criança e o teatro a ela dirigido. O Projeto Criança constará de três oficinas, com duração de uma semana cada, ministradas por Eliane Gomm [substituída por Antônio Carvalho] (Dramaturgia Infantil), Sônia Piccinin (Linguagem Infan-

til) e Ilo Krugli (Interpretação). Além das oficinas, o Projeto Criança possibilitará auxílio parcial de montagem para grupos que tenham apresentado espetáculo infantil neste ano de 1983”. (...) Os textos “Uma casinha branca sem porta sem tranca”, de Fábio Costa, Américo Barreto, Brivaldo Loreto, Gorete Linhares e Gladis Farah; “Truques e tramóias de uma turma tonta”, de Dirceu Lima e Paulo Marcondes; e “O paraíso é azul?”, de Didha Pereira, todos levados à cena, nasceram como resultado deste projeto, que ganhou 2ª edição em 1986.

Um dos espetáculos mais bem recebidos de 1983 foi o musical infantil juvenil *Caxuxa*, de Ronaldo Ciambri, com direção e músicas de João Falcão. Seguindo seu material publicitário, “O sonho de Caxuxa – a atriz Isa Fernandes – é ser uma estrela de cinema e televisão. A brincadeira de sonhar chega a envolver as crianças, que sobem ao palco para sonhar sonhos coloridos com os atores”. Ainda no elenco, Rutilio de Oliveira, Paulo Falcão, Cláudio Ferrário e Tuca Andrada. A peça esteve em cartaz no Teatro de Santa Isabel. No entanto, os maiores elogios e farta bilheteria foram para *O Baile do Menino Deus*, 1ª investida bem acertada da Companhia Práxis Dramática no segmento teatral para a infância, em parceria com dois produtores inde-





O Baile do Menino Deus



pendentes, Maria Áurea Santa Cruz e Alberto Vinícius. O inédito texto de Ronaldo Correia de Brito e Francisco de Assis Lima, contou com direção do 1º autor lançando-se como diretor teatral. No elenco que marcou história, muitos integrantes do Balé Popular do Recife, Ana Araújo (Ana Madureira), Romero Andrade, Mirinha, Givaldo Tenório, Célia Meira (que assinava as coreografias), Walmir Chagas, Leila Bastos, Alexandre Macedo, Eduardo Gomes, Ilona Brandão e as crianças Ana Gabriela, Sumaia Austregésilo e Taciana Miranda e Silva. A temporada aconteceu no Teatro Valdemar de Oliveira, “com gente ganhando permanente, de tanto que foi ver”, disse Ronaldo Correia de Brito em entrevista descontraída a esta pesquisa (12 de novembro de 2013). A montagem recebeu destaque da jornalista Fernanda d’Oliveira no *Diário de Pernambuco* (novembro de 1983, recorte de jornal sem data. Acervo: Romero Andrade):

“Um musical infantil que os adultos não podem perder”. Esse slogan marca a primeira produção, no gênero, da Praxis Dramática (José Mário Austregésilo e Paulo Góes), que é “O Baile do Menino Deus”, com estréia marcada para o dia 12 deste mês, às 16:30 horas, no Teatro Valdemar de Oliveira, ficando em cartaz aos sábados e domingos, no mesmo horário, até o final de janeiro. Haverá uma parada no mês de fevereiro e retorno em março; (...) a Companhia, durante a semana, pretende fazer espetáculos em escolas, entidades filantrópicas, públicas e privadas. “O Baile é uma brincadeira de Natal bem nordestina – explica o produtor José Mário Austregésilo – e tudo é colocado em termos de cultura po-



O Baile do Menino Deus



pular. Neste baile, papai noel não entra. E o Natal é uma coisa eterna, a partir do próprio pastoril, do bumba-meu-boi, do reisado, do presépio, do fandango, enfim, de todas as manifestações populares e que tenham base muito forte na nossa cultura, na nossa música. A peça será um reencontro com as coisas mais puras que a gente tem. Uma visão de um Cristo bem nordestino e de um Natal sem neve e sem trenó". (...) As músicas do "Baile do Menino Deus" são de autoria de Antônio José Madureira – o Zoca – e foram gravadas em disco, que tem lançamento no próximo dia 05, no Shopping Center Recife. Em resumo, a estória da peça começa quando o "Mateus" (Romero Andrade) convida a garotada para ir à casa de José e Maria, para promoverem um baile para o menino Deus, e aparecem as primeiras dificuldades; primeiro para descobrir a casa; " (...) é uma espécie de encontro não só com a tradição do Natal – embora não seja uma peça só para o final do ano – mas um encontro, também, com a descontração, o espírito aventureiro que a criança tem, pois a peça é uma aventura".

Com tantas realizações à meninada em 1983, o ano seguinte não foi tão frutífero de estreias. Ainda assim, surgiram novidades em 1984, um período mais lembrado pela intensa articulação entre os artistas de todo o estado. Contando com apoio do Inacen e da Fundação de Cultura Cidade do Recife, já que foi fruto do Projeto Criança, a peça *Uma Casinha Branca, Sem Porta, Sem Tranca*, montagem coletiva do Grupo Altas Produções, sob a direção de Américo Barreto e administração de Romildo Moreira, estreou no dia 12 de maio, no Teatro de Santa Isabel, com os atores Brivaldo Loreto, Fábio Costa, Gladis Farah, Gorete Linhares, Marcus

Suiciviv, Márcia Eloy, Mônica Farah, Lila Santos e Ilona. "O espetáculo pretende reviver para a criançada os carnavais do Recife e Olinda, desde o Galo da Madrugada até ao Bacalhau do Batata", registrou o *Jornal do Commercio* (26 de maio de 1984). No dia 20 de maio, foi a vez de novo lançamento com texto oriundo do Projeto Criança, *Truques e Tramóias de Uma Turma Tonta*, de autoria de Dirceu Lima e Paulo Marcondes, com a Aquarius Produções Artísticas, tendo à frente o produtor Paulo de Castro. A peça ocupou o Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos pela manhã, com direção, cenários, figurinos e iluminação de Carlos Carvalho. A coreografia era de Fábio Coelho, com músicas de Fernando Lobo. No elenco, Walmir Chagas (substituído por Bruno Garcia), o próprio Carlos Carvalho, Livia Falcão, Tuca Andrada, Luciana Mendonça, Adalberto Wagner, Alexandre Brito, Laelson Vitorino e Carlos Mesquita.

Truques e Tramóias de Uma Turma Tonta





Como a Lua

Mas o diretor mais constante de trabalhos naquele momento foi mesmo José Manoel. Sob sua direção e com lançamento em 31 de março, o musical infanto juvenil *Como a Lua*, de Vladimir Capella, pela TTTTrês Produções Artísticas, fez o maior sucesso no Teatro Apolo com uma comovente história de amor. Tanto que seiscentas crianças da Febem foram assistir ao espetáculo, numa promoção da Secretaria do Trabalho e Ação Social, além de excursão às cidades de Caruaru, Garanhuns, Arcoverde, Timbaúba e João Pessoa. *A produção geral e assessoria pedagógica eram de Teresa Amaral, com músicas de João Falcão (executadas pelo Trio Romancal), projeto de iluminação de José Pimentel e cenários e figurinos de Alexandre Pacheco. O elenco era composto por Carlos Lira, Mário Antônio Miranda, Fernando Bastos, Ana Montarroyos, Normando Roberto Santos, Leila Freitas e Conceição Barros (as duas últimas substituídas por Izabel Henrique e Vivi Pádua).* Reforçando que seu teatro é despreocupado com faixa etária, no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 176) José Manoel teceu elogios a este encontro com a obra do paulistano Vladimir Capella:

Essa foi uma outra forma de aproximação com Vladimir Capella [refere-se à sua circulação pelo país em encontros

de teatro], um autor que escreve: “Tudo o que nasce, morre. Tudo o que morre, torna a nascer, como a lua”. Tem coisa mais óbvia? Só que é preciso ter muita sensibilidade para colocar essa obviedade da forma tão consistente como Vladi pôs no palco. Esse poder de síntese do fenômeno da vida apaixonou a gente. Uma escrita profundamente poética e despreocupada se quem estava na platéia tinha 8 ou 80 anos. (...) Esse poder de expressar o sentimento do homem, todas as suas possibilidades de ser e essa transfiguração que é a própria essência do teatro, sem didatismo babaca, foi o que nos sensibilizou e fez com que Vladi ganhasse a dimensão que alcançou no Brasil.

Outra peça de sucesso dirigida por José Manoel foi *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, texto de Carlos Lira que vinha sendo apresentada desde 1981 pela TTTTrês Produções Artísticas, agora em parceria com a Dramas Companhia de Artes, do produtor Astrogildo Santos, em cartaz no mesmo Teatro Apolo, aos domingos pela manhã. *No elenco, José Manoel, Carlos Lira, Carlos Alberto e Mário Antônio Miranda (Nor-*



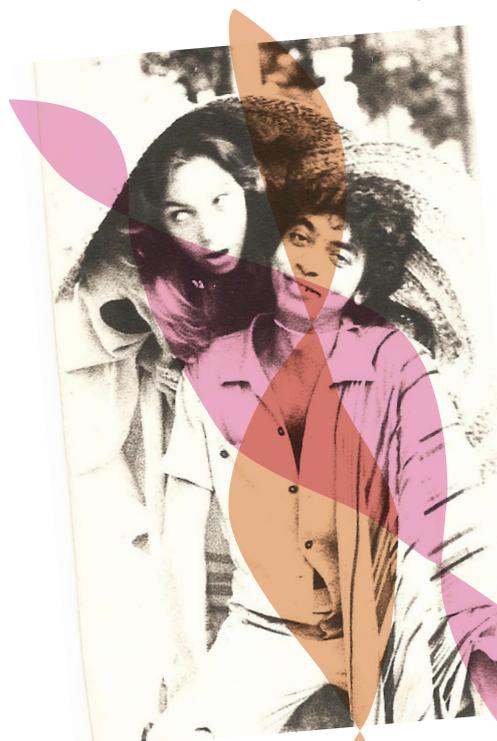
O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba

mando Roberto Santos foi ator substituto), além da participação especial de Astrogildo Santos (Palhaço Plin Plin), Fátima Costa e Rinaldo Moura. O trabalho chamou a atenção no *Diário de Pernambuco* (26 de abril de 1984):

Colorida, movimentada e criativa, com música e bastante alegria, a encenação da peça infantil "O Espelho Mágico", do autor e ator pernambucano Carlos Lira, que a Dramas Cia de Artes está apresentando no Teatro Apolo desde a segunda quinzena de março, continua a liderar o horário das dez da manhã dos domingos no Recife. Durante 1h30m de espetáculo a criançada se emociona, vibra e participa das aventuras do menino Fon-Fonte contra o bruxo malvado, num total entrosamento da platéia com os atores (...) A peça que estará em cartaz até o dia 8 de julho, marca a volta do Palhaço Plin-Plin, sua Bandinha Maluca e a Coelhinho Cenoura, que fazem a parte recreativa antes e depois da dramatização, com um mundo de prêmios, jogos, sorteios, músicas, brincadeiras e muito humor (...) Fon-Fonte, menino aplicado e figura central de "O Espelho Mágico", perde ao voltar do colégio a sua caderneta escolar. Ao procurá-la, encontra-se com o bruxo malvado que lhe diz (...) que só a devolverá se o menino trabalhar na lapidação de cem espelhos. Acontece que este trabalho é feito através de caretas e o nosso personagem entra en-

tão em sérios apuros, pois não é nada fácil inventar tantas caretas. Atentas a todos os movimentos de Fon-Fonte, as crianças da platéia nesta hora se levantam dos seus lugares (...), subindo ao palco na ânsia de com as suas caretas ajudá-lo a vencer o bruxo.

Num ritmo alucinante de trabalho, José Manoel também assinou a direção de *As Aventuras de Sinbad, o Marinheiro*, de Álvaro Guimarães, que estreou nas tardes de janeiro, também no Teatro Apolo, num período de recesso para os grupos teatrais, passando, quase ao final do ano, para o Teatro do Parque, nas manhãs domingueiras, com realização do Teatro Mocambo em co-produção com a Aquarius Produções Artísticas. No elenco, Albino Ramos (Sinbad), Iemaney Silva (Carol), Jorge Soares (O Espelho), Tereziinha de Jesus Miranda (Teka Miranda, A Bruxa), Lúcia Carmen (substituída por Ivonete Melo na personagem A Estória) e Jaime Calaça (Ferra-braz). Outra montagem que continuou fazendo sucesso em 1984 foi *O Baile do Menino Deus*, com direção de Ronaldo Correia de Brito, pela Companhia Práxis Dramática, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira de casa sempre cheia; além de *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, texto de Antônio Fernando Bezerra, com direção de



Vamos Jogar o Jogo do Jogo

José Francisco Filho, em temporada no Teatro de Santa Isabel, pela Circus Produções Artísticas. Esta última peça havia estreado em 24 de março, **contando com novo elenco, Sérgio Sardou, Francisco Woston, Jandira Airam e Manoel Constantino (único remanescente do elenco original), com cenário e figurinos de Buarque de Aquino, músicas de Gilberto Maymone, iluminação de Ari Carvalho e produção executiva de Ivana Helly.**

Juntando a recreação do Palhaço Chocolate, outra peça de estreia naquele ano e que atraiu um bom público, todos os domingos, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel, foi *Casa de Brinquedos*, musical infantil baseado nas canções de Toquinho, com texto, adaptação e direção de Ulisses Dornelas. A produção era do Palhaço Chocolate e Grupo Arboreal. A montagem prestava homenagem ao parceiro de Toquinho, Vinícius de Moraes. **No elenco, Lenormande Lima, João Cavalcanti, Milton Soares, além de Ulisses Dornelas como o Palhaço Chocolate e sua Charanga, composta pelos músicos Edivan Carneiro, Cosmo Costa, Ismael Seabra e Fernando Filho. No corpo de balé, Voleide Melo, Iara Lima, Josineide Batista, Célio Moura, Luiz Antônio, Mísia Coutinho, Valéria Vanda e Maria das Graças.** Em entrevista à jornalista Inês Cunha, o artista Ulisses Dornelas confessou sua inspiração no *Diário de Pernambuco* (22 de abril de 1984):

Segundo Dornelas, “As músicas de Toquinho despertaram a minha atenção e a do grupo e daí veio a idéia de levá-las ao palco, principalmente por trazerem uma mensagem muito interessante para as crianças e inclusive para os adultos que já não sabem oferecer o verdadeiro amor”. “A nossa *Casa de Brinquedos* – prossegue – é um lugar de sonhos, de sonhos intermináveis, onde não falta imaginação, espaço nem tampouco brinquedos e brincadeiras. E ao

término de cada espetáculo, através de cada olhar e expressão de satisfação da criança, temos a certeza de que existe em sua cabecinha, muitas outras Casas de Brinquedos”. Há três semanas em cartaz, o musical vem despertando interesse do público infantil, como todos os outros espetáculos apresentados pelo Palhaço Chocolate e o Arboreal.

Ainda em abril, o grupo Haja Teatro passou a ocupar a Sala Clênio Wanderley, da Casa da Cultura, com a peça infantil *O Inventor Que Inventou o Inventor*, de autoria de Marcelino Freire, hoje um dos escritores mais reconhecidos da literatura brasileira. **A direção e produção eram da dupla Paulinho Mafe e Adson Leôncio, com figurinos de Paulinho Mafe e Elmar Castelo Branco, maquiagem de Evaldo Costta e iluminação de Adson Leôncio.** A temporada se prolongou até junho, **tendo no elenco Ana Lúcia Lins,**



O Inventor  
Que Inventou  
o Inventor

Alexandre Simas, Carlos Alberto e o próprio autor Marcelino Freire (na época, assinando com o sobrenome Freyre). Ulisses Dornelas, o Palhaço Chocolate, produziu ainda um outro espetáculo a partir de agosto de 1984, o musical infantil *A Flauta Mágica*, de Mozart, em temporada aos sábados e domingos, às 16 horas, no Teatro de Santa Isabel, com adaptação e direção de Rubem Rocha Filho e coreografias de Mônica Japiassu. No programa do espetáculo, muito mais dançado que teatralizado, Rubem Rocha Filho confessou a loucura que foi adaptar “tão complexo” universo:

Trata-se de uma ópera de grandes convulsões psicológicas e estéticas, mas de um nítido toque de confiança otimista no destino do homem. Como transplantar tudo isto para a dança e o diálogo que envolvam e interessem os espectadores mirins das tardes de sábado e domingo no Santa Isabel? (...) Que o público de crianças de todas as idades nos diga se valeu a pena.

No elenco, o ator José Ramos (convidado) e os bailarinos/atores Fátima Freitas, Beatriz Mota, Bernardo Costa, Simone Souto Maior, Crhristiana Cavalcanti, Ângela Botelho, Felipe Santiago,

Cláudia Lubambo, Mônica Maciel, Goretti Rocha, Beth Gaudêncio, Karen Veloso, Norberto Cardoso, Edivan Souza e Alcides Cavalcanti. A cenografia e figurinos eram assinados por Jim. Havia antes a recreação com o Palhaço Chocolate e sua Charanga (os músicos Edivan Carneiro, Ismael Seabra, Fernando Filho, Cosmo Costa, Célio Moura e Luiz Antônio). O *Diário de Pernambuco* atestou o sucesso da montagem (18 de novembro de 1984):

“A Flauta Mágica”, que está sendo considerada a melhor peça infantil de 1984, pela crítica local, já recebeu convites para apresentações em outras capitais do Nordeste. A Ópera (sic) de Mozart conta a estória do príncipe Tamino (Bernardo Costa), que se apaixona pela princesa Tamina (Simone Souto Maior), filha da Rainha da Noite (Crhristiane (sic) Cavalcanti), e sai a sua procura. Quem ajuda o príncipe a procurar a amada é o Papagueno (excelente interpretação do ator José Ramos), que, juntos, conseguem transpor vários obstáculos com a ajuda da flauta e do sino mágico. Com excelente coreografia de Mônica Japiassu e representação impecável dos atores bailarinos, “A Flauta Mágica” foi a mais cara produção infantil levada até agora aos palcos do Recife.

Ainda há registros da peça *O Menino Maluquinho*, baseada no livro homônimo de Ziraldo, adaptado para o teatro por Demétrio Nicolau, com realização da Koy e Paity Produções Artísticas, sob direção de Augusta Ferraz, aos sábados e domingos no Teatro Apolo (com os atores Manoel Constantino, Lucinha Freitas, Ângela Ramos, Koy Maçã, Henrique Rodrigues, Aidil Araújo, Roberto Vieira e Luciene Leitão); *As Filhas do Sol*, de Carlos Gomes, com direção de Jô Ribeiro, pelo Grupo de Teatro Colcha de





As Filhas do Sol



O Chapeuzinho Amarelo

Retalhos (no elenco, entre outros, Arari Fonseca, Zânia Sandez e Carmen Alves); *O Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, pelo Grupo Roda Pião, com direção de Carlos Carvalho e ótima resposta de público no Teatro Apolo (tendo a atriz Fátima Aguiar como protagonista); *O Universo em Fantasia*, espetáculo infantil juvenil com texto e direção de Odé Félix e música de Aurino Xavier, pelo Grupo Gambiarra, aos domingos, às 16h30, no alternativo Teatro Marrocos (não a extinta casa de espetáculos de Barreto Júnior, mas outra na Rua da Saudade, 240, Boa Vista, espaço que deve ter funcionado minimamente); além do *Show da Criança*, com mágico, palhaços, danças, brincadeiras e brindes numa realização da Aquarius Produções Artísticas, aos domingos pela manhã, no Teatro de Santa Isabel (detalhe: adulto não pagava). Houve também uma peça visitante no estado, *A Via-*

*gem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, pelo Grupo Ponto de Partida de Natal, na Casa da Cultura do Cabo de Santo Agostinho, a convite do projeto Vamos Comer Teatro, da Feteape.

Importante registrar que de 2 a 14 de julho de 1984 a cidade do Recife foi palco para o Festival Brasileiro de Teatro Amador, promovido pelo Instituto Nacional de Artes Cênicas, com produções adultas e infantis (em minoria) de todos os estados do país. Pernambuco foi representado pela peça adulta *A Mais Forte*, de Strindberg, com direção de Carlos Bartolomeu. Naquele ano, com a realização do I Congresso Pernambucano de Teatro, no Cecosne, José Manoel assumiu a presidência da Feteape no lugar de Zélia Sales, que já tinha dado alguma atenção ao interior pernambucano, mas foi a partir daí que as relações ficaram cada vez constantes entre a capital e os outros municípios, com ações voltadas a outras regiões e intensa comunicação. Meses antes, já havia começado a articulação do Movimento de Teatro Popular de Pernambuco (MTP/PE), com a reunião de vários grupos do teatro de rua no I Encontro Estadual de Teatro Popular de Pernambuco, em Olinda, na Casa da Criança. Mesmo existindo informalmente desde 1984, o MTP/PE só se constituiu como organização em 1987.





O Circo de Seu Bolacha

Já a Fundarpe e o Museu da Cidade do Recife promoveram ainda em 1984 o V Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo), no Teatro do Forte, revelando na premiação infantil um talento da cidade de Arcoverde: *O Circo de Seu Bolacha*, texto de Paulo de Oliveira Lima, pelo Grupo Orbital de Teatro, daquele município, eleito Melhor Espetáculo, além de ter ganhado os troféus de Melhor Ator (Paulo de Oliveira Lima); Melhor Diretor (Geraldo Barros) e Revelação Coadjuvante (Fernando Antônio). Márcia Martins, do Grutepes (sem registro na imprensa de qual peça participava), ficou com o título de Melhor Atriz. O Melhor Espetáculo Adulto foi *O Melhor Juiz, El Rei*, do Grupo de Teatro Bandepe, dirigido por Lúcio Lombardi. Vale lembrar que *O Circo de Seu Bolacha* fez tanto sucesso, que ganhou versão recifense em 1985 e passou a ser montado em diversos lugares do país até hoje. Por sinal, a peça foi uma das participantes do III Festarc (Festival de Teatro de Arcoverde), de 3 a 12 de agosto de 1984, junto a *Pluft, o Fantasmilha*, da 8ito Produções; *Bom Bom no Mundo do Teatro* e *Maria Minhoca*, do Grupo do Colégio Industrial (esta última, com direção de Paulo de Oliveira Lima); e *Como a Lua*, da TTTTrês Produções Artísticas, convidada a encerrar o evento. Ainda há registro da produção infantil *Um Dia No Castelo do Rei*, pelo Grupo do Sesc Arcoverde naquele 2º semestre.

Em retrospectiva sobre o ano de 1984, publicada em sua coluna *Teatro*, no *Diário de Pernambuco* (20 de abril de 1985), citando apenas três montagens para crianças do Recife, *O Baile do Menino Deus, Vamos Brincar?*, ambas de 1983, mas com temporada continuada no ano seguinte; e *Uma Casinha Branca, Sem Porta, Sem Tranca*, o crítico Valdi Coutinho não se mostrou eufórico com o resultado geral:

No ano passado [1984], tais produções dirigidas ao público infanto-juvenil foram escassas em relação a 1983. Os meios de produção e especialmente os conjuntos amadores pareciam mais preocupados em questionar o gênero e a procurar uma linguagem cênica mais consciente e enriquecedora quanto à forma e a linguagem.

No segmento adulto, fizeram sucesso as peças *Sonho de Uma Noite de Verão*, grandiosa produção da Fundação de Cultura Cidade do Recife; *O Peru*, do Teatro de Amadores de Pernambuco; e *A Aurora da Minha Vida*, da Aquarelius Produções Artísticas. Duas montagens caruaruenses, *Olha Pro Céu, Meu Amor* e *Auto das Sete Luas de Barro*, foram selecionadas para circular nacionalmente pelo Projeto Mambembão, com o Grupo Feira de Teatro Popular, que montou ainda em 1984 o musical infanto-juvenil *Diana Pastora*, de Vital Santos e Alcimar Vólia, com direção dele e músicas de Antônio Ferreira. No elenco, Chico Neto, Emanuel Borges, Hilton Valentim, Edu Oliveira, Alex Viany e Sônia Araújo. Das perdas do ano, em julho, faleceu a bonequeira Carmosina Araújo; e em dezembro, morreu Maria José Campos Lima, que dirigiu dezenas de produções teatrais para a infância no Recife.

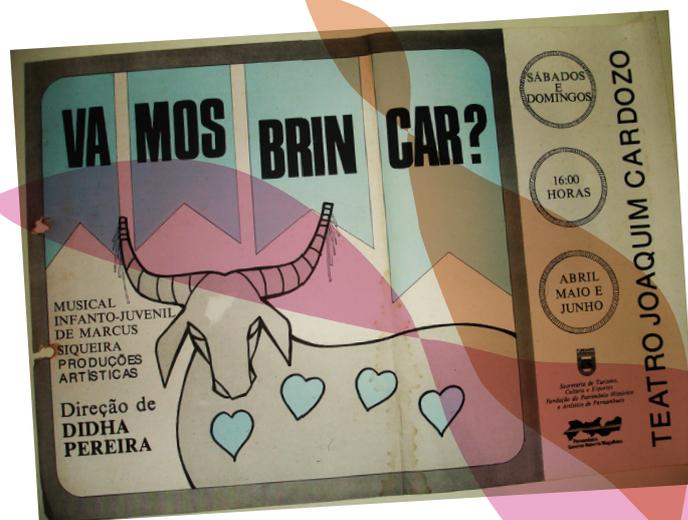
Segundo a imprensa, o teatro pernambucano ia bem no começo de 1985. Tanto que o jornalista Enéas Alvarez, em matéria no *Jornal do*

*Commercio* (12 de fevereiro de 1985), ressaltou Pernambuco como o 3º polo da cultura teatral do país. Segundo ele, posição consolidada por ter sido responsável “pelo melhor evento realizado em 1984”, o Festival Brasileiro de Teatro Amador, e por ainda ter colocado José Manoel como presidente da mesa-diretora do IV Congresso Brasileiro de Teatro Amador, onde compareceram dez delegados enviados pela Feteape, com aquele mesmo sendo também empossado secretário geral da Confederação Nacional de Teatro Amador (Confenata), no biênio 1985/1987, “por maioria absoluta dos votos dos 200 delegados de todos os Estados do Brasil”. O período também foi comemorado pelo jornalista Valdi Coutinho por ser de “pique” da produção de espetáculos infantis, demonstrando “sinais de vitalidade”, já que ele considerou o ano anterior escasso, conforme matéria no *Diário de Pernambuco* (20 de abril de 1985):

O público infantil, no momento, também está bem-servido. Em quantidade, pelo menos, são muitas as opções. Em qualidade, é de se supor que o nível esteja de bom para excelente, levando em conta a preocupação em repensar o espetáculo feito para criança que predominou nos meios produtivos nos últimos meses.

Em cartaz, *O Circo do Chocolate*, com roteiro e direção de Ulisses Dornelas, e participação deste e de José Ramos no elenco, entre outros, no Teatro de Santa Isabel, aos domingos, às 16 horas, “com público certo”, lembrou Valdi Coutinho; e *O Cachorro Voador*, produção da Plic-Ploc Teatros Infantis, com texto e direção de Joana D’Arc Ferreira, no Teatro do Forte, aos sábados e domingos, às 16h30, peça que depois passou a ser vista no Teatro do Parque, nas manhãs dominicais. No elenco, **Marcelo Messias (Cachorro)**, **Rosário Morais (Pão de Queijo)**, **Ricardo Santos (Beto)** e **Moacir Cleiton**

**(Feiticeiro)**. Também em temporada, a 2ª versão do musical infantil *Vamos Brincar?*, com texto e direção de Didha Pereira, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas, que cumpriu três meses no Teatro Joaquim Cardozo, aos sábados e domingos, às 16 horas, a partir de abril. No elenco, **Hilva Nascimento, Mísia Coutinho, Fátima Silva, Geasy Brandão, José Lira, Jomeri Pontes e o estreante Ferraz Júnior**. Paralelamente, no propósito de levar cultura também às comunidades mais carentes, a equipe promoveu um trabalho de animação cultural no bairro dos Coelhos por dois meses, com atividades aos sábados e domingos pela manhã. “A base desse trabalho será o espetáculo *Vamos Brincar?*, para o qual são convidados psicólogos, pedagogos, professores, artistas e interessados na literatura e no teatro infantil”, lembrou o diretor no *Jornal do Comercio* (14 de maio de 1985).



Mas o sucesso de público do período era mesmo *Hipopocaré*, *o Rei da Galhofa*, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro Valdemar de Oliveira, espetáculo baseado no livro de mesmo nome de Antônio Guinho, com direção de Carlos Carvalho e realização da Respeitável Público Produções, produtora formada pelo próprio autor, junto a Eleni Xavier e Prazeres Silva; além da continuidade de *Como a Lua*, musical de Vladimir Capella, com direção de José Manoel, pela TTTTrês Produções Artísticas, aos

sábados e domingos, às 16h30, no Teatro Apolo, em seu 2º ano de apresentações na capital e interior do estado. Também podia ser visto *É Um Pássaro? É Um Avião? Não! É Uma Superconfusão*, musical infantil de Patrícia Breda, Maurício Pollari e Roberto Borges, com direção de Pedro Henrique e produção da Cooperativa Teatral Boca de Forno, já apresentado em 1983 e que retornou ao Teatro Valdemar de Oliveira ocupando o horário matinal dos domingos. Pouco depois, em parceria com o Palhaço Chocolate, a peça passou a ser vista no Teatro de Santa Isabel, às 10 horas dominicais. **No elenco, entre outros, Marilena Breda, Maria Oliveira e Ana Montarroyos.**

Uma nova opção teatral foi proporcionada pela visita de uma equipe da cidade do Paulista, a Mercury Produções Artísticas, que ocupou as tardes domingueiras do Teatro do Parque, com *Praça de Retalhos*, de Carlos Meceni, **tendo Aídil Araújo, Sílvio Pinto e Rildo de Souza no elenco, entre outros.** Já em maio, o Grupo Teatral Farsa estreou *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, com direção de Valdi Coutinho, em temporada aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro do Parque. Outro aguardado lançamento daquele mês foi o musical infantil *O Circo de Seu Bolacha*, **de Paulo de Oliveira**

O Circo de Seu Bolacha



O Circo de Seu Bolacha

**Lima, com músicas de Ediel Guerra e direção de José Manoel, revelando o talento de Eduardo Trindade, com doze anos na época, no papel do dono do circo.** Numa realização da Aquarius Produções Artísticas, a peça abriu um novo espaço para o público mirim no Teatro do Brum, do Centro de Convenções, em Olinda, com sessões aos sábados, às 16h30, e domingos, às 10 horas e 16h30. **Ainda no elenco, Bóris Trindade Jr. (Borica, substituído por Mário Antônio Miranda), Hamilton Figueiredo e Amália Trindade.**

Outra opção daquele momento foi *Passageiros da Estrela: Será Que Vale a Pena Falar de Amor?*, espetáculo infantil de Sérgio Fonta, com direção do mesmo José Manoel (profícuo naqueles tempos) e coreografia de Amélia Conrado, numa produção do Grupo de Teatro do Sesc, aos domingos, às 16h30, no Teatro dos Comerciantes (hoje, Teatro Marco Camarotti). Esta peça, inclusive, encerrou a programação do projeto Vamos Comer Teatro, no auditório do Sesc Arcoverde (hoje, Teatro Geraldo Barros), em programação que também contou com outra montagem para a criançada, *O Aniversário do Caipora*, de Antônio Ortins, pela 8ito Produções, da própria cidade de Arcoverde. Como se vê, foram diversas as produções para crianças naquele ano. Tanto que estiveram ain-

da em cartaz: *Peter Pan no Circo do Chocolate*, com direção de Augusta Ferraz e produção grandiosa “orçada em 35 milhões, da Chocolate Produções Artísticas/Ilusionistas Corporações Artísticas (sic), (...) à frente de 17 atores e 30 técnicos”, registrou o *Jornal do Commercio* (19 de setembro de 1985), em temporada aos domingos, às 16 horas, no Teatro de Santa Isabel, mesmo palco que recebeu *Maria Minhoca*, com produção da Paulo de Castro Produções Artísticas, aos domingos, às 10h30.

No Teatro Apolo, aos sábados e domingos, como estreia da Papagaios Produções Artísticas, surgiu *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, da obra literária de Jorge Amado (único livro seu escrito para crianças e dedicado ao próprio filho), com adaptação de Luiza Lagoas e readaptação e direção de Augusta Ferraz, diretora bem atuante naquela década. “O espetáculo supõe o encontro entre um gato sensual, extravagante e meloso, com uma andorinha supostamente tímida e desprotegida”, lembrou o *Jornal*

*do Commercio* (28 de setembro de 1985). No elenco, Aidil Araújo, Fátima Magalhães, Cristina Brayner (substituídas respectivamente por Maria Rossiter, Ana Montarroyos e Cira Ramos), Luciana Neves, Ril Gouveia, Otacílio Júnior, Roberto Vieira (também assistente de direção), Henrique Rodrigues e João Neto. Os dois últimos administravam esta nova produtora profissional do Recife, com foco quase exclusivo nas montagens infantis durante nove anos. Em seguida, a peça cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior.

Um outro espetáculo daquele momento também iniciou bela trajetória de produtora estreada no Recife, a Dramart Produções, com a atriz Socorro Rapôso à frente, lançando-se com o musical infantil juvenil *Cantarim de Cantará*, de Sylvia Orthof, com direção, figurinos e cenários coletivos. A trilha sonora original era de José Alves. Socorro Rapôso recordou desta sua investida teatral no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 02* (op. cit., p. 43.):

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá



(...) lançamos a Dramart Produções no dia 15 de janeiro de 1985, ao reunirmos um grupo de amigos, Luiz César, Annátolys Santis, Cristiane Gonçalves Soares e Ivson Nóbrega. No início, só fazíamos leitura de textos mas começamos a sentir a necessidade de subir ao palco e decidimos remontar “Cantarim de cantará” [ela e a irmã, a também atriz Margarida Meira, já haviam feito uma montagem do mesmo texto em Belo Horizonte, pelo Grupo Arte Livre], sob direção coletiva. Nossa estreia aconteceu no Santa Isabel, ainda em 1985. Ficamos meses em cartaz, cumprindo temporada também no Teatro do Parque. Era um musical muito comovente, tendo o pássaro como símbolo da liberdade e uma bela trilha sonora executada ao vivo, porque sem-



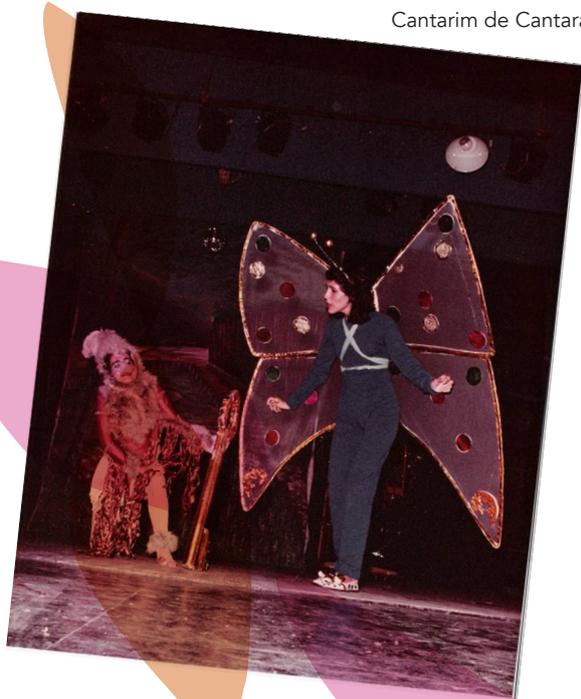
Cantarim de Cantará



pre gostei de espetáculos assim. O que entrava de renda só dava para cobrir as despesas; ninguém recebia cachê, e todo mundo feliz por fazer. E, olha que eram quinze atores e quatro músicos!

No elenco, Margarida Meira, Socorro Rapôso, Annátolys Santis (substituído por Flávio Santos), Meri Lucas, Flávio Augusto, Cristiane Gonçalves Soares, Luiz César, Honório Filho, Marcos Luna, Maria do Carmo, Gorete Meira, Ivoneide Costa, Verônica Alencar, Fátima Campos e Rosa (sem registro do sobrenome). Formavam a equipe de músicos em cena, Carlos Borges, Wagner Medeiros, Paulo Guimarães (diretor musical) e José André (André Filho). Este último, mais à frente responsável por memoráveis trilhas sonoras de teatro para a infância, lembrou das dificuldades em atrair público naqueles dias:

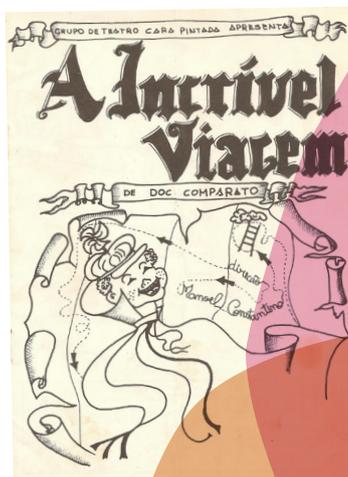
Cantarim de Cantará



Lembro que, num feriado prolongado, fizemos uma apresentação para apenas quatro pessoas, no Teatro do Parque [com novecentos lugares]. Mesmo assim, a peça aconteceu, porque ninguém estava preocupado com dinheiro. Acho que é na Dramart que tenho o maior número de composições para teatro, mais de sessenta canções durante quatro anos de trabalho.

No pequenino Teatro do Forte, ocupava aquele palco *As Aventuras de Um Diabo Malandro*, de Maria Helena Kühner, com produção e direção de Flávio Costa, aos domingos, às 16h30; e no Teatro Joaquim Cardozo, *A Incrível Viagem*, de Doc Comparato, musical infantil com direção de Manoel Constantino (a 1ª de sua longa trajetória no segmento para a infância), com assistência de direção de Carla Denise e direção musical de Henrique Macedo, em cartaz aos sábados e domingos, às 16h30, pelo estreante grupo Cara Pintada. No elenco, Fábio Caio, Ismael Portela (lançando-se como atores), Ângela Ramos, Zorka Welkovic e Lucinha Freitas. Posteriormente, Ismael Portela foi substituído por Marcondes Lima, estreando como ator. O diretor Manoel Constantino resgatou lembranças deste seu início, durante entrevista para o Projeto Memórias da Cena Pernambucana (9 de junho de 2008):

O Cara Pintada foi fruto de uma inquietação minha. Como eu me dedicava muito ao teatro infantil, comecei a me



A Incrível Viagem



angustiar porque algumas pessoas faziam espetáculos para crianças por fazer, sem a necessidade de saber mais sobre essa linguagem específica. Daí, no final de 1984, juntei um grupo de pessoas interessadas e ficamos durante nove meses estudando o teatro infantil numa sala do Teatro de Santa Isabel. A cada semana, uma pessoa do grupo ficava responsável por ministrar uma oficina daquilo que sabia fazer. Por exemplo, Zorka Welkovic deu uma oficina de barro; Fábio Caio, que estava começando a “viajar” no teatro de bonecos, nos orientou nesse sentido, ou seja, depois de tantas experiências, todos, claro, quiseram montar um espetáculo, mesmo sem termos dinheiro algum. Carla Denise foi quem nos apresentou

esse texto de Doc Comparato, “A incrível viagem”, que conta a história de uma brisa que, por ser transparente, resolve deixar de ser o que é e ganhar uma cor. Além de divertida e poética, a peça é didática também, porque traz informações sobre o corpo humano. Bom, como eu era o mais velho do grupo, até em termos de experiência no teatro mesmo, sobrou para mim a direção do espetáculo. (...) Com o apoio da Fundarpe, o figurino foi todo feito de cetim, porque era mais barato; e o cenário foi pensado por Marcondes Lima, usando papel crepom, cetim e papelão, com ele e Fábio Caio executando. O resultado foi uma montagem muito bonita, com uma temporada legal no Teatro Joaquim Cardozo. (...) Deu tão certo que fizemos uma segunda temporada, desta vez no Teatro de Santa Isabel, numa co-produção da Circus Produções Artísticas e Cristiano Lins, indo muito bem também lá. Em 1991, com figurinos do saudoso Uziel Lima, fizemos uma nova montagem, não mais com o elenco do Cara Pintada e com produção única de Cristiano Lins. Edivane Bactista até participou desta vez e ganhou o prêmio de atriz revelação de teatro infantil do ano.

No Teatro Apolo, com vinte sessões prestigiadas pelo público, a peça *Draculin* e o *Circo no Espaço*, texto de Moisés Neto, também marcou a 1ª experiência deste dramaturgo na área infantil após ganhar um prêmio da Fundação de Cultura Cidade do Recife para a montagem da obra. A realização era da Ilusionistas Corporação Artística, com Moisés Neto, Simone Figueiredo, Buarque de Aquino e Adelson Amorim (Chocolate) à frente da produção executiva. A direção, cenário e figurinos foram de Buarque de Aquino, com trilha sonora ao vivo e direção



Draculin e o Circo no Espaço

sucesso, *O Pavão Misterioso*, musical de Assis Lima e Ronaldo Correia de Brito, com direção deste último e trilha sonora do parceiro Antônio Madureira, além de Antônio Carlos Nóbrega e Erickson Luna, em temporada aos sábados e domingos, às 16h30, pela Companhia Práxis Dramática, contando com atores e bailarinos (Cláudio Ferrário, Romero Andrade, Walmir

musical de Gilberto Maymone. Participavam os músicos Bernardino José, George Aubert, Robson Leite, Bartolomeu Mendonça e Henrique Brito. No elenco, Moisés Neto, Ana Célia, Fernando Tavares, Simone Figueiredo, Raimundo Branco (também coreógrafo), Adriana Dória Matos, Bonifácio, Jarbas Janu, Ivone Maia, Charles Henri e Fernando Chiapetta Júnior, além da participação especial do Palhaço Risadinha (Miriam Pimentel). O enredo abordava o desejo do garoto Draculin que, morando em um satélite, num tempo futuro, sonha em montar um circo no espaço sideral.

Ainda em 1985, a Circus Produções Artísticas e o produtor Cristiano Lins promoveram a estreia de *Seu Sol, Dona Lua*, de Marcos Sá, com direção de José Francisco Filho e coreografias de Mônica Japiassu, em temporada no Teatro Barreto Júnior e, a seguir, no Teatro Apolo. No elenco, entre outros atores e bailarinas, Manoel Constantino, Elmar Castelo Branco e Celeste Ribas. No Teatro Valdemar de Oliveira, dois musicais voltados à criançada fizeram relativo



Seu Sol, Dona Lua



Chagas, Alexandre Macedo, Ana Madureira, Evandro Campelo, Tuca Andrada, Mirinha, Cibele Santa Cruz, Cláudia Meira, Ana Gabriela, Ana de Góes e Sumaia Austregésilo); e *A Ver Estrelas*, com texto, canções e direção de João Falcão, aos domingos, às 10h30, concebido especialmente a pedido do Grupo Roda Pião. As coreografias eram de Mônica Japiassu. No elenco, Bruno Garcia, Chico Accioly, Ednaldo Araújo, Fábio Costa, Fátima Aguiar, Lígia Bené, Lívia Falcão e Maria do Carmo Rossiter. O *Diário de Pernambuco* (3 de agosto de 1985) registrou a sinopse que já trazia muito bom humor e uma fantasia com foco mais para adolescentes:

“A ver estrelas” é uma história da passagem de Jonas pelo país do navegar. Jonas é o tipo do cidadão que jamais criaria problemas para o seu vizinho. Amigo discreto, trabalhador pontual, gentil e moderado. Sempre foi assim. Até uma noite dessas, quando recebeu uma visita inesperada. Uma não. Quatro visitinhas inesperadas, inquietas e desastradas. Lógico que Jonas fez o possível para expulsar os incômodos visitantes. Não conseguiu. Pior ainda: ao primeiro sinal de desistência, o anti-herói aproveitou para sair pela janela, altas horas da noite, na trilha dos desconhecidos. Era a primeira de uma série de extravagâncias de Jonas.

A Ver Estrelas



A Volta do Camaleão Alface

Entre setembro e outubro, o Movimento Cultural da Várzea, lançado naquele ano, levou espetáculos teatrais para aquele bairro do subúrbio recifense. Entre eles, a estreia de *A Volta do Camaleão Alface*, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas, a 10 de outubro de 1985, no Teatro Popular da Várzea. O texto de Maria Clara Machado contava com a direção do estreante Gesy Brandão, tendo o próprio no elenco, junto a Max Almeida, Mônica Holanda, Pedro Dias, Mísia Coutinho, Feliciano Félix, Antônio Moreira (responsável pelas coreografias) e Didha Pereira. Este último, assinava as músicas e figurinos, com cenários de Carmelita Pereira e maquiagem de Carlos Ramos. A direção musical era de Maneco Freviola. A partir do dia 26 daquele mesmo mês das crianças, iniciaram temporada no Teatro do Forte. O *Diário de Pernambuco* (10 de outubro de 1985) deu mais detalhes sobre a peça e as ações da equipe:

O enredo gira em torno de uma “receita para bem-viver”, levada por um avô e seus netos para os índios antropófagos do Mato Grosso. No caminho a receita é roubada pelo Camaleão Alface, misto de bruxo e vivaldino, mau caráter que vive jogando as pessoas umas contra as outras. (...) Paralelamente à temporada no Teatro do Forte, a Marcus Siqueira Produções realizará, com o apoio de entidades culturais, o I Painel do Teatro Infantil, onde através de de-



A Volta do Camaleão Alface

bates e painéis será traçado um perfil do teatro infantil, com análises de seus problemas, tendências e anseios. Entre os debatedores estarão nomes como Helena Pedra, Valdi Coutinho [substituído pelo diretor Geasy Brandão], Carmelita Pereira, Nazareno Petrucio, Suzana Costa e José Ramos, abordando os seguintes temas: A Linguagem (...); Linguagem Musical (...); Cenografia (...); direção (...); caracterização de personagens (...); formas de divulgação e produção de um espetáculo infantil (...). “Os debates, informa, ainda, Dida Pereira – que serão iniciados sempre às 17:30 horas dos sábados, logo após a apresentação do espetáculo, têm por finalidade a elaboração de um documento em forma de cartilha, apostila ou livro, que retrate um perfil da “realidade do fazer teatral infantil no Estado”. Com isso, – enfatiza – os que fazem o MSPA acreditam estar contribuindo para melhorar o nível dos espetáculos infantis pernambucanos, oferecendo subsídios para que pesquisadores, estudiosos, educadores e produtores culturais reflexionem em busca de melhores momentos para esta arte tão relegada”.

A *Volta do Camaleão Alface* passou, em dezembro, a cumprir temporada no Teatro Apolo até janeiro de 1986. Ainda em outubro, o Recife recebeu mais uma visita de equipe teatral com

atenção à criança, o Teatro da Juventude do Rio de Janeiro, que voltou à capital pernambucana para apresentar, em duas sessões, no Teatro Valdemar de Oliveira, o espetáculo infantil *A Onça e o Bode*, de Luiz Arthur e Carlos Abel, com a participação dos próprios autores e de Leda Amaral e Marcelo Dusi. “Estamos procurando, através desta lenda indígena (...) jogar com as características sentimentais dos bichos e mostrar um caminho que a criança vai compreender com inteligência e sensibilidade”, disseram os autores em entrevista ao jornalista Valdi Coutinho, no *Diário de Pernambuco* (19 de outubro de 1985).



A Onça e o Bode

O ano também marcou a realização do I Seminário Estadual de Artes Cênicas, de 10 a 14 de junho, no auditório da Celpe, no Recife, numa promoção da Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de Pernambuco, Associação dos Produtores Teatrais de Pernambuco, Conselho Pernambucano de Dança e Federação de Teatro Amador de Pernambuco, entidade que, naquele ano, também promoveu discussões com a classe teatral no Projeto Teatro Em Arena, e finalmente ganhou sede na Casa 52, do Pátio de São Pedro, sob os auspícios da Fundação de Cultura Cidade do Recife. A Prefeitura do Recife, inclusive, com a inauguração do aguardado Teatro Barreto Júnior, no bairro do Pina, construído a partir das ruínas

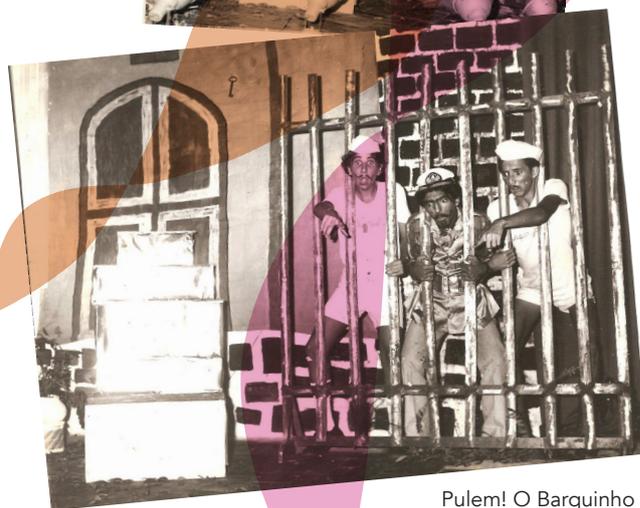
do antigo Cinema Atlântico e divulgado erroneamente como o 1º da Zona Sul (já existiu o Teatro Boa Viagem antes), desafogou as pautas das outras casas de espetáculos. Foi o Mamulengo Só-Riso quem teve a honrar de pisar naquele palco pela 1ª vez, no dia 30 de dezembro de 1985, com o espetáculo adulto *Festança*.

Ainda em 1985, vale lembrar que no Teatro do Cecosne foi apresentada a peça infantil para bonecos, *A Minhoca de Sete Cabeças no Reino de Maravilha*, com texto e direção de João Denys (ele, Manuel Carlos e Paulo Germano no elenco, entre outros); e que o grupo Panorama Teatro, oriundo do bairro de Campo Grande, também lançou a peça *Pulem! O Barquinho Vai Afundar...*, com texto e direção de Sérgio Barbosa, artista que voltou no tempo em seu depoimento no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 87-88).



A Minhoca de Sete Cabeças  
no Reino de Maravilha

No elenco de “Pulem! O barquinho vai afundar...” estavam Paulo de Pontes fazendo o marinheiro Curió Besteira e Cleusson Vieira, o Espingarda Velha; Célio [Pontes] no papel do Corvo Dourado; Itamira [Andrade] vivendo a bruxa Mamby; e eu como o Capitão Valente. Devido a Censura, a peça foi reescrita três vezes porque acharam que havia uma analogia entre o capitão do barco e o presidente do Brasil. Na realidade, o texto traz uma mensagem bonita sobre



Pulem! O Barquinho  
Vai Afundar

a importância da beleza interior. Não tinha nada a ver com a questão política do país. Para vocês verem quantos trabalhos foram censurados indevidamente em função da mentalidade de alguns censores! Nossa temporada aconteceu no Teatro do Sesc de Santo Amaro, aos domingos de manhã e fizemos apresentação também na Igreja de Cajueiro.

A peça contou ainda com cenário de Cleusson Vieira; figurinos, maquiagem e iluminação de Célio Pontes e, como atores substitutos, Ivaldo Cunha Filho e Sebastião Silva. No Tebo, o Teatro Popular da Várzea levou o prêmio de Melhor Espetáculo Infantil, com a peça *Plano de Ficar*, vencedora ainda do título de Melhor Ator (Luiz de França). À frente do Grupo de Teatro do Sesc, José Manoel ganhou como Melhor Diretor por *Passageiros da Estrela: Será Que Vale a Pena Falar de Amor?*, com Ivone Cordeiro sendo também premiada como Melhor Atriz. Ao final daquele ano, curioso é perceber o esquecimento do teatro para crianças na retrospectiva feita por Valdi Coutinho para o *Diário de Per-*

*nambuco* (31 de dezembro de 1985), momento em que o Brasil recebeu a Nova República e percebeu a ação também política da classe teatral. No entanto, de acordo com ele, a produção teatral “primou pelo bom comportamento, sem maiores ousadias estéticas”.

No ano seguinte, se não foi um momento de tantas estreias, discussões políticas intensas marcaram 1986, tudo por conta da possibilidade de promulgação da Constituinte. A Feteape, desde janeiro, promoveu debates, oficinas, encontros e exibição de filmes, com grande culminância na Mostra de Teatro Popular, acontecida em dezembro. Tanto que Valdi Coutinho lembrou no *Diário de Pernambuco* (15 de dezembro de 1986):

As entidades populares, os sindicatos e associações, os estudantes, os civis, os artistas, não podem ficar distantes de um dos temas mais importantes do momento, a Constituinte, que será o marco divisor entre o passado e o futuro do nosso País. Assim, a Federação do Teatro Amador de Pernambuco, Feteape, não quer deixar cair no esquecimento este tema, depois das eleições, e realiza o projeto “Vamos Teatralizar a Constituinte”, através da sua diretoria de Teatro Popular. Debates, filmes, oficinas e encontros estão sendo realizados, desde janeiro passado, e continuarão até o final do ano. No período de 15 a 23 do corrente, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a Feteape realizará a Mostra de Teatro Popular, com espetáculos diários (...) hoje – Grupo Pé de Vento, com “Um barco chamado Brasil”; amanhã – São Dimas, com “Constituinte sim, tem que dar certo”; dia 17 – Vem Cá Vem Vê, com “Consta na Constituição”; dia 18 – Temático Drama – “O sonho iluminado da terra onde nasci”;

dia 19 – Teimosinho – “Cidadania”; dia 20 – Cênico Liberdade, em “Lisarb”; dia 21 – Despertar, com “Despertando a Constituinte”; dia 22 – Babel, com “Decepção, outra vez”; e dia 23 – Mais Um, com a peça “Consti, cadê Tuinte?”.

Como no início do ano algumas casas de espetáculos foram alagadas, o Teatro do Parque sofreu ainda mais com a queda de parte de seu teto e fechou para reforma. A sorte foi a inauguração do Teatro Barreto Júnior, cujo 1º espetáculo a cumprir temporada por lá foi o infanto juvenil *A Ver Estrelas*, do Grupo Roda Pião, lançando o ousado horário das 18h30. A peça recebeu curiosa observação do crítico Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (25 de janeiro de 1986):

Depois de uma bem-sucedida temporada de três meses no Teatro Valdemar de Oliveira, está de volta inaugurando o Teatro Barreto Júnior, em Boa Viagem, o espetáculo “A Ver Estrelas”,

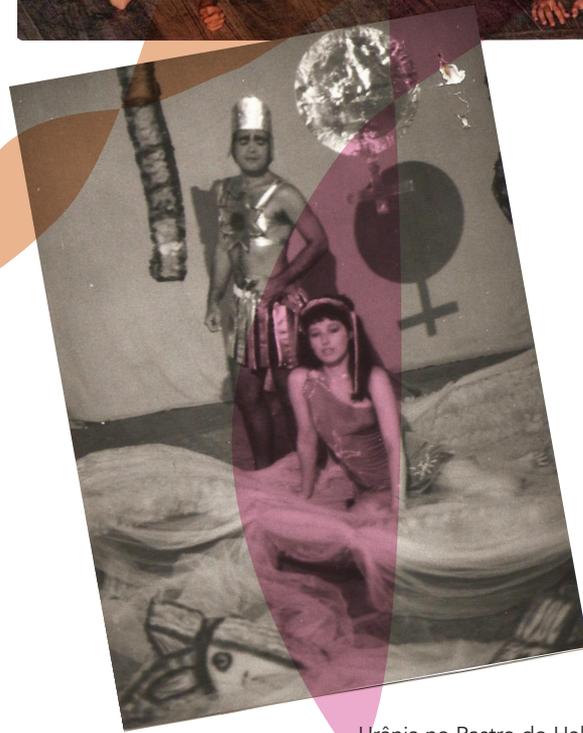


A Ver Estrelas



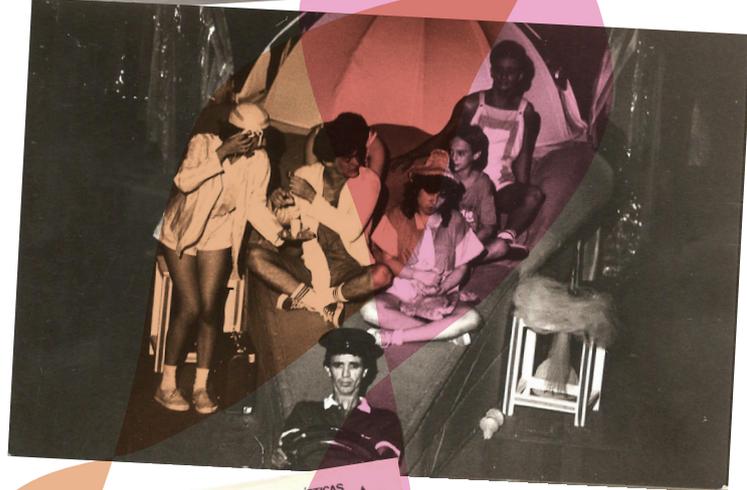
musical infanto-juvenil de João Falcão (...). A peça, através da fantasia, busca dar uma dimensão do que é o destino, o inesperado, o que pode enfim acontecer na vida das pessoas, sem que elas tenham tempo de se dar conta do que ocorre. Inclusive, nela se cria um clima bastante curioso em relação às demais peças infantis. As crianças também participam da encenação, mas de uma maneira diferente, com o intelecto. Não há participação física, porque o teatro em si é que as estimula e não as brincadeiras geralmente inerentes a espetáculos deste gênero. Em silêncio total, atentas a tudo o que se passa no palco, elas vão desenvolvendo o seu sentido crítico e entendendo que aquele é um trabalho criado ensaiado e representado por aquelas pessoas que ali estão e que são atores.

Das estreias para a infância, 1986 foi o ano de lançamento de uma outra ousadia, a peça *Urânia no Rastro do Halley*, com texto e direção de Augusta Ferraz, parceria da Ilusionistas Corporação Artística com a Papagaios Produções Artísticas, surgida em maio de 1986 e que cumpriu dois meses de temporada no Teatro Valdemar de Oliveira, aos sábados e domingos, às 16h30, “mostrando às crianças um pouco da mitologia e da simbologia mística pesquisados pela autora, tendo como ponto de partida a obra do astrônomo francês, Camille Flammarion”, revelou o *Diário de Pernambuco* (5 de julho de



Urânia no Rastro do Halley

1986). No elenco, Paulo Barros (Vidraceiro, Momo e Samyasa), Henrique Amaral (Camille), Vládmir Combre de Sena (Fobos, o Medo), Henrique Rodrigues (Marte e o amigo Spero), Fátima Barreto (Vênus e Ftonos), Gilberto Brito (Halley, Cupido e Harmonia), Magdale Alves (Urânia Celeste), Moisés Neto (o invisível Deimos, o Pavor) e Augusta Ferraz (os dois últimos com voz em off). Também ousando, a Aquarius Produções Artísticas, na produção executiva de



Cegonha Boa de Bico



Regina Trindade, lançou *Cegonha Boa de Bico*, texto de Marilu Alvarez que trata da educação sexual na infância. A direção ficou com José Manoel, que convidou a dupla Fábio Costa e Américo Barreto para cuidar dos cenários, figurinos e adereços impactantes. No elenco, Eduardo Trindade, Amália Trindade, Cira Ramos, Otacílio Júnior, Bóris Trindade Jr. (Borica), Anália Cavalcanti e Mário Antônio Miranda. Mesmo sem participação na montagem, o também ator Aramis Trindade, com a família toda envolvida, lembrou desta iniciativa durante entrevista no Projeto Memórias da Cena Pernambucana (4 de agosto de 1998):

Em cena, existia um bico enorme de cegonha e de dentro dele saía Otacílio Júnior, que é ator e bailarino, dando cambalhotas, vestido como um bebê. O fantástico é que o bico, ao final, transformava-se num grande avião e a cenografia ainda contava com referências ao útero e às trompas de falópio. Essa peça ocupou o Teatro de Santa Isabel e depois foi para o Teatro Valdemar de Oliveira, curiosamente, cumprindo nove meses de temporada, o período de uma gestação.

Também surgiu *Opereta Para os Mais Pequenos*, texto de Vera Fróes, com adaptação de Romildo Moreira (responsável ainda pela confecção de figurinos, bonecos e adereços), sob direção de José Manoel em mais uma realização da TTTrês Produções Artísticas. As coreografias eram de Amélia Conrado, com músicas



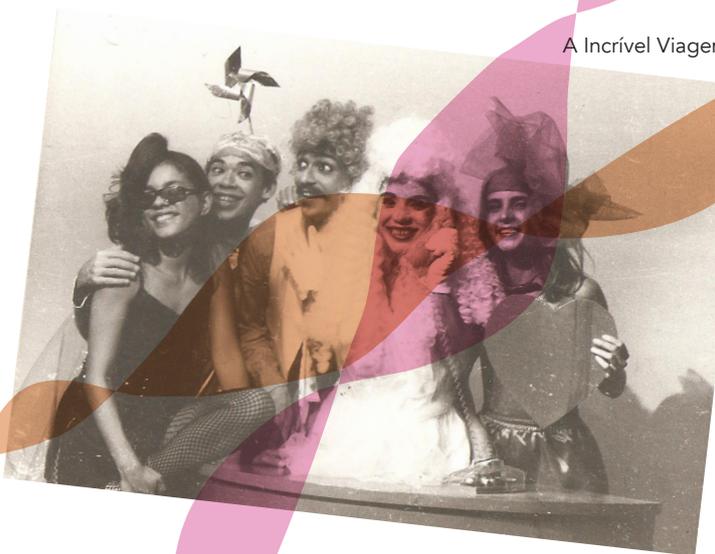
Opereta Para os Mais Pequenos



de Ediel Guerra e figurinos de João Neto. No elenco, Otacílio Júnior, Ana Montarroyos, Romildo Moreira, Mano Alves e Edjeso Ferreira. Com repercussão no Teatro de Santa Isabel, de outubro a dezembro foi a vez da peça *A Incrível Viagem*, do grupo Cara Pintada, dirigida por Manoel Constantino, agora sob produção de Cristiano Lins e a Circus Produções Artísticas. A montagem revelou a fantasiosa obra de Doc Comparato ao público, uma viagem pelo corpo humano a partir de uma brisa (o então estreador ator Fábio Caio) que quer ter cor. A jornalista Fernanda d'Oliveira, no *Diário de Pernambuco* (1 de dezembro de 1986), deu mais detalhes sobre o enredo:

A sinopse de "A Incrível Viagem" conta que Brisa é revoltado por não ter uma cor e sai numa viagem incrível pelo mundo, aconselhado por Dona Nuvem a buscar sua identidade. Brisa vai parar numa horta onde conhece o verde – senhor Alface, animadamente conversando, porém, Brisa descobre que o verde é uma cor parada, embora inteligente. Deglutidos por um garoto, Joãozinho personagem imaginário, Brisa e seu Alface vão parar no estômago e lá conhecem Kida e Kida Solução. Seu Alface, apaixonado por uma uvinha verde, vai ao encontro dela e Brisa fica envolvido com os cálculos de Kida e Kida Solução. Mas, apa-

A Incrível Viagem



vorado pelo escuro, resolve procurar outra cor. É quando Brisa encontra os vermelhos, batalhadores do estômago. O vermelho é uma cor agitada e Brisa logo cansa. Vai, então, falar com Seu Coração; está cansado e não quer mais ficar no corpo do Joãozinho. É mandado para Dona Pelo e, com a romântica Pele Amarela, descobre que tem uma maneira toda especial de parecer e que foi um tolo todo o tempo, buscando uma cor. Desesperado, ele tenta a ajuda de Dona Nuvem para voltar aos céus. Atendido em seus anseios, ele retorna á (sic) sua condição inicial, satisfeito por ter aprendido muitas lições e ter de presente, para todo mundo, sua última descoberta. Soprando, soprando, ele distribui para todos o arco-íris – a junção de todas as cores.

Outra equipe que estreou trabalho novo, a partir de maio, no Teatro Barreto Júnior, foi a Marcus Siqueira Produções Artísticas com *Papo de Anjo*, de Ricardo Filgueiras, sob direção de João Cavalcanti. No elenco, Didha Pereira, Carmelita Pereira, Jô Santana, Patrícia Penélope (com apenas treze anos), Judilson Dias, Beto Lima, Juraci Vicente, Mônica Holanda, Jorge Costa, Ademir Trajano e Rick Nascimento. A montagem era uma brincadeira satírica em cima dos "donos do saber", os cientistas, partindo da história da personagem Gabriel, que sonha em ser anjo da guarda e se torna invisível. Já o Panorama Teatro também aumentou seu repertório com *O Circo de Seu Bolacha*, com cenário, figurinos e maquiagem de Célio Pontes. No elenco, o trio Sérgio Barbosa (também diretor), Paulo de Pontes e Cleusson Vieira. Este último revelou no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 89.): "(...) em uma semana, produzimos *O Circo de Seu Bolacha*, texto infantil de Paulo de Oliveira Lima. Só fizemos apresentações



O Mágico de Oz

pelo interior porque, na época, a peça era um grande sucesso da Aquarius Produções Artísticas no Recife”.

Outra grande realização daquele momento foi *O Mágico de Oz*, de Frank Baum, pela Dramart Produções, que permaneceu por oito meses em temporada no Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos, às 10h30, com direção de José Manoel iniciando sua parceria de anos com o diretor musical José André (André Filho), na época junto ao compositor Carlos Borges. Os cenários, figurinos e adereços foram de Carlos Lira, com grandes gastos de produção. No elenco, Margarida Meira, Jan Oliveira (substituído por Paulo de Pontes), Flávio Santos, Célio Pontes, Rudimar Constâncio, Verônica Alencar, Socorro Rapôso, Fátima Campos, Ivone Cordeiro, Romildo Manoel, Alexandre Lauro, Isolda (Tuca) e Amélia Conrado (as duas últimas, bailarinas convidadas). Com muitas boas lembranças, a protagonista da peça, Margarida Meira, tratou desta experiência no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 02* (op. cit., p. 43-44.):

Estreamos “O mágico de Oz” no Teatro Valdemar de Oliveira, em maio de 1986, espetáculo que eu tinha muita vontade de fazer porque vi uma montagem em Belo Horizonte, em 1983, da qual Socorro participou, e logo depois li o livro, assisti o filme e fiquei encantada com a obra de Frank Baum. Adoro a canção-tema e sugeri como novo trabalho à Dramart. Como já tinha feito a Pomba-Rolinha em “Cantarim de cantarã” e cantava bastante no espetáculo, José Manoel me escolheu para interpretar a menina Dorothy. Claro, por eu ser também pequenininha. (...) Ainda em 1986, com “O mágico de Oz”, a Dramart participou pela 1ª vez de um festival de teatro, em São José do Rio Preto, São Paulo, no 2º Festival Nacional de Teatro Amador Infantil. Foi uma experiência muito dramática porque os debates lá são terríveis. Competimos com grupos fantásticos, mas nos saímos bem, conquistando o prêmio de melhor concepção de cenário, figurinos e adereços para Carlos Lira que, infelizmente, não pôde viajar conosco. Ganhamos também o prêmio de melhor espetáculo infantil pelo júri popular. E apesar da tensão, foi super gratificante. O interessante em “O mágico de Oz” é que eu fazia o papel de uma menina de mais ou menos oito a nove anos, mas não me sentia velha, não. E acho que fiz bem porque as crianças subiam ao palco ao final do espetáculo e me perguntavam minha idade. Eu sempre dizia a verdadeira – que não vou revelar agora – mas elas ficavam duvidando de mim. Claro que tinha toda uma caracterização, mas eu me sentia realmente uma criança. Não tinha dúvida disso.



O Mágico de Oz

Ao final do ano, o crítico Valdi Coutinho lembrou da montagem no *Diário de Pernambuco* (13 de dezembro de 1986):

“O mágico de Oz”, um dos espetáculos infantis mais bem-sucedidos deste ano, com alguns prêmios obtidos em festivais e vários meses em cartaz, está fazendo suas despedidas do público pernambucano. Assim, quem ainda não viu poderá fazê-lo, amanhã, às 10 horas, no Teatro Valdemar de Oliveira. Reunindo um numeroso elenco, sob direção de José Manoel, a Dramart conseguiu em “O mágico de Oz”, realizar um espetáculo da melhor qualidade para crianças e adolescentes.

Foi finalmente no ano de 1986 que a Feteape anunciou a 2ª edição do Projeto Criança, ou seja, três anos depois do 1º, com a promoção de oficinas com os dramaturgos Clemente Lizanas, Alcino Ferreira, Ilo Krugli, Bia Lessa e João das Neves. A

iniciativa em seu Ano II contava com o patrocínio do Instituto Nacional de Artes Cênicas, Fundarpe e Fundação de Cultura Cidade do Recife e tinha como objetivo de conclusão a montagem dos três melhores textos surgidos durante as oficinas. A coordenação era de Didha Pereira, José Manoel, Normando Roberto Santos, Edilton Júnior, Ana Montarroyos e Amaury Santos. A discussão sobre o teatro para a infância era tão latente, que, paralelamente, a Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de Pernambuco (Apatedepe), com apoio do Inacen e Fundarpe, programou o I Seminário Recifense de Teatro Para a Infância, de 11 a 14 de setembro, no auditório do Senac, tendo como comissão organizadora Augusta Ferraz, Carlos Carvalho, Fátima Barreto, Henrique Amaral, Íris Salvador, Paulo de Castro e Vládmir Combre de Sena. O *Diário de Pernambuco* (2 de setembro de 1988) deu mais detalhes:

Iniciar a discussão em torno dos temas do interesse dos que participam da produção teatral e fazem teatro para a infância, é o objetivo geral do seminário, que reunirá dramaturgos, educadores, psicólogos, encenadores, atores e técnicos que debaterão, entre outros assuntos, a linguagem da infância, o que é ser criança e a dramaturgia e encenação da área. Já confirmaram presenças como debatedores e expositores, o diretor da Associação Paulista de Teatro Para a Infância e Juventude – Zeca Capellini, o encenador e dramaturgo João das Neves e o diretor artístico Marco Antônio Rodrigues (...). Do Recife, estarão presentes o psicólogo e dramaturgo Antônio Guinho (“Hipopocaré, o rei da galhofa”), os educadores Ângela Serpa, Helena Pedra, Marco Camarotti, além de entidades como a Associação Nordestina de Arte-Educadores, Federação do Teatro de Pernambuco e o Teatroneco, do Cecosne.

Ainda em setembro, com a promoção do I Festival de Humor do Recife, realizado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, sob coordenação e curadoria do cartunista Lailson, o Mão Molenga Teatro de Bonecos participou da competição teatral com *A Escolha de Sufia*, aproveitando “que o teatro de bonecos é, por excelência, crítico e escrachado, e durante os vinte minutos do nosso espetáculo, nada escapou”, brincou o ator e bonequeiro Fábio Caio durante entrevista ao Projeto Memórias da Cena Pernambucana (27 de outubro de 1998). **Ele dividia a cena, texto e direção com os bonequeiros Marcondes Lima, Fátima Caio e Carla Denise.** Esta última descreveu no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 189-190.) a divertida proposta da “piada teatral” que fizeram:

A trama era a seguinte: Fanhoso resolve montar uma versão de “Romeu e Julieta” e aproveitávamos isso para fazer um escracho com a situação de quem trabalha com os códigos teatrais. A Cia [nome de uma personagem] interpretava a Julieta porque já tinha tido experiências como atriz no cinema. Nessa época, Ruy Guerra tinha filmado “Kuarup” aqui e a comunidade artística inteira se engalfinhou para participar. A estréia foi no cinema Art Palácio, com todos felicíssimos em conferir o filme e se ver. Só que poucas pessoas apareceram, muito rapidamente. Mas a Cia estava no filme! Lembram da cena com a Cláudia Raia nua, na beira de um rio, segurando um ovo? A Cia era o ovo!

Descritivo, Marcondes Lima emendou no mesmo livro:

A peça era repleta de piadas e brincava com situações que aconteciam em algumas produções teatrais recifenses

como, por exemplo, as dificuldades de elenco, os tropeços nos ensaios, um figurino que não fica pronto no dia da estréia. É tanto que o Romeu do Fanhoso vinha vestido de cangaceiro, com roupas emprestadas do TAP, e a Julieta como a Scarlett O’Hara, usando um boá de penas cor-de-rosa! Os dois utilizavam ainda uma faca imensa para se matar, a única arma existente ali. Quando finalmente estavam “mortos”, sentiam algo lhes fazendo cosquinha nos pés. Era a maravilhosa Sufia, uma barata enorme, duas vezes o tamanho dos bonecos, surgindo ao som de “Assim falava Zaratusta” e anunciando que já estava tomando conta do teatro.

Com ainda mais humor, Carla Denise não deixou por menos ao término da história:

Aquela era uma previsão do que iria acontecer com muitos teatros da nossa cidade... Bom, como o festival era competitivo, recebemos três indicações: melhor montagem, texto e interpretação. Não do Fábio, mas, do boneco Fanhoso, concorrendo com Júnior Sampaio, Augusta Ferraz e Valdi Coutinho em pé de igualdade. Vejam como

A Escolha de Sufia



o velhinho é bom! Mas não deixaram o boneco ganhar. Só levamos o prêmio de melhor texto.

Também podiam ser vistos nos palcos *O Circo da Fantasia*, com texto e direção de Rivaldo Casado, aos sábados à tarde, no Teatro do Sesc, mesmo palco que recebia, aos domingos à tarde, *No País dos Prequetés*, de Ana Maria Machado, com direção de José Manoel, pelo Grupo do Sesc Recife; *A Minhoca de Sete Cabeças no Reino de Maravilha*, com texto e direção de João Denys, e *Ludoteca*, programa com teatro de bonecos, Circo da Fantasia, recreação, boneco gigante e sorteios (com sessões para empresas e escolas, inclusive), produções em cartaz no Teatro do Cecosne; ou ainda *Brincando Com as Estações*, texto e direção de Antônio Ribeiro Leite, pelo Grupo Fox, aos domingos à tarde, no Teatro do Forte. Retornando à cena em novembro, desta vez no Teatro Apolo, o espetáculo *O Baile do Menino Deus*, da Companhia Práxis Dramática foi referendado por Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (27 de dezembro de 1986):

Trata-se de um espetáculo belíssimo, que transpira o clima de esperança, fraternidade, renovação, infância e amor desta época do ano. E recupera toda a emoção e a beleza do bumba-meu-boi, do maracatu do reisado, das danças, dos ritmos e cantos populares. “O baile do menino Deus” é um auto de Natal acontecido no Reino do Nordeste, à luz de nossa cultura.

No finalzinho de 1986, a Associação dos Empregados da Fundação Joaquim Nabuco promoveu, na Sala Roquette Pinto, o Natal dos filhos dos seus servidores. Entre as atrações programadas, a exibição da peça *O Pequenino Grão de Areia*, de João Falcão, pelo Grupo Gente Grande. **No elenco, Bruno Garcia, Lívia Falcão, Alexandre**

**Uchôa, Alexandre Alencar, Xico Ribeiro, Cybele Cruz e Tuca Andrada (participação especial).** E após dois meses em cartaz no Teatro Barreto Júnior, a revista infanto juvenil *Banana Split (Uma Viagem ao Mundo do Faz de Quantas Vezes Quiser)*, com texto e direção de Roberto Costa e Jô Ribeiro, pelo Grupo Bolinha e Jô Ribeiro Produções Artísticas, da cidade do Paulista, encerrou temporada naquela casa de espetáculos. **No enorme elenco, além dos dois produtores, Carmen Alves, Joelma Alves, Mônica Vilarim, Edilson Rygaard, Jeison Wallace, Lene Ribeiro, Rogério Batista, Helena Hoffman, Clyzoneide Oliveira, Sandro Moretti, Edna Batista, Ailza Gonçalves, Túlio Nery, Hermógenes Sentanine e as atrizes mirins Priscila Vilarim, Ciinha Costa e Paula Pereira, entre outros.** Roberto Costa deu depoimento ao *Diário de Pernambuco* (28 de dezembro de 1986) sobre esta experiência de uma revista para crianças (que foi à cidade de Caruaru, sem público algum, e resultou na criação da montagem adulta *Salve-Se Quem Puder!*):



Banana Split



“Banana Split” tem músicas, piadas, efeitos de luz, números de dança e de dublagem. No espetáculo, duas homenagens especiais, num quadro dedicado a Charles Chaplin e Elis Regina. Segundo o autor e diretor Roberto Costa a idéia foi conquistar um público jovem que não tem maiores opções em termos artísticos para a tarde dos sábados e domingos. E revela: – É um trabalho inovador, pois trata-se da primeira revista infanto-juvenil realizada no Recife. Os ingredientes são os mesmos utilizados em revistas para adultos. Fartos cenários, escadarias, números musicais, luxuoso guarda-roupa, humor e lindas garotas. A nossa intenção foi equilibrar o espetáculo para que a criança pudesse curtir-lo e entendê-lo, através do visual, mas também o adolescente e até mesmo o adulto encontrasse nele elementos atrativos do texto leve e divertido, das situações bem-humoradas. (...) Ao final da temporada, o produtor Roberto Costa acha que a experiência valeu a pena: – Embora o público não tenha comparecido em número suficiente para cobrir os altos investimentos feitos num gênero de caráter experimental, estamos felizes pelos resultados alcançados (...) O público gostou e aplaudiu. Vamos partir para outro espetáculo, no mesmo gênero.

Naquele momento também acontecia uma Campanha de Popularização do Teatro, patrocinada pelo Ministério da Cultura, Fundarpe e Secretaria de Planejamento da Presidência da República, com a promoção local da Associação dos Produtores Teatrais de Pernambuco, sob a presidência de Astrogildo Santos. A profusão de peças era tanta, que a Coordenadoria de Artes Cênicas da Fundação de Cultura Cidade do Recife anunciou que recebeu mais de cinquenta pedidos de pau-

ta somente para o 1º semestre de 1987. O jornalista Valdi Coutinho brincou no *Diário de Pernambuco* (23 de dezembro de 1986):

O difícil, então, será a distribuição dos espaços de modo a atender a todos. (...) O fato de mais de 50 grupos e companheiros desejarem pauta para o primeiro semestre de 1987 é alentador. Demonstra que, apesar do crescimento e do monopólio de algumas produtoras – poderosas demais para domínio dos meios de produção – os pequenos grupos (amadores, experimentais ou mesmo profissionais) insistem, resistem, persistem. Denota a vitalidade do nosso movimento teatral. Importante é que Deus ilumine a comissão seletiva para não cometer injustiças e arrumar um lugarzinho para todos.

Também foram divulgados novos cinco textos para teatro infantil, entre os vários que surgiram durante a oficina de dramaturgia coordenada pelo dramaturgo e psicólogo Antônio Guinho, no Projeto Criança Ano II, da Feteape: *Brincar de Brincar*, de Ednaldo Oliveira; *Por Que Ficar Triste?*, de Ana Montarroyos; *É Feio Mentir?*, de Carmelita Pereira; *No Meu Quintal é Assim*, de Normando Roberto Santos; e *O Paraíso é Azul?*, de Didha Pereira (único que ganhou os palcos anos mais tarde). Em Caruaru, uma outra obra vinha fazendo sucesso, *O Recado do Verde*, de Erenice Lisboa, com direção de Severino Florêncio, pelo Grupo de Teatro do Sesc Caruaru, com os atores Manoel Araújo, Josinaldo Venâncio, Welba Sionara, Valdemar Oliveira, Prazeres Barbosa, Severino Florêncio e Maria Alves. O jornalista Valdi Coutinho lembrou no *Diário de Pernambuco* (29 de dezembro de 1986):

Dois anos em cena, com apresentações em Caruaru e participações na I Mostra de Teatro de Garanhuns, V Tebo, no



Dom Chicote Mula Manca

Recife, XXI Festival de Inverno de Campina Grande, projeto Vamos Comer Teatro (Arcoverde), temporada em Riacho das Almas, e o espetáculo ainda está em cartaz, sábados e domingos, às 16h30m, no Teatro João Lyra Filho, em Caruaru. São as últimas apresentações de "O recado do verde", que seguirá para o Festival de Teatro de Salvador, Bahia, no início de janeiro.

Sob nova gestão de Teresa Amaral, a Federação de Teatro de Pernambuco deu continuidade à interiorização da produção e cuidou de promo-

ver o debate em torno da Constituinte. Já na edição do Tebo 1986 foram premiados na categoria infantil: *Dom Chicote Mula Manca*, com a Matriz Corporação Artística, como Melhor Espectáculo (com texto de Oscar Von Pfuhl, a peça cumpriu temporadas no Teatro Apolo e Teatro Barreto Júnior naquele ano), **levando ainda os troféus de Melhor Diretor (Amaury Santos), Melhor Ator (Paulo de Pontes) e Revelação Masculina (Edílson Rygaard)**. Ainda no elenco, Roberto Costa, Edinaldo Ribeiro, Jeison Wallace, Mônica Vilarim, Elaney Acioly, Kátia Cristina e Sérgio Rally. Isabel Concessa ganhou como Melhor Atriz por *Uma Pitada de Sorte*, da Gestus; e Patrícia França, em sua estreia no teatro, ficou com o título de **Revelação Feminina** por *A Menina Que Queria Dançar*, do Haja Teatro, peça que chegou a ocupar o palco do Teatro de Santa Isabel naquele ano, sob direção de Ilza Cavalcanti e texto de Marcelino Freire. **Ainda no elenco, Rosana Santos, Sílvia Almeida e George Silva.**

A Menina Que Queria Dançar



Ainda em 1986, a administração do prefeito Jarbas Vasconcelos foi elogiada pela gestão democrática da Fundação de Cultura Cidade do Recife, com uma espécie de conselho representativo junto à Feteape, Apatedepe, Associação dos Produtores Teatrais de Pernambuco, Conselho Pernambucano de Dança e Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (Regional de Pernambuco). Dos destaques entre as peças adultas do período, vale ressaltar *Woyzeck*, *O Santo Inquérito* e *O Drama das Camélias*. A imprensa alardeou que já se considerava tamanho o nível de qualidade das produções locais, que o Inacen elegeu Pernambuco como 3º polo de produção teatral brasileira naquele ano. Artistas como Fernanda Montenegro, Regina Duarte e Paulo Autran apelaram para que o público prestigiasse com o mesmo entusiasmo os espetáculos locais. O fato é que as plateias cresceram. E quase no término do ano, o Ministério do Trabalho aprovou carta sindical da Associação dos Profissionais e Técnicos em Espetáculos de Diversões Artísticas de Pernambuco, o que possibilitou a criação do Sated/PE, em 1987. A partir daí, novos padrões de relacionamento profissional surgiram.

Com a grande procura por pauta nos teatros, o ano de 1987 representou um dos momentos de maior produção para a infância. Em março, o produtor Cristiano Lins estreou a peça *O Dragão e a Princesa*, em cartaz no Teatro Apolo, aos finais de semana, às 16h30. Com texto de Vic Millitello e direção de Edgard Franco, a obra era ambientada num reino medieval, com direção musical de Henrique Macedo, coreografias de Bernot Sanches, figurino de Eduardo Portela e cenografia de Edgard Franco e Cristiano Lins. No elenco, Henrique Amaral (Príncipe), Inácio Falcão (Punk), Alexandre Alencar (Dragão), Alexandre Uchoa (Rei), Xico Ribeiro (Punk), Fernanda Ayres (Princesa) e Ana Paula Martins (Ama). O *Diário de Pernambuco* (08 de março de 1987) registrou o enredo:

De autoria de Vic Millitello e sob a direção de Edgard Franco, a peça se passa num reino medieval, cujo príncipe para poder desposar uma princesa teria que salvá-la das garras do terrível dragão. Entretanto, a princesa, que tem idéias bem avançadas para o seu tempo, não deseja se sujeitar a ser salva. Prefere ela mesma domar o dragão. E na tentativa de preservar aquilo que seria o último de sua espécie, ela recusa inúmeros pretendentes, fortes e audazes, e termina por apaixonar-se por um príncipe franzino, frágil e, acima de tudo, filosófico.

A peça *A Incrível Viagem*, de Doc Comparato, pelo grupo Cara Pintada, com direção de Manoel Constantino, participou do Projeto Brincando, da Moreno Eventos Culturais, que começou em março no Circo Voador, sempre aos domingos, com apresentações de espetáculos, bandinha, bonecos e oficinas de arte. Ainda em março, a Papagaios Produções Artísticas estreou um dos seus grandes sucessos, *Mudanças no Galinheiro Mudam as Coisas Por Inteiro*, espetáculo que ganhou uma 2ª versão em 1992. A peça, em parceria com a Koy & Paity Produções Artísticas e tendo no elenco Laelson Vitorino (substituído por Moisés Neto e Manoel Constantino), Héliida Macedo, Henrique Rodrigues, Cira Ramos, Ril Gouveia (substituída por Ana Montarroyos), Simone Figueiredo e Bruno Fal-

Mudanças no Galinheiro,  
Mudam as Coisas Por Inteiro





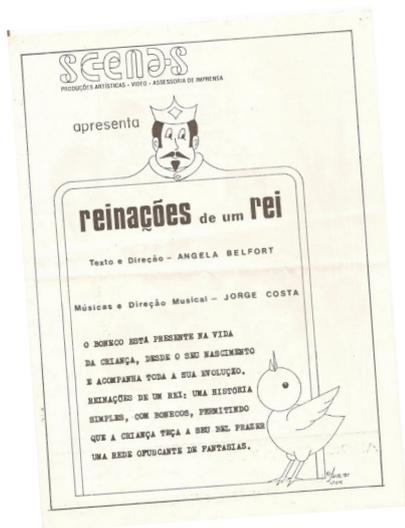
Mudanças no Galinheiro,  
Mudam as Coisas Por Inteiro

cone, cumpriu longa temporada, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel, marcando a estreia de Manoel Constantino na equipe como diretor e produtor associado. A adaptação do texto de Sylvia Orthof foi feita por ele mesmo, que concedeu entrevista para o Projeto Memórias da Cena Pernambucana (9 de junho de 2008):

Eu acho a história hilária. Tudo começa quando o Sol, com preguiça de trabalhar, inventa que está gripadíssimo e pede à Dona Lua Cheia para assumir

o posto dele. Aí, cria-se uma confusão danada num galinheiro porque isso resulta em duas noites seguidas sem o dia no meio, ou seja, o cotidiano de todos é alterado. O resultado é uma trama divertidíssima que aborda, inclusive, a importância da emancipação da mulher. Na adaptação que fiz, criei outras duas personagens também muito engraçadas: a Dona Pata, a vizinha, papel de Cira Ramos; e a Perua Rosilda, que Simone Figueiredo fazia maravilhosamente bem, empregada da Galinha. Um dado curioso é que, quando fomos ao Festival de Inverno de Campina Grande, Simone estava coordenando a programação de teatro do Festival de Inverno de Garanhuns e não deu para ela chegar lá. Terminei, então, fazendo a Perua Rosilda, pela primeira vez assumindo uma personagem feminina! Mas foi divertido... Como essa história de Sylvia Orthof traz ingredientes para agradar muito às crianças, como a presença de um Sol preguiçoso ou um Galo atrapalhado, em 1992 fizemos uma remontagem desse mesmo texto, com mudanças no elenco. (...) Em termos da busca de linguagem que estávamos pretendendo, foi nesta peça que comecei a usar elementos muito próximos nossos, como o chitão nos figurinos, o maracatu na trilha sonora. Por isso costumo dizer que os primeiros *manguebeats* do teatro fomos nós.

No Teatro Valdemar de Oliveira, foi lançada *Viagem ao Coração da Cidade*, de Adhemar de Oliveira (Pedro Oliveira), com direção de José Manoel, pelo Grupo de Teatro da AABB-Recife (Associação Atlética Banco do Brasil), aos domingos pela manhã, às 10h30, a partir do mês de fevereiro. No elenco, Jucélio Mesquita, Ana Cecília, Anísio Cavalcanti, Marcelino Dias, Síl-



via Paiva, Roberto Alves, Miraugusta Mesquita e Robson Araújo. Já no Teatro Barreto Júnior, ficou em cartaz *Reinações de Um Rei*, texto e direção de Ângela Belfort, com músicas e direção musical de Jorge Costa, numa realização da Scenas Produções Artísticas, “um espetáculo que reúne os diversos recursos da dramaturgia infantil, com teatro de sombras, bonecos, atores, e dançarinos”, descreveu o *Diário de Pernambuco* (21 de março de 1987).

A peça fez nova temporada a partir de agosto, desta vez no Teatro Apolo, após representar *Pernambuco* no XIV Festival Internacional de Teatro de Bonecos, no início de julho, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, “contando com boa receptividade por parte de bonequeiros do país inteiro e do exterior”, destacou o *Jornal do Commercio* (7 de agosto de 1987). No elenco, Ana Maria Nogueira, Ângela Belfort, Ângela Fernanda, Jorge Costa, Marcelo Bonfim e Walber Santos. Manuel Carlos ficou responsável pela criação de bonecos, figurinos e cenários. O enredo trata de uma aposta entre um rei autoritário e um pintor muito irreverente chamado Miudinho. “Segundo a autora e diretora da peça, (...) o espetáculo pretende despertar na criança o sentimento democrático de direitos e deveres iguais para todos, com uma visão prática e objetiva da solução dos problemas diários através da reflexão”, pontuou o *Jornal do Commercio* (8 de agosto de 1987).

Outra montagem em temporada no Teatro Valdemar de Oliveira marcou o lançamento da Corau (Cooperativa de Artistas Unidos), *A Família*



A Família Ratoplan

*Ratoplan*, musical infantil inédito de Luiz Marinho e direção de Rogério Costa, a partir do mês de agosto e, conforme lembrou o *Diário de Pernambuco* (28 de março de 1987), “sendo prestigiado por um impressionante público, desde a sua estréia no dia 14 passado”. A história se passa em um buraco de ratos de classe média. Viviam as personagens, Ana Montarroyos, Iemaneiry Silva, Normando Roberto Santos, Carmelita Pereira, Edinaldo Ribeiro, Marcelo Rodrigues, Conceição Barros, Tião Filho e Sóstenes Vidal, com coreografias de Eduardo Gomes. Já o Teatro Popular dos Coelhoos voltou à cena com o texto do cearense Fernando Luce, *A Lenda do Boto Encantado ou 1, 2, 3... Vai Começar Tudo Outra Vez*, dirigido por Didha Pereira, com direção musical de Erickson Luna e cenários e figurinos de Carmelita Pereira. A peça cumpriu temporada aos domingos, às 17 horas, no Tea-



A Lenda do Boto Encantado

tro Popular dos Coelhos, instalado no 1º andar da Comissão Central daquele bairro. Explicou a jornalista Inês Cunha em matéria no *Diário de Pernambuco* (29 de março de 1987):

Numa tentativa de descentralizar o teatro, um grupo de jovens da comunidade dos Coelhos resolveu montar um espetáculo para crianças e adolescentes e desencadear uma série de visitas às comunidades carentes do Recife e do Grande Recife, objetivando localizar e detectar espaços alternativos para o exercício teatral. (...) iniciando o espetáculo dizendo que cada um pode ir aonde quiser e aonde tentar, os sete atores que participam de "A Lenda do Boto Encantado" exercitam-se durante quarenta minutos, num jogo lúdico e engraçado que tem como suporte principal as manifestações populares. Assim, o filho e a mãe Bocão, são "la ursos", existentes em grande escala naquela comunidade, a índia é uma sambista que desfila todo ano numa escola de samba e a sereia é uma mulher de sociedade entediada e enfasiada por não ter o que fazer.

Feche os Olhos e Entre na Estória



Hoje conhecida nacionalmente, a atriz Patrícia França, quando ainda morava no bairro de Água Fria, protagonizou em 1987 a peça infantil *Feche os Olhos e Entre na Estória*, parceria entre os grupos Panorama Teatro e Foco no Mullambo. "A peça girava em torno do sonho de uma menina ao país das histórias de trancoso, encontrando várias personagens da literatura infantil como Branca de Neve, Alice e a Gata Borralheira", lembrou o diretor Sérgio Barbosa no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 92.). Com texto de Alexandra Solnado, coreografias de Otacílio Júnior e cenário e figurinos de Célio Pontes, a montagem contou ainda com os atores Celina Pontes, Clistinis, Grináurio Lima, Ivaldo Cunha Filho, Itamira Andrade, Júlio César, Kátia Kris (Kátia Ribeiro), Sandra Gomes, Sílvio Pomposo, Thadeu Sobreira e Célio Pontes. Em maio, foi a vez de *Papo de Anjo*, texto de Ricardo Filgueiras, com direção de João Cavalcanti, apresentar-se no Teatro Barreto Júnior,



Papo de Anjo

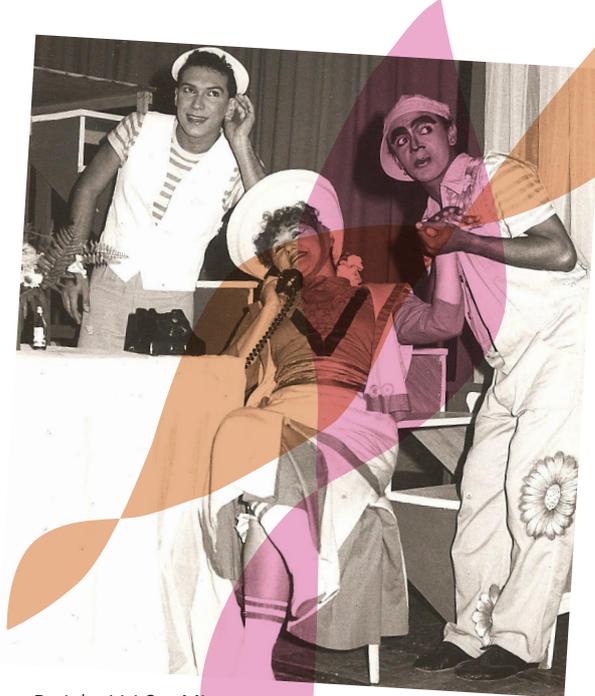
numa realização da Marcus Siqueira Produções Artísticas. O cenário e figurinos eram de Didha Pereira, com músicas de Erickson Luna.

Na cidade de Palmares, a Associação Teatral Palmerense, sob presidência de Luiz Alberto Machado, deu início ao Projeto Escola, no qual espetáculos infantis foram encenados nas escolas particulares e públicas do município. Participaram as peças *Em Busca do Tesouro*, de Rubem Rocha Filho, adaptada e dirigida por Iraquitan Oliveira; *Valente Galozé* e *Cumade Florência*, adaptação das histórias infantis da escritora Elita Afonso Ferreira, pelo Grupo Terra; e *No Reino da Fada Invisível*, de José Maria Luz, com direção de Ângelo Meyer. Na cidade do Cabo de Santo Agostinho, o Grupo da Gente (Grudage) cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior daquele município com a peça infantil *A Praça do Pensamento*, de Laerte Ortega, com direção de Ednaldo Oliveira, enfocando a televisão como instrumento de massificação e de terrível atuação sobre a criatividade infantil.



A Praça do Pensamento

Ainda no 1º semestre de 1987, novos espetáculos para crianças surgiram no Recife. Um deles, a comédia infantil de Artur Maia, *Dona Patinha Vai Ser Miss*, com direção de José Francisco Filho, propôs uma sátira aos concursos de beleza. A montagem cumpriu temporada no Teatro de Santa Isabel, às 16h30, pela Circus Produções Artísticas. O *Diário de Pernambuco* (18 de julho de 1987) destrinchou o enredo:



Dona Patinha Vai Ser Miss

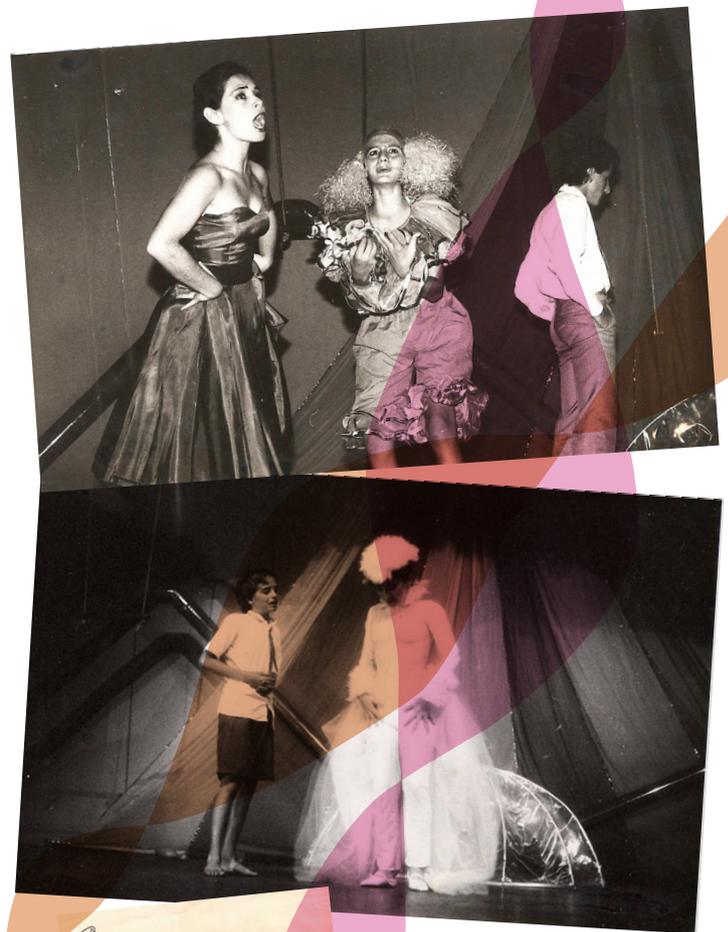
Conta a estória de D. Marreca (Ivone-te Melo), que sonha em ter um título de miss para a sua sobrinha, a patinha (Nilza Lisboa), a fim de casá-la com o melhor partido da cidade, sr. Raposo (Buarque de Aquino). Porém, a Patinha não quer ser mais miss coisa nenhuma, pois está apaixonada pelo Coelhoinho (Marcus Vinícius), artista, longe de ser um “bom partido”. E para resolver o impasse, entra em cena o compadre “Macado” (sic) (Sílvio Pinto), amigo de Patinha e de Coelhoinho. O trio apronta uma armação limitadíssima. O espetáculo está em cartaz há três meses, sendo prestigiado pelo público (duzentos espectadores por récita), numa realização da Circus Produções Artísticas.

Já no Teatro Apolo, nos mesmos dias e horários, cumpriu temporada *O Baú da Inspiração Perdida*, de Benedito Rodrigues Pinto, com direção de Normando Roberto Santos, em realização da Tramp's Produções Artísticas, do município do Jaboatão dos Guararapes. Foram quatro meses de apresentações na capital pernambucana, além de viagens a Palmares, Garanhuns, João Pessoa e temporada de um mês no Cabo de Santo Agostinho. No elenco, Isores Nigro, Mirtes Tabajara, Edson Torres, Ginaldo Glennar, Vanilson Miranda, Madani Nigro, Ednelson Lins, Amaro Nascimento, Francys (sem registro do so-

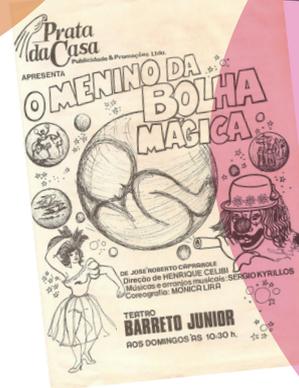
brenome), Antônio Montenegro, Aravanis Bonfim, Wilkenea Bergmen e Márcio Moraes (mais à frente, participou também Picchetto Saianni). A jornalista Inês Cunha abordou a trama desta aventura no *Diário de Pernambuco* (27 de dezembro de 1987):

A peça conta a história de quatro crianças que cansadas dos brinquedos eletrônicos e de tanto ver televisão, resolvem descansar. Um dia eles descobrem um velho baú, pertencente ao vovô Getúlio Jatobá, e dentro deste um livro de histórias infantis escrito por ele mas que não foi terminado por este ter perdido a inspiração. É a partir daí que começa esta aventura. Rei, bruxa, palhaço, príncipe, traça, cupim e outros personagens conversam com as crianças através de suas imaginações. Estórias são inventadas e trabalhadas por elas, na tentativa de encerrar o livro do vovô Getúlio.

Em julho, novos trabalhos ganharam destaque. *O Menino da Bolha Mágica*, produção da Prata da Casa Publicidade e Promoções, com apoio logístico da Aquarius Produções Artísticas, cumpriu temporada aos domingos pela manhã, no Teatro Barreto Júnior. A peça, que trazia um inusitado enredo – no útero de sua mãe, prestes a nascer, o que imagina um feto sobre o mundo



O Menino da Bolha Mágica



exterior? – marcou a estreia de Henrique Celibi dirigindo e produzindo um espetáculo infantil. O texto escrito por José Roberto Caprarole contou com músicas de Sérgio Kyrillos e coreografias de Mônica Lira. No elenco, Eduardo Trindade (com quatorze anos, cantando, dançando, fazendo acrobacias e interpretando quinze personagens), Mônica Lira e Felipe Cabral de Melo. Também estreou o infanto juvenil *A Revolta dos Perus*, de Carlos Queiroz Teles, sob direção de Amaury Santos, pela Matriz Corporação Artística, em cartaz no horário das 18h30, no Teatro Barreto Júnior.

No mês de agosto, o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de Pernambuco (Sated/PE) promoveu, du-



O Menino da Bolha Mágica

rante dois meses, cinco cursos destinados à capacitação de profissionais para a área do teatro infantil, começando com aulas de interpretação com o autor e diretor Rubens Teixeira. A promoção contou com o apoio do Instituto Nacional de Artes Cênicas, Fundarpe e Fundação de Cultura Cidade do Recife. Sob a coordenação de Marco Camarotti e Henrique Amaral, foram ainda oferecidos cursos de Expressão Corporal, com Alcino Ferreira e Helena Pedra; Embasamento Técnico de Voz, com Estefânia Gondim e Uziel Lima; Dramaturgia, com Marco Camarotti e Lúcia Machado; e Direção, com o autor e diretor paulista Jacques Lagoa. Já a Feteape retomou, às quartas-feiras, o Projeto Criança – Ano III (1ª fase), com estudos e debates sobre o teatro para a infância e juventude, abertos à participação do público, na sala Clênio Wanderley, da Casa de Cultura, sob a coordenação de Normando Roberto Santos, Sílvia Paiva e Rick Nascimento. A iniciativa contou com o apoio da Fundarpe, Fundação de Cultura Cidade do Recife e Instituto Nacional de Artes Cênicas.

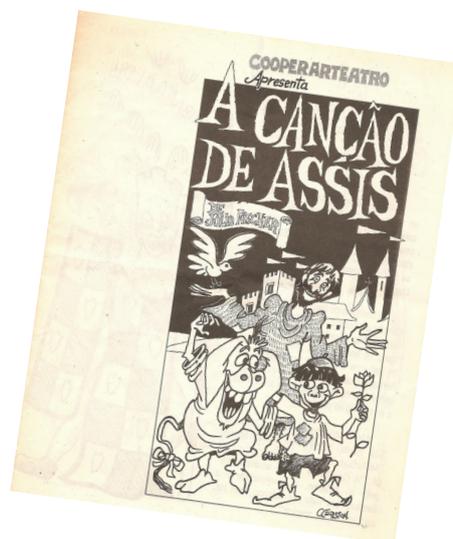
Ainda em agosto, Rogério Costa lançou seu 2º trabalho como diretor, na peça *A Máquina do Tempo*, de Maria Mattoso, realização da Cooperativa dos Artistas Unidos (Corau), em cartaz por



A Máquina do Tempo

três meses, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro Valdemar de Oliveira. **No elenco, Carmelita Pereira (em revezamento com Mísia Coutinho), Paulo de Pontes, Jô Santana, Edinaldo Ribeiro, Tião Filho, Marcelo Rodrigues, Rogério Costa, Maria Mattoso e Cleuson Vieira (substituído por Sóstenes Vidal).** O *Jornal do Commercio* (6 de agosto de 1987) trouxe mais detalhes sobre a iniciativa:

Surgida no início deste ano a Corau veio da insatisfação de alguns atores com a remuneração de seus trabalhos por partes dos produtores. Dentro de um trabalho cooperativado, onde todos, em mutirão contribuem para a produção de suas peças, os atores viram seus rendimentos crescerem aliado à vantagem de poderem escolher texto de seu agrado, os quais geralmente recaem sobre os autores locais.



Divulgando um “sentimento filantrópico”, a Corau destinava cinquenta lugares no teatro para instituições de amparo a menores carentes. Mas o grande sucesso daquele momento foi a peça *A Canção de Assis*, de Júlio Fischer, sob direção de Pedro Henrique, pela Cooperarteatro, que cumpriu dois meses de sucesso no Teatro Valdemar de Oliveira e passou, depois, para o Teatro de Santa Isabel, ainda com boa receptividade. **Walmir Chagas conquistou a criançada**



A Canção de Assis

fazendo Jeremias, um burrinho que não falava nada e só zurrava. Ainda no elenco, Pedrinho Moreira (com nove anos), Albemar Araújo, Mari- lena Breda, Evandro Campelo, Carlos Mesquita e Eduardo Gomes. Na técnica, cenários e figu- rinos de Buarque de Aquino, coreografias de Walmir Chagas e máscaras de Maria Oliveira. O diretor Pedro Henrique lembrou deste projeto no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 51.):

[Pedrinho Moreira] interpretava Pedro, o pequeno órfão que procurava São Francisco de Assis para ajudá-lo a encontrar o seu burrinho perdido, exata- mente no momento em que o santo se dedica à reconstrução da igreja de São Damião. Tudo isso numa ficção ambientada no século XIII, na Itália. Eu usei o palco como uma espécie de cai- xa mágica. Ao abrir parte da cortina, um elemento novo ia aparecendo em cena, como surpresa mesmo. E essa

bela fábula transformou-se num espe- táculo meigo, poético, que deu muito certo para nós.

Sem assinatura, uma matéria no *Jornal do Com- mercio* (8 de agosto de 1987) teceu elogios à peça:

O espetáculo inova na sua forma de apresentação e tem cenário, máscaras e figurinos que reconstituem o século XIII, dignos de elogios. É uma peça leve, solta, cheia de colorido, pronta para agradar a crianças e adultos. A história se passa na Itália, mas não pre- tende contar a vida de São Francisco de Assis, nem ser piegas. Ela traz a fi- gura do santo e do homem para dentro do universo infantil, aproveitando para levar mensagens de amor, respeito e amizade (...) O encontro de Francisco com o menino Pedro se dá quando

A Canção de Assis



este procura o seu burrinho Jeremias (...) vivido pelo ator Walmir Chagas que, mais uma vez, dá um show de interpretação. Nessas horas, lhe é muito válida a bagagem que tem como animador e palhaço de espetáculos infantis. (...) Assistir “A Canção de Assis” pode ser um dos melhores programas para pais e filhos (...) e é mais um passo para o reconhecimento da Cooperarteatro nos palcos recifenses.

Com estreia naquele ano, *O Retábulo da Barafunda*, espetáculo do Mão Molenga Teatro de Bonecos, assim como os bonecos gigantes do Sesi, participaram da programação do Centro de Atividades do Sesc de Santo Amaro em homenagem ao Dia do Folclore. *O Retábulo da Barafunda* foi o 2º espetáculo produzido pelo



O Retábulo da Barafunda

grupo de bonequeiros **Fábio Caio, Marcondes Lima, Fátima Caio e Carla Denise**, com texto, direção e manipulação dos quatro. No livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 186-188.), que traz capítulo dedicado à trupe, eles voltaram-se à estreia da montagem. Marcondes Lima, por exemplo, lembrou:

Estreamos “O retábulo da Barafunda” na Galeria Metropolitana de Artes Aloísio Magalhães, que agora se chama

Mamam – Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães –, graças a um entusiasta do grupo, Nilson de Moura, que nos deu grande força para ficarmos em cartaz. Nilson é um dos fundadores do grupo Mamulengo Só-Riso e, na época, era funcionário da Fundação de Cultura Cidade do Recife. Uma vez ele nos assistiu e disse: “esses meninos têm futuro!”. Tanto que chegou a pagar táxi para irmos à Secretaria de Educação para articularmos venda de espetáculos.

Outro integrante, Fábio Caio, também complementou:

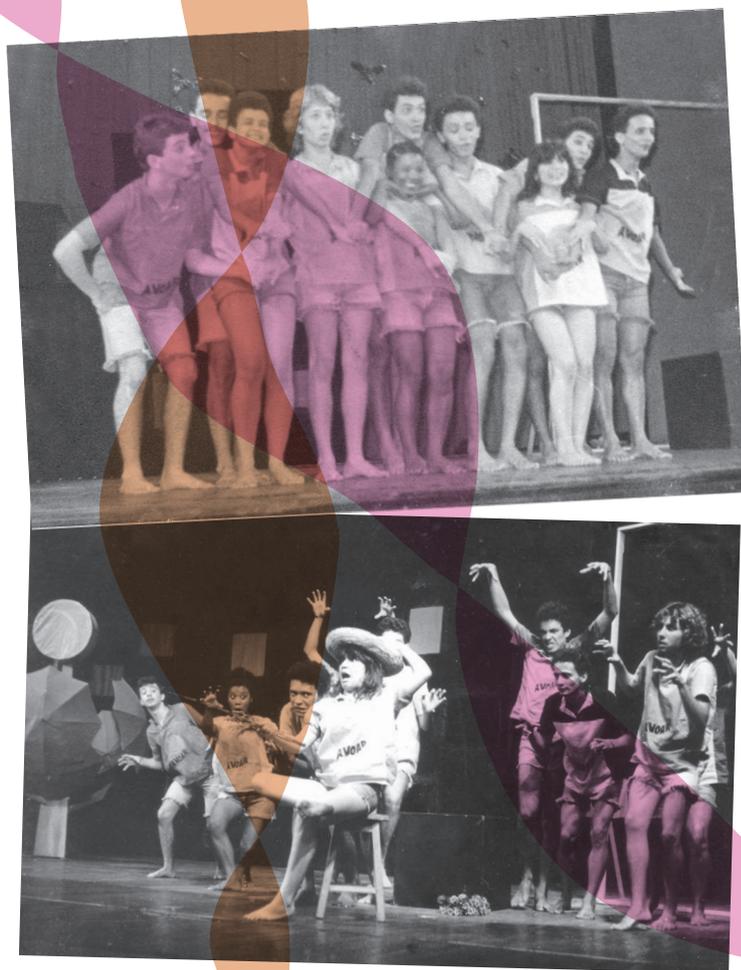
Inicialmente, íamos cumprir dois meses de temporada, mas o sucesso de “O retábulo da Barafunda” foi tão grande que a gente conseguiu ficar por quatro meses, sempre com casa cheia. O espaço tinha capacidade para oitenta espectadores por sessão. E olha que nem tínhamos um forte esquema de divulgação, a não ser cartazes. O que funcionou realmente foram as notinhas nos jornais e, claro, o boca a boca. (...) O Fanhoso, esse meu primeiro personagem [presente no espetáculo de estreia do grupo, *Varieté ou Show do Fanhoso e Cia*, de 1985], resolve abrir concurso para montar um show de va-

Varieté ou Show do Fanhoso e Cia



riedades com bonecos. No meio de inscritos, numa aparição fenomenal, surge a Barafunda, uma bruxa azul que sonha em ser atriz, tanto que se diz disposta a fazer qualquer papel. O problema é que o apresentador fica louco quando a conhece porque tudo o que ele queria era uma bruxa no seu elenco. E aí começa o conflito: ela não quer ser mais bruxa e ele querendo que ela fosse. Com raiva, a Barafunda transforma o Fanhoso num boneco inanimado e toma o teatro para si. Mas, como ela não entende de administração alguma, o show vira uma verdadeira barafunda, ou seja, uma confusão danada. O curioso é que muitos desses primeiros bonecos já nem existem mais. O uso constante os destruiu ou a gente os transformou numa outra coisa. E isso acontece bastante porque todo mundo aqui é transformador, aí, adeus passado do grupo. Fátima [Caio] era quem vivia a nossa estrela, a Barafunda.

A partir do dia 15 de agosto, a Feteape deu início ao projeto Os Pombos Voltam às Praças, proporcionando ao povo de baixa renda acesso a diversos espetáculos em circulação por espaços alternativos. Cerca de quinze comunidades da periferia foram incluídas. Das peças para crianças, participaram *O Baú da Inspiração Perdida*, *Avoar*, *O Retábulo da Barafunda*, *A Lenda do Boto Encantado* e *Papo de Anjo*, entre outras. A coordenação do projeto, que durou mais de três meses, era de Didha Pereira e João Cavalcanti. Também em agosto, de 19 a 23, a mesma Feteape (entidade tão atuante naqueles tempos) promoveu a II Mostra de Teatro de Garanhuns, contando na abertura com a peça *Avoar*, da TTrês Produções Artísticas. Participaram ainda outros infantis, *A Lenda do Boto Encantado*, *O Consertador de Brinquedos*, *Viagem ao Coração da Cidade*, *Flicts* e *O Baú da Inspiração Perdida*.



Avoar

Com estreia naquele ano, a peça *Avoar* fez enorme sucesso com 1ª temporada aos domingos, às 10h30, no Teatro de Santa Isabel. “*Avoar* foi um jeito urbano que encontrei de trazer de volta as velhas noites de lua, as cadeiras na calçada e a rua onde a gente brincava ao som de cantigas de roda”, era o texto inicial da montagem, revelando depoimento escrito pelo próprio autor, Vladimir Capella. A peça se transformou no grande símbolo de qualidade do teatro pernambucano feito para todas as idades. Em entrevista ao *Jornal do Commercio* (22 de agosto de 1987), o diretor José Manoel declarou seu amor à obra e revelou o enredo da montagem:

“*Avoar*” fala de 10 adolescentes que enclausurados em seus apartamentos, sonham em, um dia, transformar aquela cidade em uma grande festa, à luz da lua, e com os cantos e brinquedos que eles só conhecem de ouvir falar. E juntos, quem sabe em sonho, concretizam seus desejos. E brincam, cantam



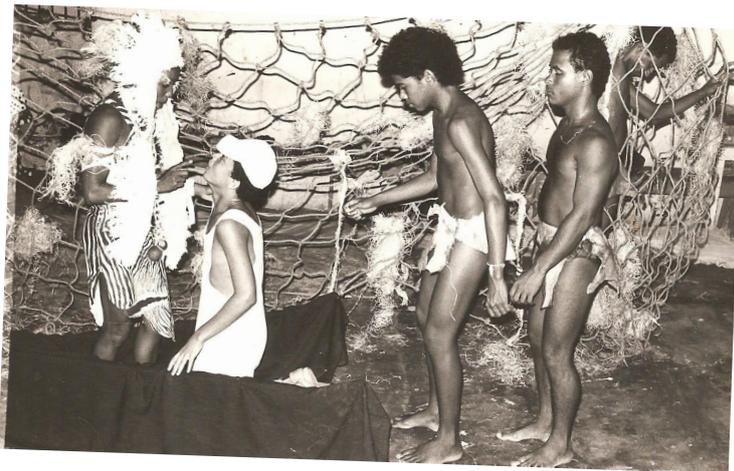
Avoar

e dançam. Emocionam-se. E acordam para a realidade. Só que, entre sonhar e o acordar para o real, as mudanças acontecem, na comprovação de que se sonha um sonho que é possível ser real, real será.

No elenco, escalado preferencialmente pela "emoção", Carlos Lira, Cira Ramos, Otacílio Júnior, Hamilton Figueiredo, Célio Pontes, Rudimar Constâncio, Paulo de Pontes, Flávio Santos, Kátia Kris (Kátia Ribeiro) e Ivone Cordeiro, além de participação dos músicos Romualdo Medeiros, Romildo Manoel e André Filho. Ainda naquele ano, a peça conquistou os prêmios de Melhor Espetáculo Pelo Júri Oficial, Melhor Espetáculo Pelo Júri Popular, Melhor Direção, Melhor Coreografia (o grupo), Melhor Iluminação (Dane Araújo) e Menção Honrosa de Atriz (Ivone Cordeiro) e de Direção Musical (André Filho) no I Festival de Teatro Infantil do Sesc, em João Pessoa (PB). Meses depois, nova temporada no Teatro Barreto Júnior e mais prêmios, Melhor Espetáculo e Melhor Direção da I Mostra Nordestina de Teatro, no Teatro Deodoro, em Maceió (AL). Pouco depois, a peça participou da I Mostra de Teatro de Caruaru, no Teatro João Lyra Filho, e, ao final de 1987, celebrou oito meses de temporada aplaudidíssima no Recife.

Naquele evento da capital do Agreste, *Flicts*, *Era Uma Vez Uma Cor*, da Troupe Espantalho, de Arcoverde, e *A Lenda do Boto Encantado*, do Teatro Popular dos Coelhoos, também pu-

deram ser vistas. Uma curiosidade: durante o VIII Festival de Teatro de Bolso (Tebo), a peça *A Lenda do Boto Encantado*, de acordo com o diretor Didha Pereira, enfrentou problemas com a jurada Vânia de Castro Lima, que se retirou da apresentação "por causa das tangas que os índios de sua peça vestiam". A reclamação foi registrada pelo jornalista Enéas Alvarez na sua



A Lenda do Boto Encantado

coluna *Pano Rápido*, do *Jornal do Commercio* (21 de novembro de 1987). Em novembro, surgiram novas opções para a criançada. Voltado para a faixa etária dos quatro aos dez anos, *Super Léo, o Menor*, da Skene Produções, o 1º texto escrito pela atriz e produtora Suzana Costa, com direção de Paulo Falcão, fez bela carreira de três meses no Teatro Santa Isabel, convidado também à plateia moradores de comunidades carentes e menores abandonados, com parte da renda para a Cruzada de Ação Social. No elenco, Simone Figueiredo, Chico Accioly, Bruno Garcia, Raimundo Branco, Kéops Vasconcelos, Carlos Mesquita e Alexandre Alencar. O jornalista Wilde Portela escreveu no *Diário de Pernambuco* (3 de dezembro de 1987):

Diferente dos espetáculos infantis que normalmente tratam de temas fantasiosos, "Super Léo, o Menor" fala de Léo, um menor muitas vezes abandonado que, depois de conviver com um ladrão (com quem aprende capoeira e



Super Léo, o Menor

judô) e um cego (que lhe ensina a perceber através do tato, olfato e canto) termina num reformatório onde torna-se líder e o melhor aluno da escola. Surpreende os professores com seus dotes e os atemorizam (sic) com idéias novas sobre o sistema educacional do reformatório. (...) Paulo Falcão, o diretor desta aventura musical, utiliza ingredientes de vários gêneros: drama, sátira e suspense, numa dinâmica contemporânea e ágil, sem perder as sutilezas dramáticas e também o respeito e a responsabilidade pelas crianças que nos assistem.

A montagem recebeu ainda elogios de Inês Cunha no *Diário de Pernambuco* (27 de dezembro de 1987): "Leve, poético, com toques de humor, este espetáculo foi um dos melhores montados no segundo semestre deste ano". Outra produção que também fez sucesso foi o espetáculo em dois atos, *Branca de Neve e Cirandas Infantis*, adaptação e direção de Ulisses

Dornelas, pela Chocolate Produções Artísticas, com coreografias de Fátima Freitas e cenários e figurinos de Marcondes Lima, que permaneceu por cerca de dois meses atraindo enorme público ao Teatro de Santa Isabel, aos domingos, às 10 horas. No elenco, um dos destaques eram as garotas bailarinas que interpretavam os anões, Thereza Rachel Feitas, Joana Vieira, Isabel Ferreira, Andréa Peixoto, Adriana Paranhos, Mirela Martorelli e Katarina Ludolf, mas também havia elogios para os bailarinos/atores Danielle Soares, Ismael Portela, Lucinha Freitas, Patrícia Costa, Veruska Phillipine, Giselle Coelho, Tereza Perez, Cláudia Sá Carneiro, Núbia Catarina, Flávia Emerick e Fátima Freitas. No *Diário de Pernambuco* (13 de dezembro de 1987), o crítico Valdi Coutinho exaltou o trabalho:

Ao apresentar essas duas peças, o diretor tinha como objetivo resgatar as cantigas de roda e os contos infantis, utilizando como base e (sic) linguagem da dança e, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem a Heitor Villa-Lobos, que transpôs essas cantigas do popular para o clássico, e ao personagem Branca de Neve que está fazendo 50 anos no cinema. (...) Desde que estrearam naquele teatro, vêm tendo lotação quase totalmente esgotada pela garotada e seus pais que há vários anos prestigiam as produções do Palhaço

Branca de Neve e Cirandas Infantis



Chocolate. Ulisses foi feliz em tudo. Na escolha dos temas, da coreógrafa e do elenco, formado por jovens e talentosos bailarinos (...) Também merecem destaque a seleção musical feita por Alberto Dantas Pedrosa e a cenografia de Antônio Almeida [execução].

Romeu e Julieta



No Teatro Barreto Júnior, a novidade foi *Romeu e Julieta*, que permaneceu por três meses com bom retorno de público, numa produção de Cristiano Lins Produções, Circus Produções Artísticas e J. Silva, sob direção de José Francisco Filho, mais uma vez voltando-se ao texto de Rubem Rocha Filho, desta vez, **contando com os atores Carlos Varella, Marco Camarotti, Gilza Melo, Conceição Camarotti, Júlia Lemos, Albemar Araújo, Moisés Neto e Ricardo Linck. A direção musical era de Romero Andrade, com cenário e figurinos de Buarque de Aquino.** E no Teatro do Museu do Homem do Nordeste entrou em cena *A Rua*, de Paulo Ferreira, com música de Zoca Madureira. Já no Teatro Valdemar de Oliveira, além de *A Máquina do Tempo*, da Corau, esteve em cartaz *Fala, Palhaço*, de autoria do Grupo Hombú, do Rio de Janeiro, pela Dramas Produções, aos domingos pela manhã, por dois meses, “visto por cerca de 2.500 crianças, segundo informação do diretor Astrogildo Santos”, registrou o *Diário de Pernambuco* (20 de dezembro de 1987). Já o jornalista Enéas Al-

varez, através do *Jornal do Commercio* (14 de novembro de 1987), reforçou as intenções lançadas no espetáculo:

(...) que tem na sua proposta o “compromisso de passar ao público toda a graça, poesia, fantasia e realidade de uma família de palhaços de um pequeno circo mambembe. (...) Com uma linguagem inteligente e identificada com a realidade de fantasias infantis, a peça estabelece a relação de cumplicidade do público com o palco, uma vez que tudo começa a partir da suposta impossibilidade dos atores realizarem representação, sendo a solução do problema definida pelos próprios espectadores e atores, que resolvem subir ao palco e fazer “alguma coisa, para não perderem a manhã domingueira. É assim que tudo começa”.

No Teatro Joaquim Cardozo, aos domingos, às 16h30, foi a vez de mostrar *O Cachorro Voador*, comédia com texto e direção de Joana D’Arc Ferreira sobre um cachorro vira-lata que sonha voar para ficar famoso. No Teatro Apolo, continuaram duas montagens, *Dona Patinha Vai Ser Miss*, às 17h30 dos sábados e domingos; e *O Baú da Inspiração Perdida*, aos domingos, às 10h30. No Teatro do Forte, o espetáculo *Se Essa Rua Fosse Minha*, em temporada durante todo o mês de novembro, com texto de Joacyr de Castro adaptado e dirigido por Carlos Lira, tratou de abordar a falta de espaços livres para a criança urbana. **No elenco, Roberto Arruda, Fábio Marques, Alberto Brayner, Rosângela Araújo, Bruno Falcone, Suely Freitas e Sílvia Míriam**, integrantes do Grupo Cala Boca Já Morreu!. O *Jornal do Commercio* (17 de novembro de 1987) descreveu a sinopse da obra:

Sem lugar para brincar, um menino sonha com aquela imensa avenida (muito

movimentada, cheia de carros, pedestres e fumaça), transformada em área de lazer. Surgem então, de forma dinâmica e lúdica, um cavalo e um circo espacial, pastoril, ciranda, bumba-meu-boi, mamulengo e muito mais elementos que levam o público à reflexão sobre um tema bem atual: a falta de espaços livres para a criança urbana. Com esse trabalho, o Cala Boca Já Morreu! inscreve-se definitivamente entre os grupos que se preocupam com a linguagem renovadora do teatro para crianças.

Ressaltando a intensa produção de teatro para meninos e meninas no Recife, o crítico Valdi Coutinho lançou elogios à montagem no *Diário de Pernambuco* (12 de dezembro de 1987):

Ao montar este espetáculo, o grupo e a direção de “Se essa rua fosse minha” procuraram não fugir da proposta essencial do autor: um teatro despojado de grandes recursos, que exercitasse a criatividade e a imaginação da criança, utilizando o lúdico e o poético, sem desprezar, no entanto, o sonho e o comprometimento estético. O movimento teatral no Recife este ano teve expressivo número de espetáculos dirigidos ao público infantil: 35, aproximadamente, o que coloca Pernambuco em terceiro lugar entre os Estados que mais produziram para essa faixa de público, somente superado por São Paulo e Rio de Janeiro. Alguns grupos e companhias buscaram o desenvolvimento de uma linguagem renovadora para o teatro infantil, graças aos resultados do Projeto Criança, da Feteape, e entre eles está o “Cala a boca já morreu”.

Foi ainda no 2º semestre de 1987 que Paulo André Guimarães lançou sua Companhia do Sol,

produtora especializada em montar espetáculos para crianças alunas de escolas particulares, quase sempre com sessões fechadas para instituições de ensino durante a semana (poucas foram as peças que cumpriram temporada nos finais de semana), e, pelo menos até o fechamento desta pesquisa em dezembro de 2013, ainda com intensa atividade programada. A estreia se deu com *Os Dois Palhaços*, texto de Nielson Menão, sob direção do próprio Paulo André Guimarães, que, mais à frente, assumiu o papel de dramaturgo de dezenas de obras originais ou adaptadas para a infância, sempre arcando com os custos de produção sem qualquer incentivo do poder público.

No início de dezembro, a imprensa considerou “parcos” os recursos do auxílio-montagem lançado pelo Edital de Incentivo à Produção de Teatro e Dança, parceria entre o Inacen, Fundarpe e Fundação de Cultura Cidade do Recife, juntos pela 1ª vez. A verba foi dividida entre trinta e seis espetáculos. Dos infantis, foram agraciados *Bandeira de São João*, da Companhia Práxis Dramática; *Super Léo, o Menor*, da Skene Produções; *Fala, Palhaço*, da Dramas Produções; *Cor de Chuva*, da Festim Produtores Associados; *Romeu e Julieta*, da Cristiano Lins Produções; *A Raposa e o Príncipe*, da Circus Produções Artísticas; *Tem Bruxa na Minha Empada*, da Koy e Paity Produções; *O Coelho Que Tinha Mania de Formigas*, do Teatro de Mario-

O Coelho Que Tinha Mania de Formigas



netes Bonecartes; *Branca de Neve e Cirandas Infantis*, da Chocolate Produções Artísticas; e *Constituinte na Floresta*, da Roberto Costa Produções. Algumas destas peças nunca chegaram a ser montadas, mas a ação foi pioneira.

Ainda em dezembro, enquanto que a Associação dos Produtores Teatrais de Pernambuco iniciou nova campanha de popularização do teatro e o produtor Paulo de Castro foi eleito presidente do Sated, era possível ver três trabalhos que não conseguiram maiores repercussões, *A Dança dos Biscoitos*, aventura de Antônio Quin e José Botelho, com direção deste último e produção do Grupo Gente Nossa, sobre quatro biscoitos que ganham vida, em cartaz no Teatro Popular do Bonsucesso, em Olinda, aos sábados e domingos, às 16h30; *Os Dois Palhaços*, texto de Nielson Menão, com direção de Paulo André Guimarães, pela Companhia do Sol, nos mesmos dias e horários, no Teatro Valdemar de Oliveira (uma das poucas exceções apresentadas nos finais de semana); e *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, com o Grupo Espinha Dorsal dirigido por Cleide Arruda, este em única sessão no Teatro Apolo. Paralelamente, a Feteape lançou o Projeto Coringa, que integrava o Programa Nimuendaju, ligado ao Ministério da Justiça e Ministério da Cultura. A proposta consistiu em levar espetáculos e oficinas para detentos da Colônia Penal do Bom Pastor e Manicômio Judiciário do Estado de Pernambuco. *Avoar* foi um dos destaques da programação, que reuniu quatorze espetáculos de teatro e dança.

Bem próximo aos festejos natalinos, a Fundação de Cultura Cidade do Recife, através de sua Assessoria de Teatro Para a Infância e Juventude, informou os projetos aprovados para receber auxílio-montagem de outro edital lançado pelo Inacen, Fundarpe e Fundação de Cultura, como boas perspectivas para o ano de 1988. Entre os espetáculos para a infância escolhidos: *Com Pa-*

*nos e Lendas*, da TTTTrês Produções Artísticas; *O Rei e o Jardineiro*, do Grupo Cala Boca Já Morreu!; *O Que é Que Tem na Mata*, da Troupe Artística Mamulengo Inventiva Coisa; *O Menino Sonhador*, da Marcus Siqueira Produções Artísticas; *Romão e Julinha*, da Tramp's Produções Artísticas; *Que-Pê-Co-Poi-Sa-Pá*, da Troupe Espantalho; *O Ovo da Vassoura Flautista "Nô"*, do Grupo Cênico Arteatro; *Histórias do Bem Querido*, do Mamulengo Fantochito, e *A Menina Que Falava Com as Coisas*, do Grupo Happening (de Garanhuns), peça baseada no livro de Luzinete Laporte de Carvalho, com direção de Suely Rodrigues.

Histórias do Bem Querido



Numa proposta de espetáculo infantil ao ar livre, estreou, corajosamente no dia 26 dezembro, a peça *Uma História de Amor*, da Papagaios Produções Artísticas em parceria com a Koy & Paity Produções Artísticas, entre as árvores do pátio do Teatro Joaquim Cardozo. No enredo, a paixão vivida por uma jovem andorinha e um gato malhado que, apesar da desaprovação dos outros animais, conseguem reinventar o amor durante a primavera e verão. A obra foi adaptada do livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de Jorge Amado, pelo próprio diretor, que confessou em entrevista ao Projeto Memórias da Cena Pernambucana (9 de junho de 2008):



Uma História de Amor

Fomos cumprir uma temporada, ao ar livre, no pátio externo do Teatro Joaquim Cardozo. Claro que conseguir pauta nos teatros já era difícil naquele tempo – aliás, muito mais organizado do que hoje, porque todos os teatros tinham licitação pública –, e isso influenciou, mas também seguimos uma sugestão de Henrique Rodrigues que já havia participado de uma peça com Augusta Ferraz ali, “Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim”, que eu assisti. Fui, então, estudar o espaço, e o achei muito lúdico, bem natureza. Para a montagem de “Uma história de amor” ele cabia perfeitamente, porque eu poderia usar as árvores na cena. (...) A menina sentava em esteiras de palha, no chão, com cadeiras para os pais. E aquilo funcionava muito bem para o nosso propósito. Fizemos uma temporada muito boa ali, atraindo uma mé-

dia de cento e trinta, cento e quarenta pessoas por sessão, ou seja, um público muito legalzinho e que dava para bancar os custos.

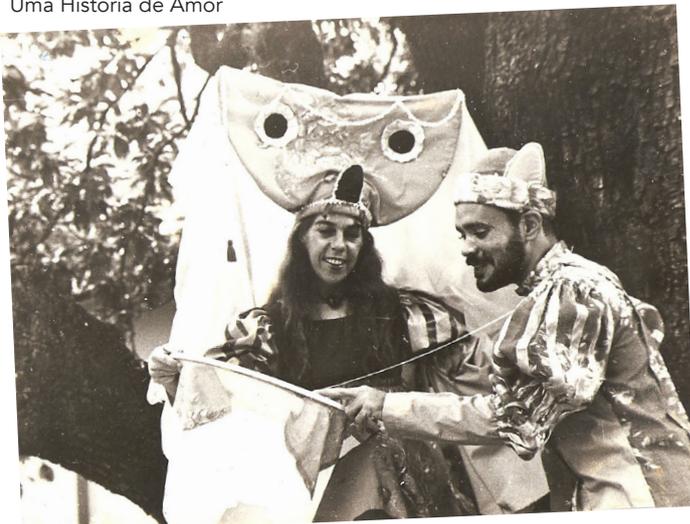
No elenco, Henrique Rodrigues, Cira Ramos, Héliida Macedo, Ril Gouveia, Rinaldo Ferraz, Edna Macedo e Picchetto Saianni. Sobre a necessidade de, em 1989, levar a peça para o palco do Teatro de Santa Isabel, o diretor explicou:

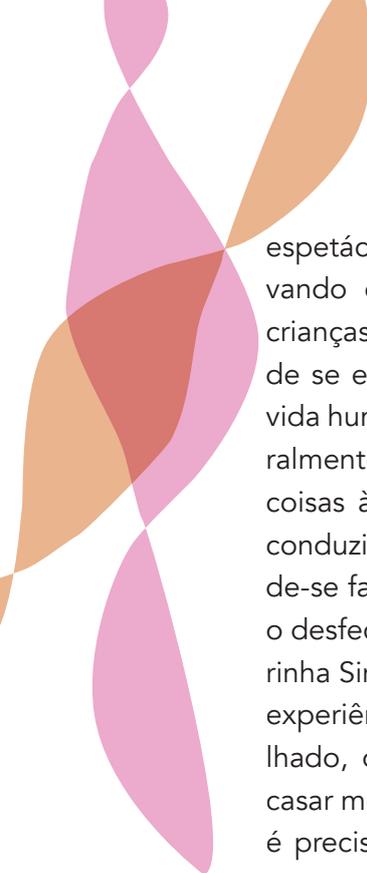
Começou o inverno e já não tínhamos mais condições de apresentar um espetáculo ao ar livre. Ou seja, era uma peça de verão, literalmente. E como também não tínhamos condição de montar um novo espetáculo, por pura falta de patrocínio, a gente precisava continuar em cena, afinal, havia um investimento financeiro, emocional e de compromisso mesmo com as pessoas que estavam conosco. Por isso costumávamos cumprir temporadas longas.

Ainda no pátio do Teatro Joaquim Cardozo, a peça ganhou resenha da jornalista Graça Gouveia no *Diário de Pernambuco* (28 de dezembro de 1987):

Nesta história, que se transformou nas mãos de Manoel Constantino, num

Uma História de Amor





espetáculo infantil ao ar livre, conservando o título original do conto, as crianças terão oportunidade também de se envolver com uma realidade de vida humana: a questão da perda. “Geralmente se tem medo de dizer certas coisas às crianças, mas se soubermos conduzir os assuntos até da morte pode-se falar” explica Constantino, sobre o desfecho da história, quando a andorinha Sinhá, depois de uma gratificante experiência amorosa com o gato Malhado, decide assumir sua natureza e casar mesmo com um rouxinol. “Afinal, é preciso passar a mensagem para as crianças de que as perdas ocorrem na vida de qualquer pessoa, mas que tudo tem um lado positivo. Apesar das perdas, precisamos entender que a vida continua, que outras possibilidades acontecem, outros amores pintam na vida. (...) O local escolhido para encenar a peça, o pátio do Teatro Joaquim Cardoso (sic), na Rua Benfica, foi a forma que o diretor do espetáculo encontrou de, não só de adaptar a mensagem ao ambiente, mas a própria estória ao espaço de férias e liberdade, característico do mês de janeiro, ápice de nosso verão. “A idéia, como explica Henrique Rodrigues, da Papagaios Produções Artísticas, “é fazer um espetáculo onde a criança perceba melhor a natureza, através de uma história que nos fala de amor, de afeto. (...) A montagem desta peça me permite compreender ou buscar entender o universo mágico e lúdico da criança. Daí o meu encontro/reencontro com os contos de fadas, sua estrutura narrativa e a riqueza simbólica que encontramos nos elementos mágicos. A estrutura dos contos de fadas nos permite levar para a criança os problemas que ela enfrenta no seu dia-

-a-dia numa linguagem onde o nível de compreensão infantil é respeitado e a fantasia, presente, nas histórias não representa a fuga do real, mas justamente a forma mais apropriada para a sua percepção”, diz Constantino.

No Tebo, *Flicts, Era Uma Vez Uma Cor*, da Troupe Teatral Espantalho, da cidade de Arcoverde, abocanhou os prêmios de Melhor Espectáculo Infantil e Direção (Romualdo Freitas). Naquele mesmo ano, a peça foi premiada no Festival de Teatro Infantil de São José do Rio Preto (SP). Ainda no Tebo, Picchetto Saianni levou o troféu de Melhor Ator por *O Baú da Inspiração Perdida*, da Tramp's Produções Artísticas; e Kátia Cris (Kátia Ribeiro) foi a Melhor Atriz, com *Feche os Olhos e Entre na Estória*, parceria entre o Foco no Mullambo e o Panorama Teatro. Mesmo diante de um fluxo tão grande de montagens na cena, a retrospectiva teatral de 1987, escrita por Valdi Coutinho, no *Diário de Pernambuco* (31 de dezembro de 1987), deixou claro que o momento era difícil, principalmente por conta das plateias cada vez mais vazias:

A crise político-econômica que assolou o País, em 1987, também refletiu-se, de forma negativa, na produção teatral do Recife, com uma sensível retração do público e, também, uma tímida iniciativa em termos de investimento, com poucos grupos assumindo a aventura de gastar os olhos da cara para montar um espetáculo e alguns preferindo soluções econômicas nem sempre à altura da arquitetura cênica. Foi um ano sofrido, também, para as artes cênicas pernambucanas, por causa da camuflada recessão que começou a ser desenhada em todos os segmentos da produção do País e, especialmente, na cultural e artística. Os valores deste tempo que termina podem ser detec-

tados apenas no aspecto moral e espiritual, porque em termos de estética, desenvolvimento e progresso, pouco existe para ser destacado. (...) a falta de espaços para os grupos amadores, o fechamento do Teatro do Parque durante todo o ano para as reformas que demoram a ser iniciadas, o adiamento da inauguração do Centro de Teatro Experimental Hermilo Borba Filho, e especialmente a queda do número de espectadores, refletem os sintomas de um ano em vermelho.

Em janeiro de 1988, o Teatro do Museu do Homem do Nordeste, no bairro de Casa Forte, espaço que não se firmou enquanto casa de espetáculos teatrais, continuou recebendo a temporada do espetáculo *A Rua*, de Paulo Ferreira, com música de Zoca Madureira, somente aos domingos, às 16h30. Mas a grande maioria das peças ainda ocupava o final de semana com sessões aos sábados e domingos, naquele mesmo horário. Era o caso de *Super Léo, o Menor*, no Teatro de Santa Isabel; *Uma História de Amor*, apresentada ao ar livre, no pátio do Teatro Joaquim Cardozo; *A Máquina do Tempo*, no Teatro Valdemar de Oliveira; *Romeu e Julieta*, no Teatro Barreto Júnior; *Dona Patinha Vai Ser Miss*, no Teatro Apolo; *O Cachorro Voador*, no Teatro Joaquim Cardozo; e *Se Essa Rua Fosse Minha*, no Teatro do Forte. Mas as manhãs de domingo também reservavam opções teatrais, com *Branca de Neve e Cirandas Infantis*, no Teatro de Santa Isabel; *Fala, Palhaço*, no Teatro Valdemar de Oliveira; *Avoar*, no Teatro Barreto Júnior, que passou a ocupar depois o Teatro José Carlos Cavalcanti Borges; e *O Baú da Inspiração Perdida*, no Teatro Apolo, todas às 10h30. Ou seja, nada menos que doze peças em cartaz.

De 14 a 24 de janeiro, no Teatro Apolo, a Feiteape promoveu a I Mostra de Teatro Infantil,

como parte do Projeto Criança Ano III, dentro da Mostra Estadual de Teatro Amador. *Avoar*, *O Baú da Inspiração Perdida* e *Flicts, Era Uma Vez Uma Cor*, esta última da Troupe Espantaflo, participaram da programação que contava com a coordenação de Didha Pereira, Rudimar Constâncio, Edjeso Ferreira, Rick Nascimento e Célia Cardoso. Bem diferente do que aconteceu no ano anterior, quando surgiu o Circuito de Periferia de Mamulengo Popular acontecendo durante apenas um mês, a Prefeitura do Recife, através da Fundação de Cultura, ao promover a 2ª edição do evento em 1988, resolveu estendê-lo durante todo o ano, contando com o patrocínio do Instituto Nacional de Artes Cênicas. Os mamulengos Dengoso, de Chão de Estrelas; e Presepê, da cidade de Pombos, abriram esta programação voltada à periferia.

Em fevereiro, iniciando temporada no palco do Teatro de Santa Isabel, aos domingos, às 10h30, a peça *Romão e Julinha*, de Oscar Von Pfuhl, foi mais uma realização da Tramp's Produções Artísticas, da cidade do Jaboatão dos Guarara-

Romão e Julinha



pes, com direção de José Manoel, coreografia de Otacílio Júnior, músicas de Zinho Zona Sul e figurinos e cenários de Teka Miranda (usando esteiras, balaios, peneiras e estopas no palco). A peça era uma versão descomprometida de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, “que acontece em Gatópolis, reino dos gatos, envolvendo um rei decadente, o amor de sua filha Julinha pelo plebeu Romão”, lembrou o *Jornal do Comercio* (23 de janeiro de 1988). No elenco, Márcio Moraes, Ysores Nigro, Edson Torres, Vanilson Miranda, Ednelson Lins, Madani Nigro, Fracys, Antônio Montenegro, Amaro Nascimento e Mirtes Tabajara. Ao final de janeiro, cinco montagens podiam ser conferidas pelo público: *A Canção de Assis*, *O Baú da Inspiração Perdida*, *A Revolta dos Perus*, *O Menino da Bolha Mágica* e *O Duende Careca*.

Enquanto isso, surgiu a 1ª experiência na linguagem infantil do Grupo Cênico Arteatro, fundado em 1986, com *O Ovo da Vassoura Flautista “Nô”*, espetáculo com texto e direção de Williams Sant’Anna. Diretor de produção na época, Carlos Salles lembrou de como apareceu esta proposta para sua turma, no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 68.):

Foi Williams [Sant’Anna, que já havia dirigido a remontagem do 1º trabalho



O Ovo da Vassoura Flautista “Nô”

do grupo, *Taperoá de Ariano*, peça adulta que nasceu sob direção coletiva] quem deu a idéia de prepararmos um espetáculo com uma linguagem diferente e, apostando numa sugestão dele, fomos estudar as técnicas teatrais de Viola Spolin. Desse processo do teatro “improvisacional”, surgiu o espetáculo, cujo resultado não foi nada bom. O próprio Williams escolheu o elenco e conduziu os laboratórios. Eu coordenei a produção da peça e graças a um projeto bem elaborado, conseguimos ganhar a pauta do Teatro Apolo em 1988. Mas tudo foi bastante complicado porque não tínhamos um bom esquema de divulgação. (...) Ou seja, com pouco mais de um mês e meio, tivemos que tirar a peça de cartaz pela falta de público. Claro que ficamos muito frustrados, e Williams decidiu se afastar do grupo.

Ressaltando na mesma publicação que a temporada foi aos domingos pela manhã, no Teatro Apolo (quando o Bairro do Recife ainda era bastante marginalizado), a atriz Méri Lins, que integrou o elenco junto a Luiz Felipe Botelho, Taveira Júnior, Andréa César, Francis de Souza, Jacilene Mathias (Lene Mathias) e Tchello Intarsiato, recordou ainda sua personagem:

Fui chamada para substituir uma atriz de última hora e, praticamente, estreei sem saber para onde ir. Minha personagem era uma bruxa atrapalhada, deliciosa de se fazer. Francis [de Souza] vivia a minha vassoura, que se comunicava por uma linguagem inventada. A gente se divertia bastante em cena. Mas infelizmente o público não quis nos ver!

Também foi produzida a peça *Pulem Que o Barquinho Vai Afundar*, de Sérgio Barbosa, com direção de Ivaldo Cunha Filho, na Sala Clênio Wanderley, aos domingos, às 16 horas, pela Mandacaru Produções Artísticas. A divertida montagem trazia à cena uma bruxa malvada e seu corvo que, dominando uma ilha, tentam capturar marujos visitantes. No elenco, Grináurio Lima (Curió Besteira), Ivaldo Cunha Filho (Capitão), Thadeu Sobreira (Corvo), Paula Gomes (Mambi) e Marcelo Messias (Espingarda Velha). Por sua vez, estreando seu maior sucesso em 30 de abril de 1988, Didha Pereira lançou a peça

Pulem Que o Barquinho Vai Afundar



O Menino Sonhador



*O Menino Sonhador*, que cumpriu quatro meses de temporada no Teatro Apolo. Com texto, direção, música e cenografia dele, e direção musical de Sérgio Kyrillos, a montagem contava com a interpretação de Joselito de Souza, Odé Félix, Ana Márcia Melo (eventualmente substituída por Silvana Miranda), Avanizes Bezerra e Cássia Mascena. O autor e diretor discorreu sobre a peça durante participação em debate no Projeto Memórias da Cena Pernambucana (31 de março de 1998):

A trama de “O menino sonhador” é simples: um menino solitário é obrigado pelos pais a viver isolado. Ele confecciona um barco de papel para que possa navegar, livremente, nas águas da chuva, e conhecer o mundo exterior que ele não desfruta. Acontece que a chuva não chega, provocando mais uma frustração para o garoto, que dorme e sonha. No sonho, encontra personagens que a sua fantasia criou para aprender sobre as coisas da vida.



O Menino Sonhador

Circulando por vários festivais sem apoio algum dos órgãos públicos, apesar das diversas tentativas, a peça conquistou as seguintes premiações: **Melhor Maquiagem, 3º Melhor Espetáculo e Menção Honrosa para a atriz Ana Márcia Melo** no II Festival de Teatro Infantil do Sesc, em João Pessoa (PB); **Melhor Atriz (Silvana Miranda, em sua 1ª apresentação, excepcionalmente substituindo Ana Márcia Melo), Melhor Ator (Odé Félix), Melhor Figurino, Melhor Cenografia, Melhor Direção, 2º Melhor Espetáculo do Júri Oficial e Melhor Espetáculo do Júri Popular**, na II Mostra Nordestina de Teatro, em Maceió (AL); e **Melhor Autor Nacional e Melhor Espetáculo** no XVI Festival Nacional de Teatro (Fenata), em Ponta Grossa (PR). Em 1989, o trabalho iniciou uma nova temporada, desta vez no Teatro do Parque e, em 1990, participou do projeto Vamos Comer Teatro, promovido pela Feteape, sendo vista na cidade de São Caetano (PE).

Com apresentações muito focadas nas escolas, a recém fundada Companhia do Sol lançou no 1º semestre de 1988, a peça *A Energia de Um Polegar*, com texto e direção do produtor Paulo André Guimarães. Para o 2º semestre, surgiu *Nada de Morrer na Praia*, também com texto e direção do próprio. Em junho, no Teatro de Santa Isabel, foi a vez dos produtores Sílvia Robalinho e Rogério Robalinho, da Companhia de Eventos, estrearam o musical *Bandeira de São João*, do trio Ronaldo Correia de Brito, Assis Lima e Antônio Madureira, e coreografias de Bergson Queiroz. Contavam com patrocínio do Banco do Nor-

deste do Brasil. No elenco formado por muitos bailarinos, Romero Andrade, Maria Paula Costa Rêgo, Cira Ramos, Silvana Brito, Arnaldo Siqueira, Raimundo Branco, Luciana Samico, Robson Duarte, Mônica Barroso e Valéria Medeiros, além dos garotos Joaquim Brandão e Pedro Moreira no papel de São João Menino. O cenário e figurinos eram assinados por Walther Holmes.



Bandeira de São João





A Máquina Fantástica do Doutor Eulâmpio

Na linguagem do teatro de bonecos, quem lançou novo trabalho foi o Mão Molenga Teatro de Bonecos com *A Máquina Fantástica do Doutor Eulâmpio* (que mais à frente teve seu título suprimido para *A Máquina Fantástica*), **texto, direção, bonecos e atuação/manipulação de Carla Denise, Fábio Caio, Fátima Caio e Marcondes Lima**. A montagem surgiu a pedido de Teresa Noronha, diretora do Centro Eulâmpio Cordeiro, entidade voltada à prevenção do uso de drogas. O ator Fábio Caio rememorou a montagem no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., 188-189.):

Ela pediu que criássemos algo para jovens e adultos a partir deste tema, e decidimos não falar abertamente das drogas, mas do mal que substâncias estranhas fazem ao corpo, do quanto elas agridem e são nocivas. Eu interpretava um cientista que, através de uma máquina criada por ele, conseguia entrar no corpo humano para resolver vários problemas de saúde. Só que quem termina diminuindo e parando lá

é o atrapalhado ajudante dele, o Paquito, vivido por Marcondes [Lima].

Carla Denise, por sua vez, explicou a razão do uso de dois títulos, já que a peça passou por transformações e chegou a ser vista em Fernando de Noronha, no ano de 1989:

Estreamos na Galeria Metropolitana, numa apresentação para pacientes, médicos e amigos convidados. Mas, depois disso, houve uma mudança de Governo, a direção do centro foi afastada e, por questões políticas, o projeto não seguiu adiante. Bom, como a premissa da montagem era interessante, readaptamos o trabalho e demos um direcionamento às ciências para a infância e a juventude, apresentando os principais órgãos do corpo humano e suas funções.

A partir do dia 2 de outubro, a Chocolate Produções Artísticas trouxe à cena um novo musical infantil, *Chocolate no Reino de Bagdá*, de acordo com o *Diário de Pernambuco* (2 de dezembro de 1988), “uma réplica dos contos das Mil e Uma Noites com seus califas, vizires, odaliscas, tapete voador, garrafa mágica, mercadores”. A grandiosa montagem ficou em cartaz no já conhecido horário das 10h30, aos domingos, no Teatro de Santa Isabel. **As coreografias eram assinadas por Fátima Freitas, com cenografia e figurinos de Marcondes Lima e iluminação de Horácio Falcão. No elenco, entre dezenas de artistas, Fátima Freitas, Manuela Pimentel e Alexandre Troccoli.** A peça foi recomendada pelo *Diário de Pernambuco* (20 de novembro de 1988) por dar às crianças “a chance de conhecer o mundo encantado das lendárias figuras dos contos orientais”:

Durante uma hora e vinte minutos desfilam todos os domingos, no palco do



Chocolate no Reino de Bagdá

Teatro de Santa Isabel, às 10 horas da manhã, personagens como o marujo Simbad, Abud, o ladrão de Bagdá, além de odaliscas, mercadores, quiro-mante, princesa, deusa, entre outros. Mas antes disso, o palhaço Chocolate faz um pequeno show para descontraír e aquecer a platéia. A peça é mais uma montagem da Chocolate Produções Artísticas e vem tendo boa receptividade por parte do público, recebendo desde sua estréia, no dia 2 de outubro passado, naquela casa de espetáculos, todos os domingos, cerca de quatrocentas pessoas, segundo informação do diretor, roteirista e adaptador Ulisses Dornelas. "Trata-se de um espetáculo que proporciona à criançada momentos de reflexão e oportunidade de desenvolver seu lado crítico", comenta.

Paralelamente a esta temporada, nas mesmas manhãs de domingo, às 10h30, o Teatro Barreto Júnior recebia *Cindy*, espetáculo com texto de Antônio Nogueira e direção e produção de Roberto Costa, numa releitura de *Cinderela*, conto dos Irmãos Grimm, para uma linguagem atual.

Na trama, após a morte de seu pai, uma menina pobre fica à mercê das maldades das três filhas de sua madrasta, até o dia em que, ajudada por sua fada madrinha, vai a um baile e conhece um príncipe. Inês Cunha entrevistou o autor Antônio Nogueira no *Diário de Pernambuco* (20 de novembro de 1988):

Para o autor reescrever "Cinderela" foi um desafio. "Acontece que por ser uma estória universal, era necessário que tivesse um texto atual, engraçado mas que não perdesse aquela coisa de sonho. Cindy é isso, um sonho que agrada jovens, crianças e adultos. Tem momentos de muita beleza que são recheados pelas músicas e pelos momentos de humor. E o Complexo de Cinderela, existente e plenamente discutido entre as mulheres de hoje, é posto à prova quando o príncipe desce as escadas e vai ao público tentando encontrar sua amada".

O curioso é que, no elenco, além dos intérpretes Marciano Lins, Mônica Vilarim, Joelma Alves, Alda Lucena, Carmen Alves, Johann Vieira (o futuro crítico de teatro do *Jornal do Comércio*, João Luiz Vieira), Patrícia França e Priscilla Annie, estavam os atores Jeison Wallace e Edylson Rygaard, que, a partir de 1991, serão as divertidas personagens Cinderela e Príncipe da montagem adulta *Cinderela, a História Que Sua Mãe Não Contou...*, com direção do 1º e participação ainda de Roberto Costa, o diretor e produtor de *Cindy*, como ator, entre outras funções. Ainda na ficha técnica da peça infantil, coreografias de Patrícia França e iluminação de Sulamita Ferreira e Maninho.

Ao final de 1988, ainda foi possível conferir a temporada de *Jacaré Espaçonave do Céu*, texto de Zé Zuca e Carlos Lagoeiro, com direção de Rogério Costa e realização da Corau (Compa-



Três Peraltas na Praça

nhia de Artistas Unidos). No enredo, a história de uma menina que sonha com um jacaré e de outros meninos que a ajudam a transformar seu sonho em realidade. A peça fez sucesso no Teatro Valdemar de Oliveira, cumprindo “temporada de nove meses, com cento e cinco récitas”, de acordo com o *Diário de Pernambuco* (17 de dezembro de 1988). Também foi apresentado *Três Peraltas na Praça*, de José Valluzi, com direção de Ilza Cavalcanti, pelo Haja Teatro e Cooperarte, no mesmo teatro, tratando de uma menina super protegida que foge de casa e vai a uma praça onde começa a criar personagens. **No elenco, Dierson Leal, Nilson Rodrigues, Roberto Vasconcelos, Rosana Santos e Vera Rosado (substituída por Ilza Cavalcanti).**

Outra montagem de enorme sucesso que também estava como opção nos palcos foi *Maria Borracheira*, de Vladimir Capella, com direção de Manoel Constantino, pela Papagaios Produções Artísticas, em temporada no Teatro Barreto Júnior. **No elenco, Cira Ramos, Carlos Lira, Ivonete Melo (eventualmente substituída por Teka Miranda), Simone Figueiredo, Ril Gouveia, Henrique Rodrigues, Sílvia Marques, Sandra Leão, Rinaldo Ferraz, Paulo de Pontes (substituído por Otacílio Júnior) e João Neto. Participaram ainda, mais à frente, Alberto Braynner, Helena Vila Nova e Manoel Constantino (eventualmente).** O ator e diretor tratou de vários aspectos da peça no livro *Memórias da Cena Pernambucana - 04* (op. cit., p. 245-247.), inclusive analisando a presença da morte no espetáculo:

Quando decidimos montar “Maria Borracheira”, comecei a pesquisar sobre como era contada essa história no Brasil e descobrimos várias versões, desde a mais tradicional da Cinderela com sapatinho de cristal, a essa que estava no Nordeste, registrada por Sílvio Romero no livro “Contos populares do Brasil”, e que Vladimir [Capella] teve inspiração. Eu já conhecia outros textos dele, mas esse foi o que mais me encantou, justamente porque, numa trama universal, tão cheia de símbolos, ele optou por usar elementos regionais nossos e com muito bom humor, algo que sempre investi em minhas peças. E, aí, houve essa identificação comigo, porque acho que os meus espetáculos têm muito mais do moleque de cada um de nós (...) Como a gente vinha de uma linha de trabalho onde já tínhamos usado o chitão nos figurinos, o maraca-

Maria Borracheira



tu na trilha sonora, fechamos um ciclo com várias coreografias nordestinas em cena, numa história como “Maria Borradeira”, cuja trama se desenrolava em Sergipe. Por exemplo, as feiticeiras que fazem encantamentos a favor de Maria, eu as pus como caboclos do maracatu rural e, ao mesmo tempo, tinham a ver com as Parcas da tragédia grega. Portanto, havia o encantamento do conto de fadas, só que numa linguagem próxima da nossa cultura. (...) Vladimir abre a peça com o pai de Maria dando a notícia da morte da mãe para ela, ainda

enquanto criança. Era um momento solene, e usei um coro de atores vestidos com capas pretas e capuz, como num cortejo fúnebre, com direito a coroa de flores. Pouco depois, Maria falava com a mãe, com Sílvia Marques no papel, toda vestida de branco, subindo num alçapão, como uma espécie de lua prateada. A cena era rápida, mas tocava a adultos e crianças. Num outro momento, Ivonete Melo, como a Madrasta, matava com uma espada Lua, a vaquinha de estimação de Maria que ela havia ganhado do pai, transferindo simbolicamente, a relação maternal, e todos se emocionavam. A partir daí, ela passa à fase adulta e confronta-se com a realidade. Ou seja, aquele momento não deixou de ser um ritual de passagem: a perda como sinônimo do adquirir novos caminhos, novas possibilidades.

Maria Borradeira



O sucesso foi tanto, que a equipe de *Maria Borradeira* celebrou mais de cem apresentações, com bolo e festa! Ainda em 1988, subiram ao palco *Pepo e Pepa*, com texto e direção de Joana D’Arc Ferreira, sobre dois palhaços de um circo falido que montam um espetáculo que não é de circo, em cartaz no Teatro Clênio Wanderley, aos domingos, às 14 horas; e *Cor de Chuva*, com texto e músicas de Bia Mello e Fernando Neder, sob direção geral e direção musical deste último, pela Festim Produtores Associados, musical que enfoca através de esquetes os sete dias da semana de várias crianças. Em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, a peça cumpriu “uma brilhante carreira, (...) do qual fazem as melhores referências especialmente pelo lirismo do texto, as soluções cênicas encontradas e o bom desempenho do elenco”, lembrou Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (17 de dezembro de 1988). Há registros ainda da montagem ter passado pelo Teatro Valdemar de Oliveira, nos sábados de abril a maio.

Também estava sendo apresentado *O Boi Daruê*, com texto de Fernando Limoeiro e direção de Claudiné de Abreu, numa montagem da Vanguarda Teatro Produções, do município do Jaboatão dos Guararapes, em cartaz no Teatro Apolo, obra que girava em torno de um menino nordestino que, com uma ossada de boi, cria um brinquedo diferente e se envolve com o dono de uma fábrica de brinquedos eletrônicos; e *Com Panos e Lendas*, texto de Vladimir Capella e J. G. Rocha, pela TTTTrês Produções Artísticas, com direção de José Manoel, no Teatro de Santa Isabel, peça que no X Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto (SP), em 1988, foi aplaudida de pé pela plateia e arrebatou os prêmios de **Melhor Espetáculo**, **Melhor Iluminação** (Horácio Falcão), **Melhor Música** (André Filho) e **Melhor Atriz Coadjuvante** (Pietra Alves). Ainda no elenco, Célia Cardoso, Normando Roberto Santos, Otacílio Júnior, Mônica Holanda, Luciana Gayoso, Márcio Moraes, Rudimar Constandício, Marcelino Dias e Sílvia Paiva. No enredo,

Com Panos e Lendas



pontuado por rituais, a obra conta o nascimento, vida e morte da Terra. O ano ainda reservou sessões do *Festão da Criança*, show com bonecos gigantes, jogos, Circo da Fantasia, recreação, caça ao tesouro do rei e espetáculo de teatro de bonecos na Fundação Cecosne.

Celebrando vinte meses de apresentações após cumprir mais uma temporada, desta vez no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, a peça *Avoar* voltou a ser destaque na coluna *Artes Cênicas*, de Valdi Coutinho, no *Diário de Pernambuco* (10 de dezembro de 1988):

“Avoar” foi sem dúvida, um dos grandes sucessos do teatro para criança em Pernambuco, conquistando 11 troféus e participando de vários festivais e mostras, daí porque foi visto por mais de 30 mil pessoas, conforme estatísticas fornecidas pelos produtores. O texto de Vladimir Capella fala de liberdade no sentido bem amplo da palavra e resgata as nossas cantigas de roda e brincadeiras de rua.

Pelo 6º ano, a Feteape promoveu o projeto Vamos Comer Teatro, que fazia circular espetáculos por cidades do interior. Naquele ano, na categoria infantil, participaram as peças *Com Panos e Lendas* e *O Rei e o Jardineiro*, indo às cidades de Arcoverde, Cabo de Santo Agostinho, Caruaru e Pesqueira. A coordenação era de Francisco Alves e José Manoel. Naquele ano, a entidade passou a ser presidida por Williams Sant’Anna. No IX Tebo, *Pulem Que o Barquinho Vai afundar*, da Mandacaru Produções Artísticas, ficou com o título de Melhor Espetáculo Infantil, além do troféu de Melhor Diretor para Ivaldo Cunha Filho. Edinaldo Ribeiro foi considerado o Melhor Ator, pelo espetáculo *Caramelada*, do Grupo Os Loucos; Jaci Silva, a Melhor Atriz, por sua atuação em *O Boi Daruê*; e o Prêmio Especial do Júri foi para *O Rei e o*



O Rei e o Jardineiro

**Jardineiro, do Grupo Cala Boca Já Morreu!** Entre outros infantis que participaram e não levaram prêmio algum, estava *Cantos e Encantos*, da Semérgio Produções, com direção de Sérgio Barbosa.

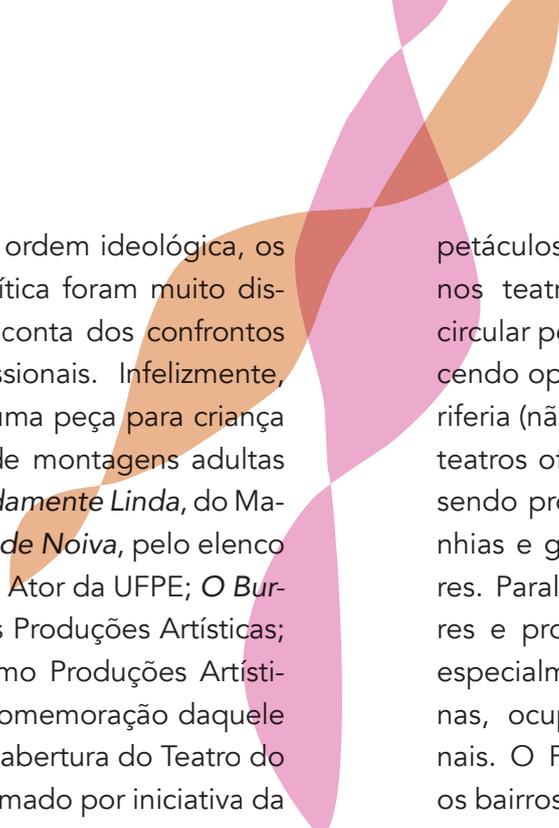
Em dezembro, enquanto que no Colégio Decisão foi apresentada a peça *Quê-Pê-Cô-Pô-i-Sa-Pá*, de Pernambuco de Oliveira, sob direção de Ida Korossy ao concluir um curso de iniciação

Que-Pê-Cô-Pô-i-Sa-Pá



teatral, com elenco de alunos daquela instituição de ensino (estreia deste pesquisador numa produção teatral para a infância), o Palhaço Chocolate promoveu grandioso show para a meninada no Parque Treze de Maio, por causa dos festejos natalinos, ação que já vinha realizando há oito anos por várias cidades do Nordeste, com presença do Papai Noel e de mais de cinquenta personagens infantis, além de sorteios de brindes. Na imprensa, apesar de ainda reconhecer a cena pernambucana como “firme e vigorosa”, mesmo em meio a tantas contradições, o jornalista Valdi Coutinho, no *Diário de Pernambuco* (31 de dezembro de 1988), nem sequer lembrou das produções para a infância em sua retrospectiva teatral e expôs a crise daquele momento:

Falar sobre crise nos meios da produção teatral em Pernambuco, no ano de 1988, não se constitui novidade nenhuma, pois o caos foi uma coisa generalizada, no País, com profundos reflexos na área cultural, onde todas as verbas e projetos de investimento esvaziaram-se, com raríssimas exceções. A novidade mesmo foi, numa fase de transição democrática, o aparecimento de contradições pontilhando o relacionamento entre produtores/profissionais/espço amadores e conjuntos que devem ser repensados e aprofundados visando o aperfeiçoamento do exercício da democracia e das conquistas de cada uma das categorias. (...) a safra 1988 ficou muito a desejar quanto ao aparecimento de novas linguagens cênicas e novas propostas para a dramaturgia. Algumas tentativas foram feitas mas esbarraram em inúmeras dificuldades, especialmente as financeiras (falta de público, a principal delas), e terminaram não causando o impacto que mereciam (...)



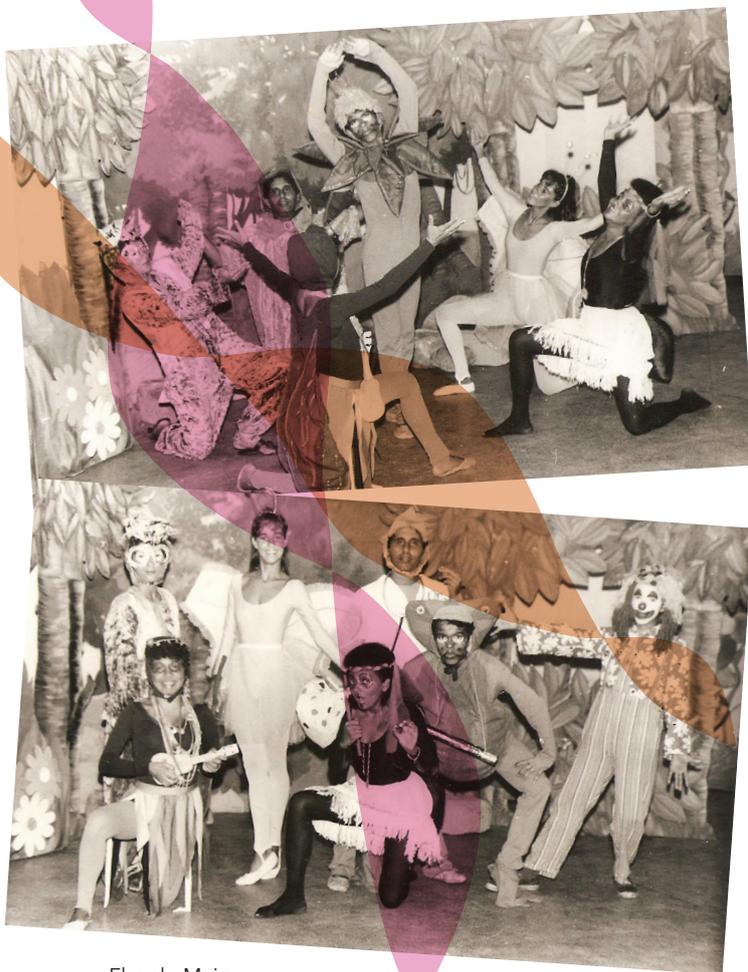
Em meio aos conflitos de ordem ideológica, os temas ética e atitude política foram muito discutidos naquele ano por conta dos confrontos entre amadores e profissionais. Infelizmente, nesta retrospectiva, nenhuma peça para criança foi destacada, diferente de montagens adultas como *Olinda Olinda Olindamente Linda*, do Mamulengo Só-Riso; *Vestido de Noiva*, pelo elenco do Curso de Formação do Ator da UFPE; *O Burguês Fidalgo*, da Aquarius Produções Artísticas; e *Besame Mucho*, da Remo Produções Artísticas, entre outras. Como comemoração daquele período, vale ressaltar a reabertura do Teatro do Parque, inteiramente reformado por iniciativa da gestão do prefeito Jarbas Vasconcelos.

Com a crise financeira brasileira mostrando cada vez mais suas garras, a produção teatral freou novas empreitadas e manteve-se no ano de 1989 com trabalhos iniciados anteriormente. Poucas estreias ocorreram, tanto que Valdi Coutinho expressou no *Diário de Pernambuco* (10 de abril de 1989): “A temporada teatral 1989 atravessou o terceiro mês convivendo com o *mesmismo* de sempre”. Sem novidades, o mercado, então, foi oxigenado com a circulação das peças existentes. Promovido pela Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco, o Projeto de Circulação de Espetáculos – Teatro e Dança 89 foi iniciado em outubro com as peças *O Duende Careca*, no bairro do Córrego da Areia; *Pluft*, o *Fantasmilha*, no Vasco da Gama; *A Revolta dos Brinquedos*, na Várzea; e *Maria Borracheira*, que chegou ao município de Pesqueira. O *Diário de Pernambuco* (2 de outubro de 1989) deu mais detalhes sobre o projeto:

A iniciativa tem como objetivo a descentralização dos espetáculos abrindo uma vasta perspectiva de movimento e de desenvolvimento cultural através de um processo interativo entre cidades interioranas e bairros da periferia. Na prática, isto significa o seguinte: os es-

petáculos que cumpriram temporadas nos teatros convencionais passam a circular por espaços alternativos, oferecendo oportunidade ao público da periferia (não acostumado a frequentar os teatros oficiais) a conhecer o que vem sendo produzido pelas nossas companhias e grupos profissionais e amadores. Paralelamente, os grupos amadores e profissionais de outros centros, especialmente das cidades interioranas, ocupam os espaços convencionais. O Projeto beneficiará, este ano, os bairros de Tejipló, Córrego da Areia, Vasco da Gama e Várzea, e os municípios de Pesqueira, Brejo da Madre de Deus, Escada e Palmares. O patrocínio é da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), órgão da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo do Estado, da Fundação de Cultura da Prefeitura do Recife, da Fundação Nacional de Artes Cênicas e da Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco.

Foi também a Feteape que, em julho, promoveu a Mostra Estadual de Teatro Amador em dobradinha com a II Mostra de Teatro Infantil, com dezessete peças no total, todas ocupando o Teatro do Parque. Da programação voltada para as crianças, excetuando *O Rei e o Jardineiro*, do Grupo *Cala Boca Já Morreu!*, com texto de Toinho Alves, adaptado por Carlos Lira, sob direção de José Manoel; participaram somente estreias daquele ano, *Senhor Rei*, *Dona Rainha*, do Haja Teatro, com texto de Benjamim Santos e direção de Elmar Castelo Branco; *Flor de Maio*, de Maria Cristina Furtado, com produção do Grupo Flor e Sendo; e, como representante do interior pernambucano, *Zap, Zupt, Traques e Truques Para Manter o Verde Vivo*, com a Troupe Espantalho, de Arcoverde, em criação coletiva do Grupo Feira de Teatro Popular, com



Flor de Maio

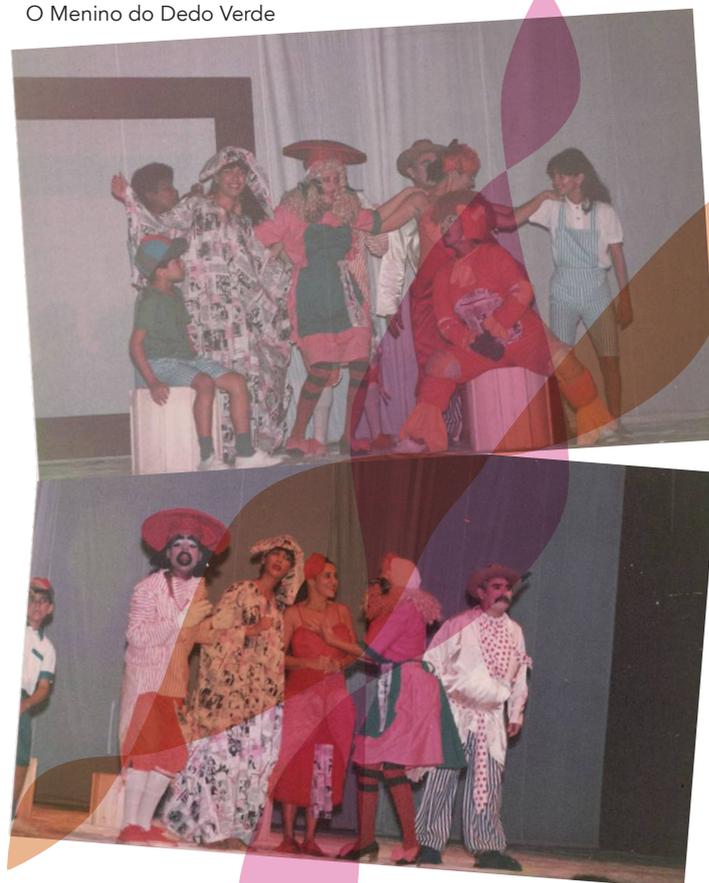
direção de Romualdo Freitas. Sob coordenação de Williams Sant'Anna, Didha Pereira, Marcelino Dias, Jorge Costa, Rudimar Constâncio e Francisco Alves, o evento contou com apoio da Fundacen, Fundarpe, Livro 7 e Fundação de Cultura Cidade do Recife.

Naquele 1º semestre de 1989, a Companhia do Sol apresentou um novo trabalho mais específico para alunos de escolas, *O Sal da Terra*, com texto e direção do produtor Paulo André Guimarães. Mas uma das mais aguardadas estreias do ano para o público em geral foi promovida pela Dramart Produções, a partir de março, com o musical *O Menino do Dedo Verde*, **adaptação de Romildo Moreira a partir do texto do francês Maurice Druon, com músicas de Allan Sales e André Filho, e direção musical deste último.** A obra conta a história de Tistu, um menino que busca a paz e o amor entre as pessoas e tem o poder de transformar qualquer objeto em flores. A direção foi entregue a José Manoel, que fez questão que o adaptador do livro fosse Romildo Moreira. A jornalista Graça Gouveia escreveu

sobre o assunto no *Diário de Pernambuco* (18 de março de 1989):

O texto, adaptado por Romildo Moreira, tem tudo a ver com a nossa mais urgente realidade: desde a preocupação ecológica da história, como a discussão sobre justiça social e outros problemas atuais. Mas isto não significa que os guris-espectadores vão ser massacrados com tiradas filosóficas indigestas ou com diálogos monótonos. A trama (...) vai sendo desenvolvida no clima de um musical, pois são exatamente 23 músicas distribuídas no espaço de uma hora que ajudam a transmitir a mensagem de Tistu. "Esta é uma família feliz/ apesar da crise feliz/ Mamãe tão atenciosa/ Papai tão educado/ criados para servir.../" com versos irônicos e bem-humorados como estes, o espetáculo tem início e André Filho e Allan Sales desfilam todo o tempo seu potencial criativo, preocu-

O Menino do Dedo Verde





O Menino do Dedo Verde

pados em variar o máximo possível na forma de composição, de maneira a não deixar cair na monocordicidade um texto tão complexo e que, por si só, já exige uma reflexão apurada.

A peça esteve em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira e participou ainda do Festival de Inverno de Campina Grande (PB), no Teatro Municipal Severino Cabral. Depois, foi ao Teatro 4 de Setembro, em Teresina (PI), além de apresentação na Colônia Penal do Bom Pastor, no Recife, e no Manicômio Judiciário de Itamaracá (PE), através do Projeto Coringa, iniciativa da Feteape, com José Manoel à frente. **Dois garotos se revezavam no papel do Menino, Hugo Leonardo e Rogério Medeiros, com oito anos cada.** O ator Luiz César, que vivia o pai do Tistu, recordou com carinho de uma passagem desta convivência, no livro *Memórias da Cena Pernambucana* – 02 (op. cit., p. 47.):

Lembro que um deles, já no final da temporada, viu a platéia por uma fresta da cortina e me falou: “painho, como é que esse povo não abusa? A gente faz toda semana e esse pessoal vem ver sempre”. Eu, então, respondi: “não, meu filho, são pessoas diferentes. Nós é que ficamos os mesmos do lado de cá”. Foi aí que ele compreendeu.

Ainda no elenco, **Fábia Marques, Socorro Raposo, Grace Maia, Eliane Quirino, André Moura, Fátima Campos, Flávio Santos, Ivone Cordeiro,**

**Cláudia Pontes, Picchetto Saianni e Verônica Alencar, além dos músicos Déborah Nádia, Robson Couto e Allan Sales.** Em junho de 1989, outro trabalho dirigido por José Manoel, a peça *Avoar*, voltou em cartaz para poucas sessões no Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos pela manhã, paralelamente à temporada de *A Revolta dos Brinquedos*, da Circus Produções Artísticas, que, desde maio, já conseguia atrair ótimo público ao Teatro Apolo, num momento em que as pessoas ainda tinham certa rejeição àquele espaço. A produção executiva era da Ilusionistas Corporação Artística, **com Moisés Neto e Mísia Coutinho à frente. No elenco, Buarque de Aquino, Marcus Vinícius, Vavá Paulino, Conceição Camarotti, Kalyna de Paula (substituída por Penha Camarotti), Xico Ribeiro e a estrepante Clarice Andrade.** A jornalista Inês Cunha, no *Diário de Pernambuco* (4 de junho de 1989), quis descobrir o porquê do sucesso da peça:

Para Moisés [Neto] o que contribui para esse sucesso da atual montagem “é a direção de José Francisco, ágil e inteligente, que prende por usar recursos que superam as meras influências

A Revolta dos Brinquedos



cinematográficas ou mesmo gags usadas tão comumente em outras montagens para criança. Nós não tratamos a criança como anormal. E também o elenco. É difícil reunir um cast como o da "Revolta" (...) a história de uma menina má, que maltrata e quebra seus brinquedos, ignorando que os bonecos também têm vida, à sua maneira. E numa noite, eles se revoltam e resolvem julgar sua dona pelas malvadezas cometidas contra eles, criando um tribunal, com advogados de acusação e de defesa, juiz e testemunhas. Trata-se de um espetáculo que diverte pessoas de qualquer idade, contando mesmo um sabor de crítica a certos comportamentos da sociedade, alcançando o objetivo de divertir e instruir, ao mesmo tempo.

Com texto surgido como resultado de uma oficina de construção de textos aplicados à psicologia infantil, ministrada pelo psicólogo Antônio Guinho e a teatróloga Fátima Ortiz, dentro do Projeto Criança Ano II, promovido pela Feteape em 1986, Didha Pereira finalmente conseguiu encenar *O Paraíso é Azul?*, de sua autoria. A obra trouxe tema polêmico à cena, a morte, através de um garoto que vive obrigado a cuidar de uma irmã pequena, enquanto seus outros irmãos brincam na rua. Ele, então, cria um mundo fantasioso para si. **Com músicas e coreografias do próprio diretor e direção musical de Fábio Lima**, a peça foi uma produção conjunta entre a Marcus Siqueira Produções Artísticas e o Teatro Popular dos Coelhoos, cuja estreia aconteceu em 7 de setembro de 1989, com entrada franca, no ainda inacabado Teatro Marcus Siqueira. O espaço estava sendo construído na rua Bituruna, no bairro dos Coelhoos, mas acabou não concluído, virando um posto médico. Cumprindo, depois, temporada no Teatro Apolo, **no elenco estavam Carmelita Pereira, Mônica Holanda,**



O Paraíso é Azul?

Juraci Vicente, Avanizes Bezerra, Judilson Dias, Ana Márcia Melo, Cássia Mascena, José Lira, Rick Nascimento, Beto Lima, Rui Costa, Jorge Souza e o próprio autor e diretor. A montagem conquistou o prêmio de **Melhor Espetáculo no III Festival Brasileiro de Teatro Infantil, em João Pessoa (PB)**, ainda em 1989 e, no início de 1990, representou Pernambuco no II Festival Nacional de Integração das Artes Cênicas, na cidade de Resende (RJ).

Outras opções de estreia no ano de 1989 foram *As Filhas do Sol*, de Carlos Gomes, com direção de Irageu Fonseca, pelo Grupo de Teatro Berro



As Filhas do Sol



Muitas Luas



A Bela Adormecida

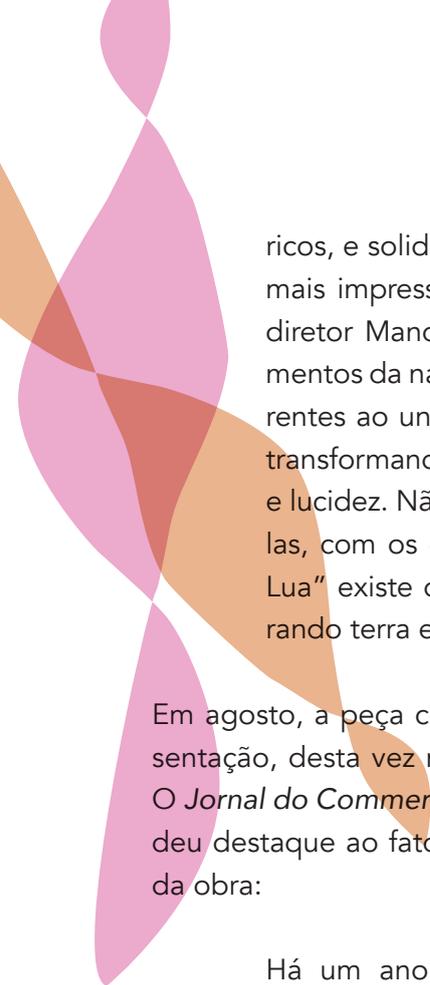
d'Água, em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges; *Além do Arco-Íris*, com direção de Walmir Chagas, pelo Grupo Gente Nossa, que pôde ser visto no Teatro Apolo; *Muitas Luas*, texto de Tatiana Belinky e direção de Enéas Alvarez, numa montagem da Portugal Produções, em cartaz também no Teatro Apolo; e *A Bela Adormecida*, da Chocolate Produções Artísticas, com adaptação, roteiro e direção de Ulisses Dornelas e coreografias de Fátima Freitas, que atraiu excelente público aos domingos, às

10 horas, por quatro meses no Teatro de Santa Isabel. Ainda no 1º semestre de 1989, continuando temporada de sucesso no Teatro Barreto Júnior, a peça *Maria Borracheira*, da Papagaios Produções Artísticas, ganhou resenha crítica da jornalista Cleide Jane na *Folha de Pernambuco* (9 de abril de 1989):

Imagine se todas as crianças. Ao invés de ouvirem falar numa Cinderela doce, maltratada pela madrasta, e que acha por acaso um príncipe encantado, ouvissem uma Cinderela consciente de seus limites, determinada nas atitudes, esperta, convivendo com Maracatus, Bumba-meu-boi, caboclinhos e dançasse ciranda; Certamente conheceria desde cedo a cultura regional, partindo para uma valorização quase que imediata (...) "*Maria Borracheira*", em cartaz aos sábados e domingos, no Barreto Júnior, sempre às 16h30, permite à criança momentos de reflexão sobre a maldade e a bondade do homem e suas peripécias. (...) O texto de Vladimir Capela (sic) é cheio de poesia, ao mesmo tempo que consegue exprimir em cada palavra, símbolos e significados identificados com o regionalismo. (...) O elenco é trabalhado de tal forma que o mais simples personagem ganha vida – como Rosalinda (Sílvia Marques), que faz uma criada "atrevida" para os

Maria Borracheira





ricos, e solidária com os pobres. O que mais impressiona é a maneira como o diretor Manoel Constantino utiliza elementos da natureza tão lógicos e indiferentes ao universo infantil, como a lua, transformando-a num símbolo de amor e lucidez. Não é uma lua vista nas escolas, com os olhos bocas. Aqui a “Mãe Lua” existe de maneira poética, misturando terra e céu, realidade e ficção.

Em agosto, a peça comemorou sua 100ª apresentação, desta vez no Teatro de Santa Isabel. O *Jornal do Commercio* (26 de agosto de 1989) deu destaque ao fato, com depoimento de fãs da obra:

Há um ano em cartaz o espetáculo infantil “Maria Borracheira” completa neste sábado a sua centésima apresentação no Teatro Santa Isabel, (...) onde a garotada se deliciará com sorvetes, bolos de aniversário, além do coquetel para os pais. (...) Segundo o professor de Artes Cênicas da UFPE e autor do livro “A Linguagem do Teatro Infantil”, Marco Camarotti, “Maria Borracheira” é um dos melhores trabalhos que o teatro infantil pernambucano produziu nos últimos anos. E a explicação de seu sucesso tem certamente a ver com a experiência, o cuidado e a sensibilidade daqueles que estão por trás dessa montagem, (...) de quem busca compreender e cumpliciar-se com a realidade do mundo infantil”. Já o autor e diretor Romildo Moreira, um dos representantes da Confederação Nacional de Teatro, comenta que “(...) Todos os componentes técnicos da montagem de “Maria Borracheira”, têm a dose precisa para que o espetáculo seja no mínimo brilhante. Os figurinos, cenários, coreografias e músicas nos

dão um pouco de sonho dos contos de fadas ao mesmo tempo em que nos empurram para as nossas raízes culturais, utilizando a plástica e costumes dos nossos folguedos populares, numa recriação bonita e criativa” finaliza Romildo Moreira.

No término de 1989, após um ano e quatro meses de temporada, com público calculado pela produção em trinta mil crianças, *Maria Borracheira* fez suas últimas apresentações no Teatro de Santa Isabel, passando ainda para o Teatro do Parque com sessão especial para escolas. Outra peça que celebrou vitórias desde a sua temporada inicial, de maio a junho, foi *Senhor Rei, Dona Rainha*, do Haja Teatro, com texto de Benjamim Santos e direção de Elmar Castelo Branco, trabalho que retornou ao palco do Teatro José Carlos Cavalcanti Borges em agosto, ficando em cartaz até outubro, sempre aos sábados e domingos, às 16 horas. O espetáculo mostrava a quase impossível história de amor entre cartas de um baralho, um valete e uma dama de naipes diferentes, filhos de famílias vizinhas e inimigas. A graça maior fica por conta das peripécias de um coringa que faz de tudo para concretizar o romance. **No elenco, George Demétrios, Jacqueline Saunders, Marcos Amorim, Normando Roberto Santos, Paulinho Mafe (substituído por Taveira Júnior) e Pietra Alves.** O produtor e ator do grupo, Paulinho Mafe, lembrou do projeto no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 02* (op. cit., p. 190).

Voltei somente em 1989 [após três anos afastado do teatro], quando Pietra Alves, que nem fazia parte do grupo, deu-me a idéia de montar o infantil *Senhor Rei, Dona Rainha*, de Benjamim Santos. Do grupo inicial do Haja Teatro, acho que ninguém mais estava fazendo teatro naquele tempo, só eu, e passaram a ingressar no grupo, George Demétrios, Jacqueline Saunders, a própria Pietra, Marcos Amorim e Normando



Senhor Rei,  
Dona Rainha



Roberto Santos, que retornava à equipe. Como Carlos Varela não pôde nos dirigir, convidei Elmar Castelo Branco, responsável ainda pela maquiagem, cenografia, figurinos e adereços. Otacílio Júnior assinou a coreografia, e convidei Ronaldo Brissant para fazer a produção artística, cumprida maravilhosamente bem. Essa peça foi uma co-produção com o Projeto Universo, um movimento alternativo que existia no Recife ligado aos universitários, sob a coordenação de Sérgio Xavier. Uma matéria do *Jornal do Comércio* (11 de agosto de 1989) pontuou os objetivos desta parceria:

Segundo os produtores, "Senhor Rei, Dona Rainha" é um projeto sintonizado

com a socialização da arte e tem como objetivo levar crianças carentes ao teatro, questionando a elitização dos espaços culturais e despertando a produção artística para a realidade sócio-econômica do Recife. Esta meta, explicam, é alcançada através do Projeto Universo que promove a distribuição de convites e transportes a diversas comunidades carentes da cidade. (...) Na sua primeira temporada, realizada de maio a junho, o espetáculo foi visto por cerca de quatro mil pessoas, metade deste número de crianças carentes. O Projeto Universo foi criado em 1986 nas universidades de Pernambuco para desenvolver atividades científicas, ecológicas e sócio-culturais, visando enriquecer a formação do universitário e discutir alternativas para os problemas da sociedade.

Outro sucesso de bilheteria que também voltou ao cartaz foi *Maria Minhoca*, da Paulo de Castro Produções Artísticas, com direção do mesmo, que ocupou o Teatro do Parque com novidades no elenco, agora composto por Suzy Oliveira, Izaltino Caetano, João Ferreira, Paulo de Castro e Walmir Chagas. O figurino continuava assinado por Diva Pacheco, com cenário de Jair Miranda. No entanto, outras novidades a cada

Maria Minhoca



dia de apresentação eram constantes, conforme o *Diário de Pernambuco* (16 de dezembro de 1989):

“Maria Minhoca” – segundo Paulo de Castro – teve na atual versão uma movimentação e interação com o público, oferecendo surpresas a cada nova encenação. Neste final de semana, por exemplo, contará com a participação especial do mágico Lu-Gon (sic), fazendo mágicas e jogando brilho para a criançada.

Em matéria no mesmo jornal no dia seguinte (17 de dezembro de 1989), Paulo de Castro voltou-se ao enredo da conhecida peça:

Sobre o tema do espetáculo, comenta o diretor que se trata de uma história de amor e poder. O amor representado por Maria Minhoca e Chiquinho Colibri, e o poder pelo Capitão Quartel. O pai de Maria Minhoca, Mister Buldog, deseja o casamento de sua filha com o Capitão por este ter poder, só que Maria Minhoca está apaixonada pelo adolescente Chiquinho Colibri que retribui esta paixão. “Sem dúvida é uma grande obra de Maria Clara Machado que delicia a platéia durante 60 minutos”.

O Grudage (Grupo da Gente) foi o 1º grupo cabense a fazer temporada no Recife, no Teatro Barreto Júnior, com a peça estreada naquele ano, *O Sapateiro do Rei*, de Lauro Gomes, com direção de Ednaldo Oliveira, durante um mês, a partir de setembro de 1989, participando do Projeto Sideral. O enredo aborda a exploração do trabalho humano e acontece num reino onde o soberano abusa do poder e exige que o sapateiro real faça quinhentos pares de sapato em uma semana. No elenco, Edinilson Oliveira, Totô Santos, Francisco Alves, Jô Azevedo (Jose-



○ Sapateiro do Rei

te Maria Mendonça), Edes Oliveira (Edes di Oliveira), Edson Oliveira, Neide Natureza, Luiz de Lima Navarro e Evanny Copino (Evânia Copino). Por sinal, esta peça venceu o X Festival de Teatro de Bolso (Tebo) como Melhor Espetáculo Infantil, além de ter ganho o título de Melhor Atriz para Evanny Copino (Evânia Copino). Já o Melhor Ator foi Paulinho Mafe, por *Senhor Rei*, *Dona Rainha*, do Haja Teatro. Ninguém levou o troféu de Melhor Diretor. No entanto, Otacílio Júnior – que assinava as coreografias de *O Sapateiro do Rei* e de *Senhor Rei*, *Dona Rainha* – conquistou o Prêmio Especial do Júri pelo seu desempenho como coreógrafo em várias montagens. Partici-

param também da competição as produções infantis *As Filhas do Sol*, do Grupo de Teatro Berro d'Água, e *O Paraíso é Azul?*, da Marcus Siqueira Produções Artísticas e Teatro Popular dos Coelhoos, em novembro daquele ano.

Ainda em setembro, a Feteape promoveu, sob coordenação de Didha Pereira, Avanizes Bezerra e Marcelino Dias, o projeto Os Pombos Voltam às Praças, no Circuito das Praças Ano II, a fim de descentralizar a produção teatral, fazendo com que esta chegasse à periferia. Ao todo, durante dois meses, foram vinte apresentações nas praças da Várzea, da Torre, da Matarazzo (nos Coelhoos), do Trabalho (Casa Amarela), da União dos Moradores do Pina, de Jardim São Paulo, da Vila Maria Inês (Ipsep), do Engenho do Meio, do Derby, do Morro da Conceição e do Largo de Santo Amaro. Com foco especialmente nas crianças, foram programados os espetáculos *Os Saltimbancos*, do Grupo Happening, de Garanhuns; *Zap, Zupt, Traques e Truques Para Manter o Verde Vivo*, da Troupe Espantalho, de Arcoverde; *O Menino Sonhador* e *O Paraíso é Azul?*, ambos da Marcus Siqueira Produções Artísticas (este último em parceria com o Teatro Popular dos Coelhoos); e *O Boi Daruê*, da Vanguarda Teatro Produções, da cidade do Jaboatão dos Guararapes.

Quase ao finalzinho do ano, o Teatro de Marionetes Bonecartes foi representar Pernambuco no IV Festival de Teatro de Bonecos, no Rio de Janeiro, com o espetáculo *Bumba-Meu-Boi do Capitão Boca Mole*, concebido na técnica de marionete de fios, com enredo repleto de manifestações folclóricas tipicamente pernambucanas. **No elenco, os atores manipuladores Laércio Júnior (também diretor e produtor), Sílvia Maris, Maurílio Lins, Alexandre Pereira de Araújo e as crianças Isabela e Joana (sem registro do sobrenome).** Naquele momento, também foi produzido *Show dos Baixinhos*, espetáculo recreativo em cima do programa de TV da

Xuxa, comandado pela atriz Mônica Vilarim, a "Xuxa do Nordeste", sob direção de Roberto Costa, junto a outras personagens, além da promoção de jogos e brincadeiras, aos domingos pela manhã, no Teatro Valdemar de Oliveira. Já na Fundação Cecosne, voltado para o público infantil e adulto, entrou em cartaz o espetáculo natalino *Jesus, o Menino Que Veio do Céu*, com texto e direção de Edson Moura, pelo Teatroneco, como uma das opções da Ludoteca, "área com brincadeiras, palhaços, bonecos gigantes, Circo da Fantasia e outras atividades recreativas", lembrou o *Diário de Pernambuco* (10 de dezembro de 1989). Uma outra matéria no mesmo jornal (23 de dezembro de 1989) abordou o espetáculo a partir de seus recursos de cena:

As técnicas utilizadas neste espetáculo variam das mais simples, como bonecos de luva com papel machê, bonecos de vara com cabeças confeccionadas por Pedro Boca-rica (grande bonequeiro e artesão), até a projeção de slides e utilização do Teatro de Sombra Chinesa. Além de todas essas prerrogativas técnicas, o espetáculo conta, também, com o trabalho de teatralização dos alunos da Universidade Popular Dom Hélder Câmara, como atores mirins.

Também estreou em 1989, no Teatro Barreto Júnior, aos domingos pela manhã, pela Companhia Parcas Sertanejas (às vezes registrada na imprensa como Companhia Augusta Ferraz), *Pluft, o Aveso Poético de Um Fantasmilha*, com a própria atriz e produtora no papel título. A peça foi concebida tendo como referência a tese de Denise Moreira de Souza, a partir da obra de Maria Clara Machado, e a ousada concepção do diretor Júnior Sampaio, calcada na linguagem do circo, colocou a atriz Augusta Ferraz de cabeça quase raspada como um menino, usando calça de suspensório e o corpo pintado com os seios à mostra (para surpresa de alguns



Pluft, o Aveso Poético de Um Fantasminha



pais), em meio a cenário formado por estruturas de ferro tubular onde o elenco exibia técnicas como equilíbrismo. O *Diário de Pernambuco* (16 de julho de 1989) deu mais detalhes sobre a proposta:

No Teatro Barreto Júnior está de volta o espetáculo "Pluft, o Aveso Poético de um Fantasminha", definido pela produtora Sarcas (sic) Sertanejas, como "uma poesia teatral com gosto de pastel de vento". Trata-se de uma montagem nova, com elementos circenses, mostrados através do personagem tio Gerúndio que cospe fogo enquanto assusta o malvado capitão Perna de Pau. Enquanto isso, Pluft canta o tédio de morar em uma casinha perdida na areia branca, perto de um mar verde e que, junto com as crianças da platéia, desmistifica o mundo fantasmagórico. A autora de Pluft é Maria Clara Machado, que mostra com delicada poesia a passagem que a criança faz do mundo

individual ao mundo social na direção de Júnior Sampaio.

Ainda que com pouco público, a montagem recebeu fartos elogios dos colegas da classe teatral, especialmente pela atuação de Augusta Ferraz como o fantasminha Pluft. Tertuliano Neto, Alberto Braynner, Vera Santana, Teo Carmargo, Rozendelfo Santos, Roberta Alencar e o próprio diretor Júnior Sampaio foram os outros intérpretes (Williams Sant'Anna, Leila Freitas, Patrícia França, Ana Luiza Accioly e João Maria atuaram como substitutos). Em 1990, o trabalho voltou ao cartaz com elenco ainda mais renovado. A direção musical era de Walmir Chagas. Ainda em 1989, surgiu na cidade de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife, *Super "R" Contra Mister "C"*, espetáculo de estreia do Grupo Teatral Risadinha, com texto e direção de Geraldo Cosmo e Josenildo José. Ao final daquele ano, como sempre fazia, o jornalista Valdi Coutinho teceu comentários no *Diário de Pernambuco* (28 de dezembro de 1989) sobre a

Pluft, o Aveso Poético de Um Fantasminha



produção daquele momento, que “ficou muito a dever” no segmento adulto, ainda que com trabalhos elogiados como *Fim de Jogo*, da Refletores Produções; *Calderón*, com alunos do Curso de Formação do Ator da UFPE e *O Atelier de Madame Rabat*, do Teatro de Amadores de Pernambuco, mas ressaltou a qualidade das montagens infantis:

O movimento teatral de Pernambuco – ainda considerado o terceiro pólo de produção, neste setor artístico, em todo o País – chega ao seu final com um saldo positivo se forem considerados dois aspectos bem distintos e marcantes do processo: de um lado, a resistência de uns poucos em busca de novas linguagens cênicas e a procura de propostas estéticas e interpretativas transformadoras para a releitura de consagrados e novos autores, e do outro, a insistência dos produtores em manter o interesse e a assiduidade do público com espetáculos atrativos, embora utilizando repetidas fórmulas e conhecidas soluções, com resultados satisfatórios. (...) O teatro infantil continua de vento em popa, com espetáculos de bom nível ocupando todas as casas de espetáculos durante todos os finais de semana do ano. Foram muitas as produções nessa categoria, sendo difícil mesmo enumerá-las, todas, mas podendo lembrar algumas: “Maria Minhoca”, de Maria Clara Machado, com a volta de Paulo de Castro às produções infantis, “Maria Borracheira”, de Vladimir Capella, direção de Manoel Constantino, “Pluft, o fantasma” [*Pluft, o Aveso Poético de Um Fantasma*], de Maria Clara Machado, direção de Júnior Sampaio, “Senhor Rei, dona Rainha”, de Benjamim Santos, “Palhaço Chocolate”, de Ulisses Dornelas e vários es-



Muitas Luas



O Menino Sonhador

petáculos grandiosos. “Flor de Maio”, de Maria Cristina, “Muitas Luas”, com a estréia de Enéas Alvarez como diretor, “O Menino Sonhador” e “O Paraíso é Azul?”, de Didha Pereira, “A Revolta dos Brinquedos”, com direção de José Francisco Filho, entre outros.

Na pesquisa intitulada *O Teatro No Recife a Partir de 1980: Uma Análise da Demanda* (2009, p. 9-61), Célio Pontes, observando a formação da cadeia produtiva do teatro, constatou:

Os anos oitenta marcam o período de maior desenvolvimento do teatro em Pernambuco. Havia uma expressiva oferta de peças em cartaz, com mais teatros em funcionamento e com uma

profusão de artistas, técnicos, produtores em arranjos amadores e semi-profissionais. Com poucos apoios e patrocínios e sem leis de fomento à produção, os espetáculos atraíam mais público e geravam mais receitas para as companhias. Entretanto, a partir do final dos anos noventa o promissor cenário para o exercício profissional do teatro no Recife não se consolidou com a esperada sustentabilidade. (...) É um período de transformações significativas na economia, na cultura e na comunicação; com mudanças que ainda repercutem. (...) Nem a intensa programação de espetáculos voltados às crianças na década de 80 parece ter provocado algum impacto na formação de novas plateias nos períodos seguintes. As crianças que outrora lotavam as sessões de teatro se voltaram para outros interesses, seja através da influência [da] televisão (...) ou com o advento da internet e games no início dos anos 90. (...) É o frágil reflexo das mudanças sociais e políticas que definem os altos e baixos do fazer teatral no Recife, a despeito de todas as conquistas e forte tradição histórica. (...) São ciclos contínuos que se alternam como bolhas que enchem, estouram e arrefecem. Fato que demonstra a baixa capacidade de auto-regulação do mercado para teatro no Recife.

